

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
ANDRÉA FERREIRA CARVALHO FALCONI**

**DINHEIRO NA MÃO É VENDAVAL
O CRIME DA RUA DO SAPO: UMA NOVELA DE GILBERTO DE ALENCAR**

Juiz de Fora
2019

ANDRÉA FERREIRA CARVALHO FALCONI

**DINHEIRO NA MÃO É VENDAVAL
O CRIME DA RUA DO SAPO: UMA NOVELA DE GILBERTO DE ALENCAR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientadora: Prof^a. Dra. Moema R. B. Mendes

Juiz de Fora
2019

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca CES/JF – CES/JF

F184

Falconi, Andréa Ferreira Carvalho,
Dinheiro na mão é vendaval. O crime da rua do Sapo: uma novela
de Gilberto de Alencar. / Andréa Ferreira Carvalho Falconi; orientador Dra.
Moema Rodrigues Brandão Mendes. - Juiz de Fora: 2019.
122 p., il.color.


Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) –
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2019.

1. Gilberto de Alencar. 2. O crime da rua do Sapo 3. Memória. 4.
Edição Princeps. 5. Edição Diplomática. I. Mendes, Moema Rodrigues
Brandão, orient. II. Título.

CDD: B869.1

FALCONI. Andréa Ferreira Carvalho. Dinheiro na mão é vendaval. O crime da rua do Sapo: uma novela de Gilberto de Alencar. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal, realizada no 2^o semestre de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes (CES/JF).



Prof^a. Dra. Valéria Cristina Ribeiro Pereira (CES/JF).



Prof. Dr. Marcelo dos Santos (UNIRIO/RJ).

Examinado(a) em: 27/09/2019.

Dedico esta pesquisa a mim mesma pela coragem e determinação, a Moema por acreditar em mim em todos os momentos deste percurso e a Gilberto de Alencar por me permitir o acesso ao mundo fascinante dos manuscritos autógrafos.

AGRADECIMENTOS

Em momento algum, o processo de pesquisa tornou-se enfadonho, principalmente pelo incentivo e suporte da Prof^a. Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes; a ela meu sincero reconhecimento pelo ensejo de elaborar esta pesquisa ao lado de alguém que exala sabedoria; meu respeito e imensa admiração pela sua capacidade de gestão primorosa, pela eficiência de análise do perfil de seus alunos e pelo Dom no ensino da Crítica genética, inibindo muitas vezes, seus conhecimentos para que seus alunos cresçam com simplicidade e eficácia.

À minha família, em especial ao meu marido Armando Falconi Filho pela paciência em todos os momentos delicados, ao estímulo e credibilidade ímpar.

A minha encantadora filha, Alice Carvalho Falconi que, com apenas 7 anos de idade presenteou-me com seu entendimento e doçura a cada vez que me dediquei à pesquisa e a Eliana das Neves Pereira (Doca) que sem ela, também, esta conquista não seria possível. A todos vocês pela compreensão da momentânea ausência e por não medirem esforços para que eu pudesse conquistar minha pós-graduação, meu preito de gratidão eterna.

A minha mãe Celeste Ferreira de Carvalho, mulher notável, ao meu pai Pedro Roberto de Carvalho, aos meus irmãos e cunhados(as) que me incentivaram em cada etapa da pesquisa.

A concepção desta dissertação, pelo viés da Crítica genética, foi possível devido à brilhante defesa da dissertação de Mestrado Acadêmico de Gina Mara Ribeiro Quintão Francisquini pelo título de Mestra nesta Instituição, por meio da qual apresentou Gilberto de Alencar e brindou-me com o manuscrito inédito que agora compartilho com todos, a você minha amiga, gratidão e carinho.

A Anicézia Pereira Romanhol Bette que com sua sabedoria e amorosidade facultou-me fruir de sua revisão de texto eficiente no momento que eu pleiteava ingresso ao Mestrado em Letras desta Instituição, incentivando-me como sempre o faz. Obrigada querida amiga!

A todos os professores do Mestrado em Letras dos CES/JF, que, carinhosamente e com proficiência, possibilitaram-me momentos de muita reflexão e conhecimentos novos, minha gratidão sincera.

Aos funcionários do CES/JF, que também, colaboraram para manter um ambiente propício ao estudo.

Aos examinadores Prof^a. Dra. Valéria Cristina Ribeiro Pereira e Prof. Dr. Marcelo dos Santos que, com uma visão limpa, contribuíram para o enriquecimento desta pesquisa. Ao Museu de Arte Murilo Mendes – MAMM, local onde se preservam bens culturais, que me franqueou acesso explorativo aos manuscritos de Gilberto de Alencar e a todos os funcionários que, prontamente, contribuíram para o andamento desta pesquisa.

O papel que se torna pó não espera que
nossa consciência desperte para seu
destino.
Aloisio Castro.

RESUMO

FALCONI, Andréa Ferreira Carvalho. **Dinheiro na mão é vendaval. O crime da rua do Sapo**: uma novela de Gilberto de Alencar. 122f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

Esta pesquisa teve como finalidade elaborar uma Edição *Princeps*, quando se publica um texto pela primeira vez, e Diplomática, quando se faz uma transcrição rigorosa e conservadora de todos os elementos presentes em um documento literário como sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, preservação vocabular e preservação de escrita. O objeto eleito para esta elaboração foi a novela inédita produzida pelo escritor mineiro, Gilberto de Alencar, intitulada **O crime da rua do Sapo**. Este *dossiê* genético está sob a guarda do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) na cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais, lotado no Acervo Alencar, no Fundo do titular. O cânone literário brasileiro pode se caracterizar, em parte, por um viés de exclusão. Neste sentido, por meio da leitura desta obra, foi identificada uma ruptura com o cânone, ao se constatar que a produção alencariana se posiciona frente a um espaço não mais de exclusão, ocupando significativamente um lugar que o insere, como escritor, no grupo dos (re)conhecidos literatos brasileiros. Alicerçada nestas informações decidiu-se por fundamentar esta investigação, em um eixo de perspectiva, segundo o qual a memória individual é elaborada a partir da memória coletiva; desse modo, à Edição *Princeps* e Diplomática desta novela, resultado da referida pesquisa, contribuirá para a preservação e a manutenção da história coletiva e individual da cidade de Juiz de Fora, local onde se desenvolveu a trama novelesca. Este diálogo memorialístico foi ampliado pelas teorias que envolvem os estudos de arquivos pessoais, apoiados nos fundamentos da Crítica genética em interseção com as linhas teóricas da literatura que se fizerem necessárias para intuir o contexto por trás do texto. Este é o grande encanto do arquivo pessoal: revelar o homem-escritor atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcaram a produção da referida novela ainda em estado de prototexto.

Palavras-chave: Gilberto de Alencar. O crime da rua do Sapo. Memória. Edição *Princeps*. Edição Diplomática.

ABSTRACT

This at elaborating a First Edition, when a text is published for the first time, and a Diplomatic Edition, when a rigorous and conservative transcription of all the elements present in a literary document such as abbreviative signs, marks of punctuation, breaks in the paragraface, voca bulary preservation and writing preservation. The object chosen for this elaboration was the unpublished novel produced by the writer from Minas Gerais , Gilberto de Alencar, entitled **The crime of the street of the Sapo**. This genetic dossier is under the custody of the Murilo Mendes Art Museum (MAMM) in the city of Juiz de Fora in Minas Gerais, where the Alencar Collection is stored in the area where his collection is kept. The Brazilian literary field can be characterized, in part, by a bias of exclusion. In this sense, through the reading of this work, a rupture with the canon was identified, when it was recognised that Alencarian production stands in a space no longer of exclusion, occupying significantly a place where it inserts him, as a writer, in the field of recognized Brazilian writers. Based on this information, it was interesting to base this research in an axis of perspective, according to which the individual memory is elaborated from a collective memory; thus contributing to the preservation and full maintenance of the collective and individual history of the city of Juiz de Fora, where the plot of the novel takes place. This memorialist dialogue was augmented by the theories surrounding the study of personal archives, based on the foundations of Genetic Criticism in intersection with the theoretical lines of literature that were necessary to perceive the context behind the text. This is the great charm of the personal archive: to reveal the man as a writer attested by the spontaneity and intimacy that marked the production of this novel still in a state of a prototext.

Keywords: Gilberto de Alencar. The crime of the street of the Sapo. Memory. First Edition. Diplomatic Edition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- IMAGEM 1 ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.1. Manuscrito21
- IMAGEM 2 ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.5.
Manuscrito.....22
- IMAGEM 3 ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.1.
Manuscrito.....23
- IMAGEM 4 ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.23.
Manuscrito.....24
- IMAGEM 5 ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.21.
Manuscrito.....25
- IMAGEM 6 ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.19. Manuscrito.....26

IMAGEM 7	Jornal Diário da Tarde de Belo Horizonte de 02/02/1958.....	72
IMAGEM 8	Jornal Dário da Tarde de Belo Horizonte, de 02/02/1958.....	73
IMAGEM 9	ALENCAR, Gilberto. O crime da rua do Sapo . Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.11. Manuscrito.....	75
IMAGEM 10	ALENCAR, Gilberto. O crime da rua do Sapo . Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p. 25. Manuscrito.....	76
IMAGEM 11	ALENCAR, Gilberto. O crime da rua do Sapo . Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p. 27. Manuscrito.....	77

LISTA DE SIGLAS

MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
CES/JF	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	REDESCOBRINDO GILBERTO DE ALENCAR.....	20
2.1	UM ACERVO, UMA HISTÓRIA.....	26
2.2	UMA CIDADE, UMA RUA, UM CRIME.....	29
3	A NOVELA: O CRIME DA RUA DO SAPO.....	46
3.1	A EDIÇÃO DE MANUSCRITOS: UMA TEORIA, VÁRIOS CRITÉRIOS.....	58
3.2	A EDIÇÃO: UM CERTO ESTADO INACABADO DO TEXTO.....	70
4	CONCLUSÃO	111
	REFERÊNCIAS	114
	ANEXOS.....	121

INTRODUÇÃO

A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.
Arthur Schopenhauer.

Esta pesquisa tem como finalidade elaborar uma edição *Princeps*, quando se publica um texto pela primeira vez, e Diplomática, quando se faz uma transcrição rigorosa e conservadora de todos os elementos presentes no documento como: sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, preservação vocabular e preservação de escrita, esclarece Cambraia (2005), um dos teóricos que o trabalho apresenta para estruturar o que tange à elaboração das edições:

Naturalmente o trabalho de edição é suficientemente complexo e extenuante para justificar restrições quantitativas, mas o que salta aos olhos é a descontinuidade: não se trata apenas do problema de se editar um número restrito de obras, mas sim de não haver produção sistemática e, além disso, sob a responsabilidade de especialistas (CAMBRAIA, 2005, p. 55),

pois, ao elaborar uma edição *Princeps* e Diplomática do conteúdo de uma obra inédita, pressupõe-se perpetuar uma voz até então desconhecida ou esquecida, mantendo viva a memória do autor. Conforme teoriza Carvalho e Silva apud César Nardelli Cambraia (2005), há algumas ações que devem ser consideradas neste tipo de elaboração:

- A fixação de princípios que devem orientar o trabalho da reprodução e da elaboração de todos os tipos de edições de textos.
- A aplicação de tais princípios e normas gerais a diferentes tipos de textos, tendo em vista os contextos histórico-culturais em que estão integrados.
- A preparação de edições fidedignas ou de edições críticas, enriquecidas, sempre que recomendável, de estudos prévios, notas explicativas ou exegéticas destinadas a valorizar o labor autoral (CARVALHO; SILVA apud CAMBRAIA, 2005, p. 18-19).

Identifica-se nas teorias defendidas por Almuth Grésillon (2007) um complemento significativo às afirmações de Cambraia (2005):

Classificar e decifrar os documentos de um dossiê genético são duas operações conjuntas e solidárias que são efetuadas num vai-e-vem permanente. É somente por razões heurísticas que nós as abordaremos. Os *dossiês* genéticos apresentam grandes diferenças entre si, tanto quantitativas quanto qualitativas, devidas às diversas práticas dos escritores (uns escrevem

na “cabeça”, outros precisam ver tudo sobre o papel; uns têm uma escritura regular e legível, outros, uma escritura impulsiva e difícil de ser decifrada etc.), aos tipos de texto (o *dossiê* de um romance, diferenças à parte, é mais espesso que o de um poema lírico) e à transmissão (exaustiva ou lacunária) dos documentos (GRÉSILLON, 2007, p.155. Grifo do autor).

A partir destas observações iniciais, retoma-se o objeto eleito para esta edição que é a novela inédita produzida pelo escritor mineiro, Gilberto de Alencar, intitulada **O crime da rua do Sapo**.

Os manuscritos que compõem este *dossiê* genético estão sob a guarda do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no Acervo Alencar, no Fundo do titular.

Apresentando a novela, o escritor mineiro inicia a narrativa com a seguinte reflexão: “De fato é isto, as fortunas fazem-se e desfazem-se. Só o que tem é que se desfazem muito mais rapidamente” (ALENCAR, 1947, p.1), o que permite dialogar com o verso “Dinheiro na mão é vendaval” (1975) de autoria do cantor e compositor, Paulinho da Viola, cujo refrão muitos catarolam ou catarolaram em algum momento de suas vidas. Este diálogo resgata e representa bem uma das reflexões de Maurice Halbwachs (2003) ao afirmar que:

Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos (HALBWACHS, 2003, p.55).

Assim, as imagens ativadas com “fortunas que fazem-se e se desfazem-se” (ALENCAR 1947, p.1) é proficiente para (re)construir a experiência individual e coletiva do ser humano, ao mesmo tempo que funciona como um dínamo que transforma o passado em presente a fim de registrar os anais históricos de uma sociedade.

Nesta obra, **O crime da rua do Sapo**, identifica-se um narrador detalhista, que privilegia cada recorte realizado dentro da trama, tanto no que diz respeito às personagens, quanto às descrições de lugares e arredores da cidade de Juiz de Fora.

A título de melhor conhecimento da obra em questão será apresentada, abaixo, parte da descrição do protagonista Antonio Coutinho em um texto que é construído por um narrador seletivo, crítico e múltiplo que define com precisão os atores. Coutinho, segundo o narrador, é um sujeito forte, de aproximadamente 34 anos, agente da polícia do estado de São Paulo.

Antonio Coutinho de Oliveira, não faz diferença ou faz pouca. Sujeito forte, esse Coutinho, corpulento, ali pelos trinta annos, a rigor trinta e quatro, cara mesmo de policia, cara gorda, sempre muito bem escanhoadada e luzidia. Luzidios também eram os cabellos, cuidadosamente penteados para traz, a risca. Gravata vermelha sobre o peito vasto, lenço ora verde, ora azul, pendente do bolso de cima do paletó. E um largo correão de fivela apertando o ventre boleado. [...]. As calças, por exemplo, todos hão de suppô-l-as amplas e quasi tão largas nos pés quanto no cós, cobrindo mais de dois terços dos pesados sapatões de sola dupla. Supposição verdadeira (ALENCAR, 1947, p.1).

Como é possível determinar, esta novela é narrada em terceira pessoa e passa-se no ano de 1947, tendo como ambiente espacial o centro da cidade de Juiz de Fora e suas imediações.

À proporção que a trama se desenrola, o autor incita o leitor a uma percepção, que o leva a uma reflexão sobre a manutenção dos valores carcomidos e significativos da sociedade juizforana em meados do século XX. A avareza, a hipocrisia, a solidão e as extravagâncias ficam bem registradas no fragmento,

Barbosa não escondia a desestima, parecia mesmo fazer questão de mostrar-a bem mostrada, porém Coutinho era o contrario. Se no fundo aborrecia o tio muito mais do que o tio desqueria, não dava nisso demonstração alguma, nem franca, nem discreta. Quando se quer herdar, e o agente da Segurança Publica queria isso mais que tudo, a regra é desgostar, mas não deixar que o desgosto se torne conhecido e de qualquer forma possa prejudicar a herança ou mesmo, frustral-a. Não vale a pena que certos desgostos, andem correndo as ruas (ALENCAR, 1947, p. 4).

Manoel Pinto Barbosa, personagem-protagonista, citado acima, era tio de Antonio Coutinho e regulava pelos sessenta e dois anos; era baixo, magro, curvado, andava devagar, olhos pequenos e vivos, encovados e bigode grisalho. Quanto ao estado civil, era viúvo. Residia na cidade de Juiz de Fora, e para ele, ficar solteiro era mais interessante e mais seguro já que seu intuito era continuar enriquecendo. Chegou milionário à casa dos sessenta, com privações inúmeras até mesmo alimentares. Avaro ao extremo, chegou a ser considerado o maior proprietário de casas da cidade de Juiz de Fora à época.

Por causa de sua fortuna, Manoel Pinto Barbosa foi assassinado, por meio de um crime cometido a mando do sobrinho Antonio Coutinho, entretanto, por falta de provas, o caso foi encerrado da seguinte forma: para a polícia foi colapso, para o sobrinho susto e para Perdigão, (o assassino) murro, prevalecendo a opinião da polícia.

Após estes acontecimentos, Antonio Coutinho herdou a fortuna do tio, entretanto suas extravagâncias financeiras tornaram-no pobre e sozinho, atestando os versos

“Dinheiro na mão é vendaval/ Dinheiro na mão é solidão” (VIOLA, 1975), confirmando, assim, a tragédia metaforizada em **O crime da rua do Sapo**.

E para a execução deste trabalho científico qualitativo, é necessária uma ampla pesquisa bibliográfica e exploratória com teorias propostas por autores que já estudaram sobre o mesmo assunto. Os elementos desta pesquisa serão coletados e interpretados com embasamentos teóricos sobre a Crítica textual, a Crítica genética e as manifestações da Memória.

E perpassando o olhar crítico genético a fim de analisar a capacidade substancial da memória, constata-se que, em algumas circunstâncias, ela se torna fragmentária, incompleta, e o processo de circulação documental com o intuito de eternizar o que envelhece preenche as lacunas da história que se deseja imortalizar, fato laborioso, que exige do pesquisador um comprometimento fidedigno ao texto criticado.

Quanto à fidedignidade textual, ao se adentrar no universo da Crítica genética, por meio do processo de criação de cada obra, utilizando os manuscritos autógrafos da mesma, ou quaisquer outros prototextos, importa ressaltar que a conservação física dos referidos documentos é de essencial relevância para o desenvolvimento da pesquisa com esta abordagem.

Neste caso, os manuscritos inéditos da novela, **O crime da rua do Sapo**, de Gilberto de Alencar, formam uma documentação em bom estado de conservação, escritos a lápis, medindo 45,5cm de comprimento, por 20cm de largura, apresentando pequenas deteriorações, efeito da ação de insetos de papel, em grande parte no segmento inferior do *fólio*, que entretanto, em nada comprometem o entendimento e integralidade do texto.

A memória, sob o ponto de vista da criação e sob a manifestação do texto escrito, tem mais chances de ganhar voz e de ser ouvida, quando, metonimicamente, é revisitada. Acredita-se que a interface memória individual e memória coletiva permita que se possa conhecer, (re) constituir e (re) contar parte da história de Juiz de Fora e dos protagonistas de **O crime da rua do Sapo**.

Esta pesquisa, portanto, representa um complemento de espaços e interpretações referentes à figura literária de Gilberto de Alencar, e, neste sentido, esta dissertação possui ainda o escopo de perpetuar o fazer literário do escritor mineiro, pois Gilberto de Alencar é ainda pouco conhecido, por isso, percebe-se a necessidade de divulgação de sua produção, assim como a iminência de se trabalhar o prototexto do

manuscrito inédito que aguarda estabelecimento adequado para, então, disponibilizá-lo para o público leitor da obra gilbertiana.

Este trabalho visa, de forma singular, a relatar a importância da preservação de manuscritos de obras literárias custodiadas em acervo público e visa a ampliar a fortuna crítica da produção literária do escritor.

Para isso, o engendramento desta Dissertação ficou assim composto: logo após a **INTRODUÇÃO**, na seção **2.** intitulada **REDESCOBRINDO GILBERTO DE ALENCAR** intenta-se revelar um escritor ainda desconhecido ou pouco conhecido, um homem de vários talentos, que soube transitar e ter voz em meio ao cenário sociopolítico-cultural ao qual pertenceu. A subseção 2.1, **UM ACERVO, UMA HISTÓRIA**, delinea-se a perspectiva de uma reflexão sobre a política de conservação, abrigo de acervos em instituições públicas e a questão da doação, do Acervo Alencar, à Instituição museológica MAMM. Na subseção 2.2, **UMA CIDADE, UMA RUA, UM CRIME**, busca-se elencar a importância do entrelaçar de trajetórias entre Literatura e espaços urbanos. As cidades são constituídas de ruas, movimentos, acontecimentos que interferem na história sociocultural das *urbes* e inúmeros escritores baseiam-se nos fatos ocorridos nos espaços urbanos, nas ruas, a fim de (re)contarem os acontecimentos, muitas vezes, numa visão crítica, com pinceladas irônicas tendo como respaldo o fazer literário. Na seção **3. A NOVELA: O CRIME DA RUA DO SAPO** explora-se uma elucidação sobre gênero narrativo, a fim de estabelecer uma melhor caracterização do termo novela, relatando de maneira sucinta a trama novelesca com o intuito de melhor situar o leitor. Na subseção 3.1, denominada **A EDIÇÃO DE MANUSCRITOS: UMA TEORIA, VÁRIOS CRITÉRIOS**, levanta-se a exploração do termo Crítica genética, assim como a explicação da terminologia Edição *Princeps* e Edição Diplomática, pois o pilar desta pesquisa é sustentado nesta teoria que forneceu todos os suportes teóricos para que as edições documentais do manuscrito inédito pudessem ser elaboradas. Tal aparato genético permitiu que na subseção seguinte 3.2, **A EDIÇÃO: UM CERTO ESTADO INACABADO DO TEXTO** a novela fosse transcrita idêntica ao manuscrito autógrafo, pois para que uma edição seja caracterizada como Diplomática, a ortografia vigente, e todo o documento é transladado exatamente igual ao manuscrito original, possibilitando assim que a memória linguística seja re(visitada). Por fim, na seção **4.** será apresentada a **CONCLUSÃO**, seguida das **REFERÊNCIAS** e dos **ANEXOS**.

2 REDESCOBRINDO GILBERTO DE ALENCAR

Souberam-me maravilhosamente estas memórias. Gilberto de Alencar é romancista excelente, não se sabe por que mystério, não atravessa as fronteiras da província e não lhe dá o logar a que ele tem direito entre os nossos ficcionistas.

Raquel de Queiroz

Gilberto Napoleão Augusto de Alencar, conforme Mendes e Quintão (2017) foi um homem engajado na contemporaneidade, preocupado e envolvido com a cidade que elegeu para morar, Juiz de Fora. Ele nasceu em Minas Gerais, no arraial de João Gomes, posteriormente chamado Palmira e, atualmente, Santos Dumont, no dia 1º de dezembro de 1866 e faleceu em Juiz de Fora em 4 de fevereiro de 1961. Ainda segundo as pesquisadoras, ele foi casado com Sofia Áurea do Espírito Santo, também mineira e com ela teve cinco filhos: Heitor de Alencar, Emília de Alencar, Cosette de Alencar, Maria da Conceição de Alencar e Fernando de Alencar.

Após o seu falecimento, em 1961, seu acervo ficou sob a guarda de sua filha, Cosette de Alencar (1918-1973), escritora e colunista de jornais mineiros. Com o falecimento de Cosette, o bem cultural da família Alencar passou à custódia de Marta de Alencar e Sousa, sobrinha de Cosette e neta de Gilberto. A mesma firmou contrato de doação com o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 13 de abril de 2007 (MENDES; QUINTÃO, 2017).

Conforme as estudiosas (2017), Gilberto de Alencar publicou várias obras entre elas romances, e produziu textos jornalísticos para os quais assinou com variados pseudônimos: Zangão, G., G. de A., Germano D'Aguilar, João do Carmo e Napoleão.

Segundo Falconi e Mendes (2019), Alencar soube fazer-se inesquecível em qualquer tempo no meio em que transitou, devido a seus inúmeros talentos, o que lhe conferiu o epíteto de homem de cinco faces¹ a saber: 1. romancista – este mineiro enveredou-se pelos caminhos literários, produzindo romances, entretanto, esta reflexão reporta-se somente a citar algumas destas publicações, sem analisá-las, como **Prosa**

¹ Este parágrafo originou-se de um artigo em coautoria com a professora doutora Moema Rodrigues Brandão Mendes, intitulado O entre lugar e a memória em **O crime da rua do Sapo**, apresentado nos anais da UFJF, VIII Jornada Literária do PPG Letras: Estudos Literários 2018, conforme *site*: Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/398f3f_304fdb726dd04cf58740cb0b0c7d98e9.pdf. Acesso em: 30 jun. 2019.

rude (1926), **Misael e Maria Rita** (1953), **O escriba Julião de Azambuja** (1962) e **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** (1946); 2. funcionário público - A trajetória intelectual do escritor juizforano foi marcada pelo fascínio das letras, tanto que atuou como funcionário público no período de 1920 a 1940, assumindo em 1945, o cargo de diretor do Serviço de Educação Pública do município de Juiz de Fora; 3. jornalista – A paixão do literato mineiro pela escrita jornalística, fê-lo enveredar-se pelas rotas periódicas bem cedo. Por causa dela, exerceu a função de diretor de jornal, de redator, de articulista, de cronista, assinando colunas em vários jornais na cidade de Juiz de Fora e região. Sua veia jornalística se estendeu a outras terras Gerais como Belo Horizonte, São João Del Rei; e terras do estado do Rio de Janeiro, despontando dentre muitos, pelo talento da escrita; 4. tradutor - dominando o idioma francês, foi tradutor de obras famosas as quais foram publicadas pela editora Itatiaia, tais como **Adorável Marquesa** (romance da madame Pompadour, 1958) de André Lamber, **Maria Stuart** (rainha e mulher, 1958) de Jean Plaidy e a 5ª face, a intelectual² - ocorre, devido ao seu posicionamento crítico em questões na cidade e fora dela, como, por exemplo, membro integrante da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira de número 21. Sua erudição conferiu-lhe afirmações diversas, tais como a de Paulino de Oliveira em:

Gilberto, como sabemos, além de ter sido um dos intelectuais que mais se realçaram nas letras mineiras em todos os tempos, foi o homem mais espirituoso que conheci. Não para contar anedotas, como Aristarco Pais Leme, mas para colocar em letra de forma qualquer fato que merecesse um comentário jocoso.

² O enfoque que a pesquisa confere em relação aos diversos sentidos que a palavra intelectual abrange está atrelado às reflexões das pesquisadoras Ivete Walty e Maria Zilda Cury, no livro **Intelectuais e vida pública: migrações e mediações**. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2008. Segundo as estudiosas retomam-se, hoje, sobretudo no meio universitário, os debates sobre o papel do intelectual e o âmbito de sua atuação. E do meio acadêmico, partem questionamentos sobre o papel do agente cultural, do escritor. Mas quem é esta figura, capaz, ainda hoje, de gerar polêmica? O conceito de intelectual tem, pois experimentado, ao longo do tempo, ênfase nesse ou naquele aspecto conforme a situação histórica em que é usado, aí incluída aquela em que estamos inseridos enquanto agentes da vida acadêmica. Há, no entanto, um denominador comum que gostaríamos de apontar, o fato de que o intelectual ocupa uma posição de mediador, de intermediário no concerto das relações sociais. Há ainda a visão complementar que as estudiosas Walty e Cury trazem das teorias de Michel Foucault e Bobbio para configurar mais o direcionamento de sentido da palavra intelectual: “O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento; na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso (WALTY e CURY, 2008, p. 22. Grifo do autor). As pesquisadoras complementam a reflexão com o discurso do pensador palestino Edward Said que afirma que “o fundamental para o intelectual é perturbar o seu público, causar-lhe embaraço, ser do contra, não em busca do consenso com base em um idealismo romântico, mas em busca de sempre enxergar a razão do outro” (WALTY e CURY, 2008, p. 24). É neste sentido pois, que a pesquisa apresenta a palavra intelectual, a fim de classificar uma das faces do escritor Gilberto de Alencar.

Tinha sal, e às vezes pimenta, tudo quanto ele escrevia nesse gênero. Daí o sucesso que se poderia prever para a sua revista, se chegasse a escrevê-la e encontrasse quem a representasse (OLIVEIRA, 2001. Não paginado).

Assim, Gilberto de Alencar reflete as faces de muitos saberes que compõem uma personalidade ímpar que facultou-lhe circular entre as intelectualidades por meio de uma escrita repleta de arrebatamentos críticos.

Redescobrir este escritor compreende atualizar sua Fortuna crítica reconhecendo os trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre o autor até esta data. São teses de Doutorado e dissertações de Mestrado acadêmico que elencam a relevância da escrita crítica e inteligente do referido autor.

Para isso, registramos os resumos das teses e dissertações de pesquisadores que trabalharam neste manancial de possibilidades discursivas, prestando serviço à importante tarefa de preservar a memória nacional. Sobre a elaboração de Fortunas críticas pondera Sônia Brayner:

Esta coleção [Fortuna crítica 1] visa a proporcionar ao estudioso de letras os textos críticos mais significativos, devidos a críticos nacionais e estrangeiros, acerca de escritores brasileiros.

Procura incluir artigos e estudos de várias épocas, objetivando dar uma evolução da fortuna crítica dos mesmos. [...]

O critério predominantemente é da qualidade crítica. Em seguida, o valor histórico, os aspectos documental e de depoimento (BRAYNER, 1977, p. 5).

Os resumos abaixo citados com a finalidade agregar à Fortuna crítica do autor priorizam o aspecto documental de tais trabalhos acadêmicos, contribuindo vultuosamente para ampliar a força e originalidade das linhas gilbertianas.

RESUMO: A presente tese tem por objetivo investigar o lugar ocupado pelo escritor Gilberto de Alencar (1886-1961), como um intelectual moderno que intervém no espaço público por meio da escrita, na sociedade de seu tempo. Para tal propõe-se caracterizar suas diversas faces enunciativas configuradas nos gêneros discursivos em que atuou: jornal, crônica, diário e romance. A pesquisa, realizada em consulta a hemerotecas digitais, bibliotecas e arquivos históricos, adotou, como recorte temporal, as publicações posteriores a 1930, cotejando-as, quando necessário e produtivo, com as do período anterior. Quanto ao recorte temático, priorizam-se o trabalho, a política e a escrita, com o propósito de procurar conhecer o desenvolvimento de suas abordagens sobre o assunto na variação de sua produção. Com base nos teóricos Sartre, Bobbio, Miceli, acredita-se que a exposição argumentativa do escritor pesquisado e suas reflexões, mediadas pela palavra no espaço público, possam ser entendidas como uma de suas características de intelectual moderno. A pesquisa também aponta os paradoxos que permeiam sua obra, em virtude dos momentos em que justifica os interesses da classe média, principalmente após a década de 1940, em contraponto com os momentos em que se posiciona a favor do trabalhador (ARAÚJO, 2018. Não paginado.).

RESUMO: Esta tese tem como objeto de estudo a análise do romance **Tal dia é o batizado** (o romance de Tiradentes), de Gilberto de Alencar (1886-1961), do ponto de vista de sua construção e do papel aí exercido pela história em sua interface com a ficção e a memória coletiva. O exame da correspondência ativa e passiva do autor, localizada em acervos diversos, constitui, entre outras fontes bibliográficas, subsídio importante para análise da obra. Ainda, serão apresentados alguns pontos de convergência e divergência no diálogo intertextual entre as narrativas, **Tal dia é o batizado** e a novela **Eu, Tiradentes**: confissões do maior mito da História do Brasil, de Pascoal Motta (1990). O romance **Tal dia é o batizado** tem ambiência no século XVIII, em Minas Gerais, e focaliza a saga de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, principal herói (e mártir) do movimento que veio a ser conhecido na história do país como Inconfidência Mineira. Ficção, história e imaginário mesclam-se, pois, na bem urdida trama tecida pelo autor, impondo, assim, dentro da proposta do trabalho, maior aprofundamento de conceitos e aspectos teóricos relativos, entre outros, a “romance histórico”, “memória coletiva”, “imaginário”, “ficcionalização” (MACIEL, 2013. Não paginado.).

RESUMO: Esta tese propõe, a elaboração de uma edição crítica e genética do romance Memórias sem malícia de Gudesteu Rodvalho, de Gilberto de Alencar a partir de dois manuscritos denominados manuscrito A (MsA) e manuscrito B (MsB), e duas edições. A primeira, de 1946, financiada pelo autor em Juiz de Fora, MG e a segunda, de 1957, pela editora Itatiaia, Belo Horizonte, MG. Fundamentados nas teorias de crítica textual e crítica genética, já que a 1ª tem por objeto o texto e a 2ª tem por objeto o prototexto, processou-se o cotejo deste *dossiê* formado pelos quatro documentos: 2 edições, em vida, e 2 manuscritos. A incursão pela gênese está registrada em um banco de dados, implementado pelo programa PAGER MAKER 6.5, associado ao WINDOWS. Este programa “armazenou” o processo criativo do escritor Gilberto de Alencar. Mediante o estabelecimento das variantes e a análise das rasuras, promoveu-se uma visão detalhada de parte do processo de alterações constituído por substituição, adição e/ou supressão de palavras, expressões e parágrafos, para, então, relacionar os segmentos rasurados com a totalidade do texto. À esta pesquisa, importou um outro procedimento: o campo ANEXO, preenchido com dados relativos à documentação complementar, que se encontra relacionada diretamente aos documentos analisados no *dossiê*. Esta edição genético-crítica de Memórias sem malícia de Gudesteu Rodvalho propicia várias sugestões para futuros estudos sobre o autor. O contato com os manuscritos da obra é um ato de resgate que preserva a construção da história social do homem em sua trajetória cultural (MENDES, 2010. Não paginado.).

RESUMO: Esta dissertação de Mestrado em Letras, apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu*, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, (CES/JF), pretende, a partir de três diários (1941) escritos por Gilberto Napoleão Augusto de Alencar (1886-1961), agregar Crítica Genética, Crítica Textual, Memória e Transdisciplinaridade à análise destes manuscritos, objetivando desvendar e analisar a intencionalidade no processo criativo dos mesmos, concomitante a um levantamento biográfico, e elaborar uma edição de fontes deste lote documental. Tais diários estão custodiados pelo Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), sob administração da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em Minas Gerais. Os diários manuscritos constituem peças do Acervo Alencar, lotados no Fundo do titular, Gilberto de Alencar. O referencial teórico que fundamenta esta pesquisa alia investigação histórica e literária, por meio da conciliação de diversas áreas do conhecimento. Junto a estas ações serão revisitadas as experiências e reflexões vivenciadas e produzidas pelo escritor – narradas no período que compreende maio de 1941 a dezembro do mesmo ano. Serão apontados os caracteres documental e literário que esses diários permitem identificar, observando os aspectos acessório e essencial da narrativa registrados, bem como a influência de atores sociais mencionados por Alencar. Analisou-se, ainda, o aspecto híbrido desses

diários, uma vez que possuem relatos pessoais e observações de natureza diversa, com a finalidade de resgatar o processo de gênese no arquivamento de suas memórias (FRANCISQUINI, 2017. Não paginado.).

Importa ressaltar mais detidamente que evidenciar a face engenhosa da escrita de Gilberto de Alencar, por meio dos resumos das teses e dissertações, oportunizará novos estudos acadêmicos, como afirma Brayner:

Acredita o diretor da coleção [Fortuna crítica 1] que ela [a fortuna crítica] será de extrema utilidade sobretudo aos estudantes de letras de nossas universidades. Através dos juízos de seus críticos, é a própria literatura brasileira que nos mostra os trabalhos reunidos, sem falar de uma evolução da própria crítica, tanto do ponto de vista dos princípios quanto no aspecto metodológico (BRAYNER, 1977, p. 5).

Em sequência,

RESUMO: A presente pesquisa investigou as missivas emitidas pelo jornalista Mário Gonçalves de Matos (1888 / 1966) ao escritor e também jornalista Gilberto de Alencar (1886 / 1961) no período que compreende os anos de 1939 a 1957. Trata-se de um lote integral de 18 cartas assinadas por Matos lotado no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), sendo 16 destas manuscritas, 1 telegrama e 1 digitoscrito, totalizando 36 documentos, todos enviados de Belo Horizonte. Movimentos foram feitos na busca pela localização da correspondência ativa de Gilberto de Alencar recebida por Matos. Após consultas à Academia Mineira de Letras (AML), ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB/FCRB), à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e à Universidade de Itaúna (UIT), concluiu-se, momentaneamente, que o acervo de Mário Matos ainda esteja em posse dos herdeiros. O objetivo desta investigação foi elaborar uma edição de fontes da referida correspondência, criando notas explicativas que pudessem elucidar lacunas de interesse para a pesquisa literária. Como critério básico, foi realizada a transcrição deste lote que se encontra sob a custódia do já citado MAMM, no Acervo Alencar, no fundo Gilberto de Alencar. O referido Museu é administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), ambos localizados em Minas Gerais. A metodologia aplicada foi exploratória, bibliográfica e documental, consultando fontes primárias e secundárias que se fizeram necessárias para a elaboração destas notas. As teorias que envolvem os estudos de Arquivos pessoais depositados em instituições públicas e Crítica genética, sob o olhar da Epistolografia, apoiados nas teorias literárias, fundamentaram esta pesquisa. Este trabalho é uma ação do projeto de pesquisa O resgate das escrituras: da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para a composição de um dossiê genético-crítico, o qual, devidamente registrado no CNPq, é sediado pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e liderado pela Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes. Estudar a correspondência ativa de Mário Matos permite visitar diversas áreas do conhecimento como processo de criação literária, da história à psicologia, da filosofia e de experiências vividas ou imaginadas. É a presença da memória que fortalece a imortalidade (NOLASCO, 2017. Não paginado.).

RESUMO: O propósito desta pesquisa é elaborar uma edição anotada da correspondência entre os signatários Renato Vianna (1894-1953), escritor, dramaturgo, advogado, diretor e ator de teatro, e Gilberto de Alencar (1886-1961), escritor, redator, romancista, cronista, jornalista e professor. Este conjunto documental de cartas encontra-se depositado no fundo arquivístico de Gilberto de Alencar que está sob a custódia, desde 2007, do Museu de Arte

Murilo Mendes (MAMM) administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Este dossiê é constituído pela transcrição integral das missivas acompanhadas de notas explicativas, as quais compõem a edição anotada. Esta investigação trabalha o lote de 21 documentos que compreende os anos de 1925 a 1927, data de finalização da troca de cartas. A presente pesquisa baseia-se nos estudos de arquivos pessoais, apoiados nos fundamentos e pressupostos teóricos da Crítica Genética e epistolografia como fonte de pesquisa literária, em diálogo com importantes linhas teóricas da literatura e com a dramaturgia. Esses princípios visam a instituir um *corpus* epistológico fidedigno, com uniformidade textual, apontando as marcas da criação literária registradas nas missivas e a troca de experiências de escrita complementadas com sugestões sobre o fazer literário, replicado por ambos correspondentes (ROSESTOLATO, 2015. Não paginado.).

RESUMO: A presente pesquisa fundamentou-se no estudo das teorias intertextuais como fenômeno literário. Esta abordagem destaca o fato de que as obras não se isolam no seu sentido original, mas se complementam independentemente dos interesses dos escritores e da época em que foram escritas. Apesar de haver uma diferença de 65 anos entre a primeira publicação das obras **Cidade do sonho e da melancolia**, de Gilberto de Alencar em 1926, e **Boca de chafariz**, de Rui Mourão em 1961, há nelas a mesma preocupação quanto à preservação das tradições nacionais. Esta análise envolve três momentos: o primeiro perpassa a teoria da micro e da macroanálise das narrativas, o segundo detém-se no cotejo dos romances, a fim de observar as semelhanças e diferenças na construção do tema comum e o terceiro volta-se à importância da antiga Vila Rica, hoje Ouro Preto, como parte da construção histórica de Minas Gerais, justificando, assim, a interdisciplinaridade temática. O desenvolvimento desta investigação valeu-se da modalidade qualitativa, com o apoio metodológico de natureza histórica e descritiva do tema, em base bibliográfica e virtual. Os resultados evidenciaram importante presença do diálogo intertextual e interdisciplinar entre os textos ficcionais analisados, com registros históricos, objeto central desta dissertação (ARAUJO, 2013. Não paginado.).

RESUMO: Esta pesquisa apresenta um estudo da obra **Memórias sem malícias de Gudesteu Rodvalho**, do escritor mineiro Gilberto de Alencar, a partir de um conjunto documental de cartas remetidas ao escritor. Este diálogo epistolar foi ampliado com o acréscimo da correspondência de Cosette de Alencar, escritora e filha do titular. Este acervo, depositado no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), em Juiz de Fora, definiu duas condutas de investigação: a primeira foi a elaboração de uma edição de fontes ou edição anotada das missivas, que se destinou a comentar o romance escolhido, e a segunda teve sua origem nas críticas dos signatários, que se valeram da escrita epistolar, para glosar sobre a relação intertextual situada entre o romance citado e a obra **O Ateneu**, de Raul Pompéia. Duas fontes teóricas, portanto, fundamentaram esta pesquisa: a intertextualidade, responsável por parte dos estudos desenvolvidos, e a Crítica Genética, responsável pela parte dos registros, permitindo intuir o contexto por trás do texto. Este é o grande feito do arquivo pessoal: revelar o homem-escritor atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcaram a correspondência pessoal (SOUZA, 2013. Não paginado.).

Assim, os resumos registrados nesta pesquisa conferem cada vez mais validação à escrita gilbertiana, colocando em evidência o legado literário deste autor para gerações de pesquisadores atuais e futuras, pois, segundo Michel Foucault em sua obra intitulada **O que é um autor?** (FOUCAULT, 2000, p. 150) “o ato de escrever

é pois mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”. E o fato deste trabalho catalogar esses documentos a fim de que o outro leia constitui um dos acessos existentes ao patrimônio cultural do escritor mineiro, como pode-se aferir a seguir.

2.1 UM ACERVO, UMA HISTÓRIA

A mão que recorta e reúne, mais que qualquer outra também encena, em mosaico, a memória e a história do pesquisador e da crítica de forma mais explícita.

Maria Zilda Ferreira Cury

O ato de arquivamento é uma atitude quase que involuntária ao homem. Documentos, cartas, objetos, cartões postais, bilhetes, fotografias, por exemplo, são guardados, pois retratam períodos marcantes de diferentes momentos da vida.

Segundo Jacques Derrida em sua obra **Mal de arquivo** (DERRIDA, 2001), a palavra arquivo é muito familiar. Advém do grego *arkhê*, designando ao mesmo tempo o começo, o lugar ou casa onde se guardam tudo que é de ordem superior. É assertivo afirmar, portanto, que o acervo abriga em si mesmo a memória, seja ela em suporte papel, telas, joias, dentre outras. O fato é que os arquivos representam a materialidade da reminiscência, muitas vezes, do que já não é material.

Diante do sentido amplo que a palavra arquivo dispõe, pode-se considerar então, que os museus simbolizam as casas que alojam tudo que seja de valor supremo. Eles seriam os guardiões da memória, os quais possibilitam tocar o passado a fim de ressignificar o presente. E é sobre esse retorno pregresso que Philippe Artières argumenta em:

Imaginemos por um instante um lugar onde tivéssemos conservado todos os arquivos das nossas vidas, um local onde estivessem reunidos os rascunhos, os ante textos das nossas existências. Encontraríamos aí passagens de avião, tíquetes de metrô, listas de tarefas, notas de lavanderia, contracheques; encontraríamos também velhas fotos amareladas. No meio da confusão, descobriríamos cartas: correspondências administrativas e cartas apaixonadas dirigidas à bem-amada, misturadas com cartões postais escritos num canto de mesa longe de casa ou ainda com aquele telegrama urgente anunciando um nascimento. Entre a papelada, faríamos achados: poderia acontecer de esbarrarmos com nosso diário da adolescência ou ainda com algumas páginas manuscritas intituladas "Minhas lembranças de infância" (ARTIÈRES, 1998, p.9 grifo do autor),

ou seja, esta sensação de (re)encontro que pode ser individual ou coletiva a qual é retratada por Artières, como algo de valor para o indivíduo.

Conservar documentos a fim de serem redescobertos torna-se atitude primordial da coletividade e, às vezes, a voz desconhecida, anônima ou célebre encontra-se numa gaveta, em prateleiras de museus que, para serem conhecidas, lembradas, replicadas é necessário que haja circulação pelos espaços museológicos a fim de que o reconhecimento da memória, do tempo e do espaço com o objeto que se analisa seja passível de representação de um passado distante ou remoto. Segundo Claudia Barbosa Reis,

Museus trabalham com memória, independente do tema que abordem. O fato de catalogarem, conservarem estudarem e exporem os itens que agregam obriga a essa relação memorial perene. Não apenas na realização de uma mostra, publicação ou curso. O vínculo se forma por meio da pesquisa, que amplia as formas de ver e de compreender cada item. Os museus são assim, por sua constituição, as instituições mais aptas a estabelecer uma mediação entre o literário e o social, quer a partir de uma obra, de um aspecto da vida literária ou por meio da contextualização do fenômeno literário (REIS, 2017, p. 79).

Esta pesquisa também está atrelada aos espaços museológicos, pois os manuscritos autógrafos inéditos de **O crime da rua do Sapo**, encontram-se alocados no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) na cidade de Juiz de Fora, conforme já dito e propositalmente retomado, a fim de ampliar as informações e melhor esclarecer o leitor.

Este acervo foi doado à sociedade, por meio do MAMM, pela família Alencar em 2009 com a intenção de disponibilizar à pesquisa pública as produções do referido escritor, juntamente com sua biblioteca.

O trabalho desta dissertação com documentos inéditos somente foi possível, porque alguém revirou os papéis, limpando a poeira das escrituras gilbertianas permitindo que esta voz esquecida de Minas, repleta de crítica bem urdida, adentrasse à vista do pesquisador, revigorando-a e aguçando os segredos das entrelinhas que aguardam deciframentos.

Os manuscritos de obras editadas e inéditas, a biblioteca do escritor mineiro e artigos autorais, passaram da custódia do espaço doméstico-familiar para uma instância sociocultural; e o trânsito histórico deste acervo contou com o trabalho de gerenciamento árduo, profícuo da curadora, pesquisadora e geneticista Moema Rodrigues Brandão Mendes, que elaborou, catalogou todo o *dossiê* genético do acervo

Alencar, realizando uma empreitada cultural junto à família para que o referido acervo pudesse chegar ao MAMM em condições totalmente integrais de pesquisa. E decodificar as diversas possibilidades do manuscrito pelo viés da Crítica genética, percorrendo as vias do processo de criação da novela do autor em estudo, é executável pelo fato de o acervo Alencar estar sob guarda e conservação de uma instituição comprometida com a cultura local, regional e nacional. Os museus abrigam relíquias expressivas e são entidades que estão a serviço social e cultural, como registra Cláudia Barbosa Reis em:

A principal função do museu voltado para a literatura será fazer valer essa capacidade de transmitir o conteúdo da obra, das imagens mentais transformadas em texto, do estilo e da linguagem utilizados com esse fim, tudo isso num contexto que abranja a biografia, o ambiente, a época e o texto; enfim todo o universo da criação literária (REIS, 2017, p. 79).

Existe a necessidade primordial de preservação destas riquezas literárias depositadas em museus; e tais relíquias contam com a política de preservação vigente no Brasil a fim de que a população possa usufruir da completude de uma obra, porém a realidade atual difere um pouco da consciência de manutenção das relíquias da nação brasileira, muito embora existam instituições que gerenciam as relíquias depositadas em seus interiores com mais atenção; mas o descaso ainda persiste em se tratando de preservação de bens culturais no país. O pesquisador e restaurador Aloisio Arnaldo Nunes de Castro(2017) registra informações em seu artigo, a fim de chamar atenção da sociedade para o quesito preservação, principalmente em suporte papel:

A despeito do pioneirismo e da importância das iniciativas basilares na preservação do patrimônio documental, que remontam às primeiras décadas do século passado, assim como dos múltiplos esforços preservacionistas empreendidos pelas instituições detentoras de acervos e pela sociedade em geral nas últimas décadas, observamos que ainda são poucos os estudos dedicados à história da preservação do patrimônio cultural no Brasil, conforme se pode constatar num rápido exame da produção científica nos últimos anos. [...] Há de se ressaltar, ainda, o fato de que acervos em papel – compreendidos pelas coleções bibliográficas, documentais e de obras de arte em suporte de papel – representam, em termos quantitativos um dos maiores estoques informacionais e culturais do país (CASTRO, 2017, p. 32/33).

Diante disso, importa assinalar que os referidos manuscritos encontram-se no Acervo Alencar, no fundo intitulado: Gilberto de Alencar. A salvaguarda documental deste acervo fustiga a refletir sobre as afirmações de Louis Hay, “[...] a crítica genética chegou, ao mesmo tempo, muito tarde e muito cedo. Muito tarde porque o passado é

um monstro que devora os papéis; muito cedo porque o futuro é um mágico que poderá passar sem isso” (HAY, 2003, p. 79).

Assim percorrer as veredas museológicas, abrindo arquivos, deitando análise investigativa na intimidade das escrituras de um autor, a fim de acompanhar o processo de criação, somente é possível devido à consciência de preservação destas instituições que constituem berços culturais da humanidade.

2.2 UMA CIDADE, UMA RUA, UM CRIME

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.
Italo Calvino

O gênero policial não se subdivide em espécies. Apenas apresenta formas historicamente diferentes”.
Boileau-Narcejac

Cada vez mais a contemporaneidade volta o olhar para as cidades; e este interesse desdobra-se em muitos seguimentos da sociedade, tais como governamentais, arquitetônicos, filosóficos, meio acadêmico, dentre outros. No meio acadêmico literário, essa perspectiva à medida que se desenvolve, resgata a importância da *urbe*, como universo indiscutível de encenação de seus habitantes, fomentando reflexões de que a cidade seja não mais só um espaço, um palco social para a representação dos costumes de uma sociedade, e sim, a *urbe* torna-se personagem de narrativas modernas, a fim de (re)valorizar a cidade e a cultura. O conglomerado de ruas, casas, prédios, árvores e pessoas forma uma cidade, onde fatos assolam ou impactam o cotidiano citadino de cada lugar, reproduzindo assim, certas características daquela cidade. E é neste viés que Renato Cordeiro Gomes (1999) preconiza ao expressar que:

A cidade se dá em espetáculo a seus habitantes, é o espetáculo da civilização em sua história e sua atualidade; seu solo é o espelho que registra nossas ações. [...] a visão totalizante da cidade torna-se impossível, mas denota-se, antes, uma urgência, na medida em que a cidade determina nosso cotidiano e dá forma aos nossos quadros de vida; é nosso presente turbulento e nossos velhos medos (GOMES, 1999, p. 20).

É ainda Canclini apud em Renato Cordeiro Gomes (1999) quem diz que:

[...] O espaço urbano é o lugar privilegiado de intercâmbio material e simbólico do habitante citadino, também se verifica aí uma distribuição desigual desse capital simbólico, parte de agudização das contradições e desigualdades internas das cidades (CANCLINI apud GOMES, 1999, p. 21).

Apesar de o território urbano promover o intercâmbio, ao longo do tempo, dos cidadãos, contribuindo para a formação cultural da *urbe*; a presença constante da desigualdade gera inúmeros transtornos às cidades, tais como: revoltas públicas, vulnerabilidades sociais, epidemias que, são retratadas na Literatura, como meio de resgate histórico e ao mesmo tempo como mecanismo de discordância com o panorama social; como registrou Wilson Cid (2018), em: [...] “Afinal, o cólera cumpria o destino de todas as epidemias. Foi-se, de um momento para o outro, da mesma forma como havia surgido” (CID, 2018, p. 68). E é por meio deste elo, entre Literatura e culturas urbanas, que nos deparamos com acontecimentos que vão delinear o retrato das metrópoles e seus habitantes, os costumes e as características da comunidade em torno. E Gilberto de Alencar traz esse perfil bem traçado dos costumes de uma Juiz de Fora do início do século XX, quando escreve em:

Teimava Barbosa em usar ainda botinas de plástico, que lhe duravam annos e annos, sem nunca serem engraxadas, desmentindo assim cabalmente o preconceito dos fabricantes de graxa e de calçado, que annunciam não prescindir este do uso daquela, se quer ter duração. O plástico é que aguentava menos tempo e se esgarçava. Tanto quanto as botinas se não mais, duravam-lhe os ternos de casimira. Embora os escolhesse sempre dos muito baratos e da pior qualidade, duravam até ficarem esverdeados fôsse qual fôsse a côr primitiva, salvo se já foi verde, quando então, ficavam ruços. Chapéus de lebre, ou feltro, se adquiriu dois ou tres a vida toda, foi o maximo. Comprara o ultimo, de feltro quando ainda tinha pretos os cabellos que agora estavam inteiramente brancos, de um branco sujo, que apenas via agua de longe em longe e sabonete ou mesmo sabão, jamais. É verdade que podia seguir a moda e não usar chapéo, mas das modas, como dos policiaes o que queria era socego (ALENCAR, 1947, p.4. Manuscrito).

É por meio da escrita literária que cidades e seus costumes são demarcados. E este imbricamento entre Literatura e cidades suscita a sensação ao leitor de que a *urbe* passa a ter alma, ela se apresenta como *persona* de verdade. Pode-se compará-la, para configurar uma representatividade, a um peão que gira e a cada giro proporciona novas emoções a serem contadas sob a ótica do poeta; e assim, permanecendo em constante movimento, gerando mudanças de cenários, como aponta Ivete Walty (2014)

em: “A construção da cidade representa a construção da sociedade brasileira em seus contrastes. A cada edifício ou rua construída, a cada hotel ou teatro, busca-se aplainar tais contradições e o que se faz é acirrará-las” (WALTY, 2014, p. 80). É ainda Doreen Massey apud Ivete Walt quem endossa este viés quando afirma que,

O espaço é a construção relacional, aberta, múltipla, não acabada e sempre em devir, marcando-se pela coetaneidade, pela imbricação de trajetórias e de estórias. As cidades se constroem como intensas e heterogêneas constelações de trajetória, exigindo uma negociação complexa (MASSEY apud WALTY, 2014, p. 105)

Esse cruzar de trajetórias a fim de se contar uma história é percebido na construção da narrativa da novela estudada, quando o narrador começa a descrever o comportamento de uma das personagens-protagonista - Manoel Pinto Barbosa, que interage com o espaço urbano: [...]“la sempre examinar as casas à venda que lhe indicavam, examinava por fora, plantado no meio da rua, percorrendo com os olhos vivos a fachada, o telhado, as portas e janellas, o terreno” (ALENCAR, 1947, p.19. Manuscrito). Observa-se ainda que a análise da importância de uma cidade, está diretamente ligada ao que ela traz de mais marcante; e este destaque se dá por uma trajetória de ação que é originada pelas ruas que as habitam, e é João do Rio apud Ivete Walty (2014), quem demarca a relevância das ruas para a corporificação de uma cidade em: [...] “A rua sente nos nervos essa miséria da criação e, por isso, é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas” (WALTY, 2014, p. 85). De fato, a rua se torna o palco para a representação da cidade, é ainda Walter Benjamim apud Ivete Walt que esclarece esta representatividade:

As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes. Para este ser coletivo, as tabuletas das firmas, brilhantes e esmaltadas, constituem decoração mural tão boa ou melhor que o quadro a óleo do burguês; os muros com *défense d'afficher* [proibido colocar cartazes] são sua escrivania, as bancas de jornal, suas bibliotecas (WALTY, 2014, p. 106, grifo do autor).

E João do Rio, com uma definição poética, traduz o pensamento dos dois teóricos citados acima cuja reflexão retrata a importância da rua na vida das cidades.

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdão, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da

miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. Não paga ao Tamagno para ouvir berros atemorados de leão avaro, nem à velha Patti para admitir um fio de voz velho, fraco e legendário. Bate, em compensação, palmas aos saltimbancos que, sem voz, rouquejam com fome para alegrá-la e para comer. A rua é generosa. O crime, o delírio, a miséria não os denuncia ela. A rua é a transformadora das línguas.

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. A rua criou todas as blagues todos os lugares-comuns. Foi ela que fez a majestade dos rifões, dos brocados, dos anexins, e foi também ela que batizou o imortal Calino. Sem o consentimento da rua não passam os sábios, e os charlatães, que a lisonjeiam lhe resumem a banalidade, são da primeira ocasião desfeitos e soprados como bolas de sabão. A rua é a eterna imagem da ingenuidade. Comete crimes, desvaria à noite, treme com a febre dos delírios, para ela como para as crianças a aurora é sempre formosa, para ela não há o despertar triste, quando o sol desponta e ela abre os olhos esquecida das próprias ações, é, no encanto da vida renovada, no chilrear do passado, no embalo nostálgico dos pregões – tão modesta, tão lavada, tão risonha, que parece papaguear com o céu e com os anjos...

A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem dos gnomos e dos silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis, de abandono e de inédita filosofia, tipo esquisito e ambíguo com saltos de felino e risos de navalha, o prodígio de uma criança mais sabida e cética que os velhos de setenta invernos, mas cuja ingenuidade é perpétua, voz que dá o apelido fatal aos potentados e nunca teve preocupações, criatura que pede como se fosse natural pedir, aclama sem interesse, e pode rir, francamente, depois de ter conhecido todos os males da cidade, poeira d'ouro que se faz lama e torna a ser poeira – a rua criou o garoto! (RIO, João, 2019. Não paginado).

Este olhar poético de João do Rio, congraça perfeitamente, com o poema de autoria de Mário Quintana, intitulado O mapa, quando a escrita revela pelos arquivos mnemônicos do poeta a relevância da rua em:

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...

(E nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuance de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
E há uma rua encantada (QUINTANA, 2019. Não paginado).

Segundo João do Rio, a rua é movimento e este movimento torna-se a alma da cidade; a questão das ruas é tão premente na vida em sociedade, que se caracteriza quase como uma extensão doméstica. É tanto que Gilberto de Alencar elenca, na trama novelesca em foco, ruas da cidade de Juiz de Fora e de São Paulo, retratando-as ao olhar do escritor como fez Marco Polo, narrando suas viagens por várias cidades do Oriente para o imperador Klublai Khan, como registra Italo Calvino (1990):

Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles. Se descrevo Olívia, cidade rica de mercadorias e de lucros, o único modo de representar a sua prosperidade é falar dos palácios de filigranas com almofadas franjadas nos parapeitos dos bíficos; uma girândola d'água num pátio protegido por uma grade rega o gramado em que um pavão branco abre a calda em leque. Mas, a partir desse discurso, é fácil compreender que Olívia é envolta por uma nuvem de fuligem e gordura que gruda na parede das casas; que, na aglomeração das ruas, os guinchos manobram comprimindo pedestres contra os muros (CALVINO, 1990, p. 59).

E as ruas descritas na novela inédita, **O crime da rua do Sapo** ganham o colorido, o movimento da percepção do escritor e narrador:

Morava Barbosa, por esse tempo, numa pensão barata da rua do Espírito Santo, onde tinha, por cento e vinte mil réis, as duas refeições diárias, um quarto com janella de frente e roupa lavada. Falou com a dona da pensão que havia comprado uma casa, que estava sem dinheiro e que precisava de economizar (ALENCAR, 1947, p. 7. Manuscrito).

Barbosa tratou de mudar-se para um barracão existente nos fundos de uma de suas casas alugadas, na rua do Sapo, e economizou os oitenta. A rua do Sapo tinha nessa ocasião nome novo, nome de gente, mas nome de bicho desta vez é melhor e este ficou. Talvez fique até no {Rasura silenciosa} (ALENCAR, 1947, p. 9. Manuscrito).


Andava Manoel Barbosa ultimamente namorando um palacete da avenida Rio Branco que esperava comprar por pouco mais de cem contos ou talvez por pouco menos. Esperava muito que fôsse por pouco menos (ALENCAR, 1947, p. 9. Manuscrito).

No dia seguinte saíu cedo, correu tudo quanto foi loja de syrio na rua Marechal Deodoro a fim de ver onde é que era mais barato e comprou um metro de zuarte azul, para as calças, e metro e meio de morim para a blusa do uniforme. Também comprou, mas foi um custo para comprar, os sapatos de lona branca (ALENCAR, 1947, p. 16. Manuscrito).

Não teve noticias do testamento, teve apenas noticia do palacete, cuja compra seria por aquelles dias, e deixou mais tranquillo o casarão da rua Halfeld (ALENCAR, 1947, p. 17. Manuscrito).

Coutinho confiava na tosse, mas deixou de pensar nella, para pensar em coisa muito diferente, depois de uma deligencia em que tomou parte na Villa Marianna umas tres ou **quatro** semanas após sua ultima viagem [sic] a Juiz de Fora (ALENCAR, 1947, p. 20. Manuscrito).


E **uma noite**³ daquela **mesma** semana, talvez da semana seguinte, na rua Brigadeiro Tobias, num café frequentado pelos agentes da Segurança, perguntou **distrahidamente** a seu colega se não vira por ali o Perdigão (ALENCAR, 1947, p. 21. Manuscrito).

Quem não almoçou foi a lavadeira que nem  **sequer** acabou de preparar o ajantarado, deu qualquer coisa ao filho para comer e disse que não iria mais dar o passeio combinado para os lados do morro de S. Bernardo (ALENCAR, 1947, p. 28. Manuscrito).

Como estivesse tudo, a essa altura, perfeitamente desembaraçado Coutinho vendeu o resto de um quarteirão da rua de Santa Rita, por onde começara. No mesmo dia dessa operação, que foi muito commentada no Forum por motivo do preço baixo por que se fizera, atirou o automovel de encontro a um muro no Alto dos Passos, derrubou o muro e quebrou o braço de um homem que ia passando (ALENCAR, 1947, p. 31. Manuscrito).

Tratava-se de um grande terreno em pasto, para as bandas do bairro de S. Matheus, e que Coutinho devia adquirir, arruar, retalhar em lotes para vender a prazo. A cidade carecia extender-se, já não havia mais espaço para construções no centro, e o senhor Coutinho, homem de recursos e de iniciativa, com toda a certeza não se recusaria a prestar semelhante serviço à sua terra (ALENCAR, 1947, p. 32. Manuscrito).

Mas houve cantora, porque mesmo de lá vendeu elle mais duas casas da rua da Imperatriz, por meio de procuração a um dos advogados do inventario, o

mesmo que lhe segredara não serem precisos tres para o serviço,  **até nem dois** (ALENCAR, 1947, p. 35. Manuscrito).

Pois é, d. Zilda. Neste domingo agora estou com um passeio marcado lá para os lados da Bomba de Fogo. Se a senhora quizer ir... (ALENCAR, 1947, p. 36. Manuscrito).

Sendo assim, o texto permite depreender que as ruas sob o olhar gilbertiano pairam sob seus habitantes e os logradouros seriam como vidas circundantes da cidade.

E é possível notar ainda, que o autor empreendeu um destaque a um desses logradouros acima citados, pois a trama novelesca carrega no título, o nome da Rua do Sapo, o que conjectura o leitor a pensar o porquê da escolha de uma rua como título

³ Esta pesquisa está estruturada na Crítica genética. Um dos objetivos do trabalho é elaborar uma Edição Diplomática, para tanto, foram estabelecidos critérios na transcrição na íntegra da novela inédita, vide página 53, a fim de compreender os critérios estabelecidos e retratados nos recortes das citações acima.

da novela. A fim de dialogar com a trama **O crime da rua do Sapo**, a pesquisa buscou ouvir outras vozes que retratam a Rua do Sapo. Esta rua foi um lugar muito singular por ser uma rua onde funcionava o meretrício, a vadiagem, local de sangria de animais, rua meteorológica.

Além de dar assim leste e oeste para a escolha do destino, a Rua Direita é a reta onde cabem todas as ruas de Juiz de Fora. Entre o Largo do Riachuelo e o Alto dos Passos, nela podemos marcar o local psicológico da Rua do Sapo, da Rua do Comércio, da Rua do Progresso, da Rua do Botánagua, com a mesma precisão com que, nos mapas do seu underground, os logradouros de Londres são colocados fora de seu ponto exato, mas rigorosamente dentro de sua posição relativa. É assim que podemos dividir Juiz de Fora não apenas nas duas direções da Rua Direita, mas ainda nos dois mundos da Rua Direita. Sua separação é dada pela Rua Halfeld (NAVA, 1973, p. 13/14).

Em se tratando de nomes de ruas, conforme artigo de Reginaldo Benedito Dias (2000), é comum homenagear autoridades e personalidades com passado de comando político, registre-se que existe a prática de batizar ruas com nomes de pioneiros, incluindo os que não fizeram carreira pública. Várias ruas de Juiz de Fora foram renomeadas com nomes de personalidades da cidade ou fora dela que contribuíram, de certa forma, para a história local ou nacional. Entretanto, uma observação é necessária, de que as lembranças sobre determinado lugar são construídas com o tempo, formando um elo entre o homem e a rua, o que permite inferir que ocorrências na Rua do Sapo foram determinantes para a fixação mnemônica do nome, pois, era conhecida e chamada com o epíteto de bicho e não de alguma personalidade, o que justifica os discursos de Jair Lessa e Gilberto de Alencar:

Na sessão de 21 de fevereiro (1891, a intendência aprovou a indicação de João Alves: “Indico que a intendência mude a rua denominada Sapo, para rua Fonseca Hermes.” Como sabemos, qualquer indicação sobre mudança de nomes de ruas era recebida como maliciosa. Não fugindo à regra, após as polemicas, ficou a indicação aprovada na sessão de 25, com o esclarecimento de que a rua denominava-se Conde d’Eu e não do Sapo (LESSA, 1985, p. 269, grifo do autor).

No dia 14 de março, na sessão da Intendência, foi o requerimento da Companhia Construtora Minera, solicitando que fosse dado o nome de Benjamin Constant à rua que pretendia abrir. Na mesma sessão, ante hilariedade geral, foi lida pelo Secretário a Ata relativa à mudança de nome de uma rua: “Capim para Moraes e Castro”, tendo o homenageado, presidente da Intendência que era, se absteído de votar. Parece-nos que era a brincadeira da época. Daí, talvez, a polêmica da troca de nome da outra rua: “Sapo para Fonseca Hermes!” (LESSA, 1985, p. 270, grifo do autor).

Barbosa tratou de mudar-se para um barracão existente nos fundos de uma de suas casas alugadas, na rua do Sapo, e economizou os oitenta. A rua do Sapo tinha nessa ocasião nome novo, nome de gente, mas nome de bicho desta vez é melhor e este ficou. Talvez fique até no {Rasura silenciosa} (ALENCAR, 1947, p. 9. Manuscrito, grifo do autor).

Interessante é a impressão que esta rua provoca nas pessoas que a olhavam em sua realidade grotesca, ao mesmo tempo, que a naturalidade a define como:

Em dezembro, as águas do Paraibuna voltaram a cobrir a rua do Sapo. A lameira na cidade estava pavorosa, os moradores irritavam-se porque conhecido veterinário sangrava cavalos em plena rua e a sangueira misturada ao barro formara um atoleiro tal que ninguém podia passar por ali (LESSA, 1985, p. 197).

Este olhar coaduna com a percepção de Antonio Candido ao analisar a obra **L'Assomir**(1877) de Émile Zola - que retrata os costumes da classe trabalhadora nos arredores de Paris:

É nesse espaço que a vida operária se define simbolicamente para seu olhar, que funciona quase como correlato da voz narrativa. Da janela do quarto sujo ela olha a rua suja, lamacenta, por onde corre o esgoto e escorre o proletariado, descrito com metáforas de fluidez como se as ruas fossem corredores de gado e ao mesmo tempo canais de tal modo que a indicação da gente se transforma imediatamente em líquido (CANDIDO, 2015, p. 53-54).

Retomando o discurso de Lessa, citado acima, pode-se inferir que os acontecimentos e a posição geográfica da Rua do Sapo foram determinantes para que este logradouro fosse reconhecido assim. As constantes enchentes provocadas pela vazante do rio Paraibuna alagavam a Rua do Sapo, transformando-a praticamente em um pântano, local onde estes anfíbios vivem e se reproduzem. Em concordância com Lessa ouve-se a voz de Pedro Nava que reforça esta hipótese:

A esses beneméritos, ao seu trabalho na Sociedade e a sua ação social, Juiz de Fora ficou devendo a luta contra o pó, pelo calçamento; a elevação dos planos das Ruas Santa Rita, Conde d'Eu e do Sapo, para as mesmas poderem receber os tubos de esgoto e abastecimento d'água; secagem e aterro do pântano da cadeia, resultante do corte feito no Paraibuna pela Estrada de Ferro D. Pedro II (NAVA, 1973, p. 289).

Acontecimento semelhante ocorre com o nome da Rua do Ouvidor na cidade do Rio de Janeiro, o lugar determina o nome. É o que traz como reflexão a pesquisadora Ivete Lara Camargo Walty, em sua obra intitulada **A rua da literatura e a literatura da rua** (2014): “Explica-se, assim, a origem do antigo nome da rua do Ouvidor, aí

misturando fantasia a elementos básicos da história do Brasil: colonizadores, índios, mestiços, relações de proteção e de submissão, entre outros” (WALTY, 2014, p. 45).

Ivete confere mais ainda a força determinante de um lugar ao registrar a narrativa de Machado de Assis, datada de 13 de agosto de 1893 e publicada em: **A Semana** - Machado de Assis apud Walty.

Vamos à Rua do Ouvidor; é um passo. Desta rua ao Diário de Notícias é ainda menos. Ora, foi no Diário de Notícias que eu li uma defesa do alargamento da Rua do Ouvidor – coisa que eu combateria aqui, se tivesse tempo e espaço. Vós, que tendes a cargo o aformoseamento da cidade, alargai outras ruas, todas as ruas, mas deixai a do Ouvidor assim como – uma viela, como lhe chama o Diário -, um canudo, como lhe chama Pedro Luís. Há nela, assim estreitinha, um aspecto e uma sensação de intimidade. É a rua própria do boato. Vá lá correr um boato por avenidas amplas e lavadas de ar. O boato precisa de aconchego, da contiguidade, o do ouvido à boca para murmurar depressa e baixinho, sem saltar de um lado para o outro... (WALTY, 2014, p. 53,54).

E essa força determinante está presente na Rua do Sapo, que se configurou pioneira em algumas situações que a cidade abriga; mesmo num período em que a tecnologia e o avanço citadino eram ainda distantes das cidades interioranas, a ação de chamar a segurança pública da cidade de Juiz de Fora, pelo apito é um desses pioneirismo:

Havia muitas queixas na polícia, contra uma senhora que perambulava pelas ruas, provocando toda a gente com as “palavras de Cambrone”. Como um desordeiro perturbava o sossego da Rua do Sapo, um morador chegou à janela e “apitou”. Logo após chega a polícia e leva o malandro para curtir a ressaca no xadrez. Boa idéia essa do apito, perdida nos tempos! (LESSA, 1985, p. 177),

este discurso, portanto, congraça com a fala de Antonio Candido ao expressar que é no espaço urbano que as pessoas podem exteriorizar os desejos represados como em:

Mas é nas ruas do centro que a marginalidade explode, definida pelo riso com que é recebido o desejo de, pelo menos uma vez na vida, operário vestir e passear como os burgueses. Nesse espaço de não cabe, tem um ar de bicho de outro tempo e outro lugar (CANDIDO, 2015, p. 50).

Pode-se depreender, então, que é exatamente esse desejo de experimentar pelo menos uma vez na vida, algo que é considerado socialmente à margem, que coloca o homem à mercê dos desejos mais contidos. E o sexo por meio do meretrício está

inserido neste contexto de marginalidade⁴ social; pois a prostituição se estabeleceu desde tempos mais distantes, sendo considerada como parte indissociável na história da humanidade, não importando o gênero, nem o nível social, intelectual ou econômico, ou seja, pessoas de todos os perfis procuram fruir do prazer sexual advindo da prostituição, muitos à surdina, outros às claras. E na cidade de Juiz de Fora, o modelo do comércio sexual não poderia ser diferente das demais cidades brasileiras, a Rua do Sapo e a Rua Santa Rita, representaram o cenário do sexo prazeroso segundo os autores que a pesquisa registra:

Outras ruas existentes, o cônsul inglês de Santos ou não viu ou não quis escrevê-las, mas que as havia, havia, inclusive a Rua do Sapo – futura Fonseca Hermes – onde existiam pensões que traziam do Rio o que havia de mais fino em mulherio francês, deixando a rua de Santa Rita em desalentador segundo plano caboclo. Coitado do defunto que tinha seu nome colocado em rua de Juiz de Fora: Santa Rita, Fonseca Hermes, Floriano Peixoto, Francisco Bernadinho, Henrique Vaz! Não escapa nem santo (LESSA, 1985, p. 101).

Certa noite, conta Nava, vão às alegres francesas da Rua do Sapo, o José Luís – que faleceria na epidemia de cólera do ano seguinte – o Júlio e o Inácio Gama. “Houve vinhos, houve música e o chafurdamento final”. No dia seguinte, Inhazinha ouviu os irmãos contarem a farrá, e, mais que isso, lá dormira e emendara o dia com a noite, “gritou para eles, gritou para dona Mariana, para o Luís da Cunha, do cachorrão do Inácio Gama, e que se o velho Halfeld tornasse a pedir, raios a picassem se ela não casasse com ele, naquele dia, naquela hora, naquele instante (LESSA, 1985, p. 102, grifo do autor).

Segundo observou mais tarde o jornalista fluminense Dunshee de Abranches, o povo do nosso passado “fazia um cavalo de batalha por cá aquela palha”. Mas não havia o caos. O sereno arrefecia os ânimos. Ia-se a um dos dois teatros, sempre com novidades internacionais; ao circo montado no Parque Halfeld – chamado então Largo Municipal – e depois, serenatas e noitadas na Rua do Sapo, nos braços de alvinitentes e louras francesas. De manhã, um que outro viajante reclamava pelos jornais, que no hotel do senhor fulano de tal tido como muito honesto (os nomes bem explicadinhos) haviam lhe furtado a carteira, o relógio com corrente de ouro e as jóias da esposa, enquanto que outro, mais feliz, mandava publicar que ao voltar, nervoso, ao hotel em que pernoitara, fora logo recebido “com grande júbilo”, pelo proprietário, que ao vê-lo, antes mesmo que ele abrisse a boca para reclamar, declamou-lhe: “Aqui tendes o que vós vindes a procura, que é a vossa carteira que vós deixastes debaixo do travesseiro da cama que pernoitou! (LESSA, 1985, p. 141, grifo do autor).

Acontece que, desde primórdios, Juiz de Fora tinha uma cloaca aberta a igual distância da Rua Principal e das barrancas do Paraibuna. Era a Rua do Sapo. Nela se abrigavam as biraias autóctones e as zabaneiras que vinham do Rio em diligência. Justamente a chegada de um desses carregamentos, contendo até francesas para os nativos, foi ruidosamente festejada pelos tios Zezé e Júlio, em companhia do próprio Inácio Gama (NAVA, 1973, p. 130).

⁴ Não é intenção da pesquisa discutir sobre o empoderamento feminino, nem a historiografia do estabelecimento da prostituição no Brasil. O trabalho apresenta, somente, que na cidade de Juiz de Fora existiu o comércio sexual, sem tecer nenhum juízo de valor.

Na sequência de citações acima, dando um enfoque à primeira referência, pode-se identificar a existência de uma rivalidade entre as duas zonas do meretrício na cidade, a Rua Santa Rita, era considerada a rua das mulheres desprovidas de beleza e finuras, já a Rua do Sapo alojava o que existia de melhor na corte brasileira, advindas, muitas delas da França, como registram os escritores Jair Lessa e Pedro Nava acima. E as citações sobre a inesquecível Rua do Sapo em Juiz de Fora continuam em sequência.

No Paraibuna ele era proibido de chegar em casa de botinas limpas, pois prima Babinha gostava de estudar a poeira para ver por onde tinham andado os pés do marido. Passava a ponta dos dedos. Periciava. Esta cinzenta é de São Mateus. Essa roxa, de Milheiros. Essa preta do Botanágua. Essa parda, da Rua Califórnia. Essa amarela... Bileto, isto é poeira da Rua do Sapo! Toma, sem-vergonha! Os vizinhos, divertidos ouviam o barulho de caixa surda, contavam o número das percussões daquelas vias de fato (NAVA, 1974, p. 32).

Putá. Era aquilo. Não resisti e perguntei. O que que é puta, Seu Antônio? Ele nem hesitou. Putas, mó minino, são mulheres que dão. Mas não disse e deixei-me perplexo. A mim e ao Tonsinho. Dão o quê? Santo nome de Deus! Que dão elas? Esse dar intransitivado e assim reticente perturbou-me profundamente. Meu primo, mais velho dois anos, já com algumas luzes, propôs que esclarecêssemos esses mistérios no dicionário do escritório de meu avô. Fomos à noite, quando os grandes estavam distraídos, recebendo a visita das Gonçalves. Era o Faria, Eduardo de Faria, o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, edição de 1851, cujos quatro volumes passamos doravante a palmilhar, aprendendo tanto como se o fizéramos à Rua do Sapo (NAVA, 1974, p. 56).

Eu comia de cabeça baixa, olhava de esquelha e ia recuperando a repulsa que sentira pelo tio-avô quando ele estivera consultando em Juiz de Fora. Nessa oportunidade ele levara a filha e a tia Joaquina, que aproveitara a viagem, para ir tirar a Siá Beta da Rua do Sapo (NAVA, 1974, p. 86).

De noite, na Rua do Sapo, foi um custo para conter Inácio Gama que, chorando, vomitando e se rasgando, queria pular nas águas do Paraibuna. Isso foi em fins de 1866 (NAVA, 1973, p. 131).

Que noite! Para menina de Santa Bárbara. Fizera medidas ao Imperador e a Imperatriz, vira os ministros, os senadores, os conselheiros, os diplomatas, os titulares, os reposteiros, os moços fidalgos, as camareiras, as açafatas. Achara com suas jóias e o rangido de sua roupa as primas da Corte e tivera o momento mais alto de sua vida ao romper numa valsa com o Conde D'Eu... Coitado do Inácio Gama, tocando violão na Rua do Sapo! (NAVA, 1973, p. 145).

No fim, as árvores não podadas foram negando como a dona e acabaram morrendo no solo desamanhado. Mas voltando à chácara do Luís da Cunha, falemos da fruta mais doce – da que ele defendia mais asperamente dos filhos e dos netos. Dos netos mesmo, que adolesciam fervendo no mesmo sangue dele e dos dele. Safadões... Quem quiser mulher que procure. Vá se arranjar

pra Rua do Sapo ou comprar das negrinhas do Monte Mário. Eu é que não sustento puta pra menino! (NAVA, 1973, p. 166).

Fosse um trem um bonde, acordando com o apito da Manchester para, democraticamente, transportar Ilustres passageiros: operários calcando tamancos, crianças de vermelho e branco, estudantes rumo ao “footing” na Halfeld, os boêmios do Redentor e do Gato Preto, as donzelas de São Matheus e as “mulheres-damas” da Rua do Sapo (GUEDES, 2012, p. 36).

A Rua do Sapo não abrigou somente moças francesas, acolheu um estrangeiro ilustre – um meteorologista chamado Luís Creosol. Como o trabalho tem caráter exploratório, a fim de esclarecimento e novas descobertas, a pesquisa utilizou da metodologia da entrevista para coletar dados que pudessem complementar as informações já apresentadas. Para isso buscou-se embasamento teórico em Sérgio Roberto Costa (2014) que define a palavra entrevista de maneira clara:

Entrevista: colóquio (v.) ou conversa/conversaçoão (v.) entre pessoas em local combinado para obtenção de maiores informações, esclarecimentos, avaliações etc., sobre pessoas, instituições, como acontece, por exemplo, numa entrevista de emprego ou concorrência pública ou privada. Trata-se de uma apuração de fatos que virarão notícias (v.) públicas, buscadas nas fontes (pessoa ou pessoas de destaque ou não) com os quais o repórter faz contatos em busca de informações (COSTA, 2014, p. 115).

Neste sentido, o entrevistado foi o escritor, jornalista e colunista Wilson Cid – natural da cidade de Três Rios – RJ – que transferiu residência para Juiz de Fora no ano de 1947, época em que Gilberto de Alencar terminava de escrever a novela **O crime da rua do Sapo**. A entrevista ocorreu na cidade de Juiz de Fora, no dia 14 de outubro de 2019, às 16h10min, na residência do jornalista. Todas as informações registradas na pesquisa apresentadas pelos memorialistas tiveram ressonância com o escritor Wilson Cid, e o jornalista trouxe um dado novo à pesquisa, ao afirmar que a Rua do Sapo contribuiu com a função de utilidade pública para a cidade e seus habitantes.

Como foi dito acima, ao final da Rua do Sapo, morava o meteorologista Luiz Creozol, uma das maiores expressões no campo da meteorologia e ele possuía, em sua residência, equipamentos capazes de analisar o clima, sendo assim, Creozol, instalou um sistema muito eficaz para informar à população sobre as condições climáticas; e, para isso, em sua residência foram colocadas bandeiras brancas e bandeiras pretas a fim de prevenir a comunidade juizforana do tempo naquele dia, se o dia fosse ensolarado, era hasteada a bandeira branca, se estivesse chuvoso, a

bandeira preta. A população de Juiz de Fora muito se beneficiou da vanguarda do cientista nas terras mineiras que, pelo ato de utilidade pública, recebeu uma homenagem dos juizforanos – nomeando uma rua da cidade, no bairro Nossa Senhora Aparecida – de Rua Luiz Creozol.

Sendo assim, a Rua do Sapo simbolizou um pouco da cidade de Juiz de Fora, tanto que os olhares dos memorialistas recaíram sob ela, sendo reproduzida por meio da escrita o que a memória abarca. As ruas possibilitam que cenários passados fossem resgatados e recontados pela Literatura, conforme já mencionado na pesquisa e, esse reavivamento do tempo faz com que o leitor reflita se o presente ainda guarda alguma identidade com o passado.

É importante repensar a Literatura contemporânea e o entrelaçar das cidades a fim de se construir uma história; elencando culturas e memórias. Considera-se, portanto, que a pesquisa aqui apresentada, poderá suscitar complementos de reflexões quanto à importância das ruas como reconstrução do entendimento da vida a partir da experiência humana, vivida nos espaços urbanos das cidades.

E é este espaço comum urbano que fomenta, que propicia acontecimentos marginais que marcam aquele pedaço de terra, aquela cidade e assinalam vidas. Estes fatos instigam que narrativas sejam escritas, pois, neste ambiente, cenários criminais também são elaborados por escritores, que são objeto da criação ficcional que alude ao crime, muitas vezes é própria reprodução literária ou vice-versa.

É o que se pode depreender da novela pesquisada, um acontecimento numa rua de uma cidade, circunscreve e (re)conta a vida das personagens protagonistas. Pode-se inferir, então, que a trama novelesca **O crime da rua do Sapo** constitui elementos que possam caracterizá-la dentre outras estruturas que serão apresentadas ao longo do trabalho, num contexto de gênero policial, pois a narrativa policial encontra-se atrelada ao gênero romance. Porém, a contemporaneidade vem revogando esse engessamento de gêneros. Um dos estudiosos sobre o tema, Tzvetan Todorov (2008), afirma que classificar várias obras num único gênero é depreciá-la. Todorov faz uma análise sobre o romance policial, bem como, identifica outros gêneros que se estabeleceram a partir do romance policial; para ele – pesquisador, nenhuma obra está fechada em análise quanto ao gênero textual como constata-se em:

Poder-se-ia dizer que todo grande livro estabelece a existência de dois gêneros, a realidade de duas normas: a do gênero que ele transgride, que

dominava a literatura precedente; a do gênero que ele cria. Existe, entretanto, um domínio feliz onde essa contradição dialética entre a obra e seu gênero não existe; o da literatura de massa. A obra-prima habitual não entra em nenhum gênero senão o seu próprio (TODOROV, 2008, p. 94-95).

Diante desta perspectiva, a pesquisa enumera sob o olhar de Todorov os tipos de romances que se estabeleceram baseados no romance policial, a fim de identificar traços comuns destes gêneros, presentes na novela **O crime da rua do Sapo**. Primeiro, porém, este trabalho investigativo, registra as regras de caracterização do gênero romance policial trazidas por Todorov as quais foram resumidas em oito⁵:

- 1 O romance deve ter no máximo um detetive e um culpado, e no mínimo uma vítima (um cadáver).
- 2 O culpado não deve ser um criminoso profissional; não deve ser o detetive; deve matar por razões pessoais.
- 3 O amor não tem lugar no romance policial.
- 4 O culpado deve gozar de certa importância:
 - a) Na vida: não ser um empregado ou camareira;
 - b) No livro: ser uma das personagens principais
- 5 Tudo deve explicar-se de modo racional; o fantástico não é admitido.
- 6 Não há lugar para descrições nem para análises psicológicas.
- 7 É preciso conformar-se à seguinte homologia, quanto às informações sobre a história: "autor: leitor = culpado: detetive" (grifo do autor).
- 8 É preciso evitar as situações e as soluções banais (TODOROV, 2008, p. 100-101).

Estas oito regras comportam a estrutura do romance policial, do romance negro, do romance de suspense e do romance de enigma. O romance policial é o conjunto, a representação de todos os outros gêneros policiais que se desenvolveram a partir dele. O romance de enigma é um deles e consiste em:

Na base do romance de enigma encontramos uma dualidade, e é ela que nos vai guiar para descrevê-lo. Este romance não contém uma, mas duas histórias: a história do crime e a história do inquérito. Em sua forma mais pura, essas duas histórias não têm nenhum ponto comum (TODOROV, 2008, p. 96).

A novela **O crime da rua do Sapo** apresenta traços em comum com o romance de enigma como em:

Coutinho, desde ahi, não pensou mais na tosse, passou a pensar só no susto e nas consequências do susto, muito uteis quando não ha testamento. E **uma noite** daquela **mesma** semana, talvez da semana seguinte, na rua Brigadeiro Tobias, num café frequentado pelos agentes da Segurança, perguntou

⁵ Segundo Van Dine – autor de romances policiais - 1828, vinte são regras às quais todo autor deve registrar para que o gênero da narrativa seja reconhecido como romance policial. (TODOROV, 2008).

distraidamente a seu colega se não vira por ali o Perdigão (ALENCAR, 1947, p. 21. Manuscrito).

A policia veio, arrombou a porta, o delegado entrou com o lenço no nariz, acompanhado de dois soldados de um investigador. Barbosa estava morto na mesma posição em que Perdigão o largara, a cabeça apoiada na parede do

fundo, os pés para fora do colchão, o queixo fincado no peito e a barba muito crescida. Da bocca meio aberta escorria uma agua escura, com geito de sangue. Ninguém aguentava o mau cheiro. ✓

É coisa corrente {Rasura silenciosa} a morte muita desculpa, mas o que parece é que ainda tem mais causa que desculpa, se é que não a mesma coisa desculpa e causa. Para Coutinho a causa foi susto, para Perdigão foi sôco e para a policia foi colapso. Prevaleceu inmediateamente opinião da policia, como prevaleceu a ordem por ella ditada, de fazer-se o enterro dentro de duas horas porque estava decompondo demais (ALENCAR, 1947, p. 25, 26. Manuscrito).

Nota-se que a narrativa do crime e o relato da investigação do assassinato na trama novelesca, são independentes, por isso, pode-se configurar semelhanças compatíveis com o romance de enigma.

O romance negro, que se originou nos Estados Unidos, no período que compreende a segunda guerra mundial, difere dos outros romances, no que diz respeito às histórias. Ele incorpora duas histórias: “O romance negro um romance que funde as duas histórias, ou, por outras palavras, suprime a primeira e dá vida à segunda. Não há história a adivinhar; não há mistério, no sentido em que ele estava presente no romance de enigma” (TODOROV, 2008, p. 98,99). A partir desta conceituação todoroviana, ressalta-se que a novela em questão, também revela características do romance negro, pelo fato de o crime ter sido arquitetado claramente entre as duas personagens:

- Só o susto.
- O quê?
- Nada, não disse nada.
- Você falou em susto. Que susto é esse agora?
- Susto nada. Falei que não quero violencia. **Se** o velho resistir ou puzer a boca no mundo, você cae fora. **Isso que** quero. Susto? Você {Rasura silenciosa} ouviu falar em susto? (ALENCAR, 1947, p. 23. Manuscrito).

E eis que surge um outro gênero entre a linha tênue que demarca o romance negro e o romance de enigma; que é o romance de suspense. Suas características misturam-se aos dois romances citados acima. O mistério está presente, sendo a mola propulsora de partida do romance de suspense, assim como, o desenrolar das duas histórias – o crime e o inquérito – porém, a segunda história assume posição de destaque na trama.

Existe um desdobrar de acontecimentos futuros com as personagens principais no romance de suspense, a citar:

Não é de espantar que entre essas duas formas diferentes tenha podido surgir uma terceira, que combina suas propriedades: o romance de suspense. Do romance de enigma, ele conserva o mistério e as duas histórias, a do passado e a do presente; mas recusa-se a reduzir a segunda a uma simples detecção da verdade. Como no romance negro, é essa segunda história que toma aqui o lugar central. O leitor está interessado não só no que aconteceu, mas também no que acontecerá mais tarde, interroga-se tanto sobre o futuro quanto sobre o passado. Os dois tipos de interesse se acham pois reunidos: existe a curiosidade de saber como se explicam os acontecimentos já passados; e há também o suspense: que vai acontecer às personagens principais? Essas personagens gozavam de imunidade, estamos lembrados, no romance de enigma; aqui elas arriscam constantemente a vida. O mistério tem uma função diferente que tinha no romance de enigma: é antes o ponto de partida, e o interesse principal vem da segunda história, a que se desenrola no presente (TODOROV, 2008, p. 102,103).

Existe um ar de mistério que ronda sempre as narrativas que envolvem a morte, este ocultamento, permite caracterizar as narrativas como romance de suspense. E em **O crime da rua do Sapo** não é diferente.

Perdigão já havia retirado da canastra de couro o dinheiro dos alugueis, já havia mesmo enfiado o dinheiro no bolso e fechado cuidadosamente a canastra, quando Barbosa accordou. O luar, coando-se pela folhagem do abacateiro que dominava o barracão e infiltrando-se pelas frestas deste, punha clarões movediços na penumbra do comodo. Um dos clarões oscilava por sobre o rosto magro de Barbosa, soerguido no catre (ALENCAR, 1947, p. 23, 24. Manuscrito).

É também Antonio Candido (2015), quem analisa esse mistério que permeia a morte em sua obra intitulada **O discurso e cidade** ao afirmar: “O quarto está cheio de escuridão, só com muito esforço é possível distinguir a brancura da cama, e o resto é inteiramente preto. Dali a pouco a lua devia aparecer” (CANDIDO, 2015, p. 158).

Retomando Todorov, todos os dois trechos apontados acima assinalam características do romance de suspense, principalmente quando se narra sobre a morte - o mistério, a solidão. Existe uma tensão do desconhecido que atravessa todas as duas referências, denota-se ainda uma solidão na hora extrema tanto na novela em foco, quanto na narrativa de Antonio Candido, que estende mais a sua voz ao afirmar: “[...] Então, compreende que a morte era a grande aventura esperada, não havendo por que lamentar que tenha vindo assim, obscura, solitária, aparentemente a mais insignificante e frustradora” (CANDIDO, 2015, p. 158).

E por fim, conforme o estudioso Todorov (2008), uma obra prima habitual, não é classificada em nenhum gênero senão o seu próprio e podendo ser encontrados diversos tipos de gêneros num mesmo autor, numa mesma narrativa. Portanto, a trama novelesca dialoga com todos os gêneros advindos do romance policial apresentados na pesquisa, como pôde-se apurar, comprovando assim , a genialidade de escrita, do autor mineiro Gilberto de Alencar.

3. A NOVELA: O CRIME DA RUA DO SAPO

Sou apaixonado pelo mistério, porque
sempre tenho a esperança de desvendá-lo.
Charles Baudelaire

Literatura é feitiçaria que se faz com o
sangue do coração humano.
Guimarães Rosa

A Literatura é a expressão artística do ser humano, e sua exteriorização é construída ao longo dos períodos, por meio de um material específico e original: a linguagem. Desde as pinturas rupestres do homem das cavernas até a página de um diário arrancada ao meio, há representações linguísticas do mundo que podem se entrelaçar a fim de (re)construir uma história. E nesse processo laboral da linguagem, seja ela escrita ou não, pode-se inferir que a Literatura conjectura-se também, como a arte de criar e compor textos (ARAÚJO, 2018). A perspectiva de Massaud Moisés (2013) sobre Literatura corrobora com a reflexão de Luciana Araújo para a compreensão do conceito de Literatura, que é complexo e múltiplo, de acordo com cada teórico.

Daí se concluir que Literatura é ficção, ou imaginação. Por outro lado, se o tipo de conhecimento veiculado pela Literatura radica na imaginação, segue-se, finalmente, *que Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras polivalentes ou metáforas* (MOISÉS, 2013, p. 278, grifo do autor).

Em conformidade com o teórico Moisés (2013), pode-se estabelecer que um conjunto de textos ficcionais constituem uma narrativa literária, que reverbera harmonicamente com o pensamento de Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (2007), ao comentarem que,

[...] a narrativa não cessa de se afirmar como modo de representação literária preferencialmente orientado para a condição histórica do Homem, para o seu devir e para a realidade em que ele se processa; no sentido de sublinhar uma tal orientação (REIS; LOPES, 2007, p. 273).

E, na elaboração da narrativa literária, existem várias categorias ou vários gêneros, conforme a visão de Moisés (2013). O termo gênero, não obstante, é utilizado

para nominar categorias literárias estabelecidas em diversos níveis como: a prosa, expressa por meio da novela, modelo que interessa a esta investigação.

Isto posto, o objeto de estudo desta pesquisa, o manuscrito autógrafo, inédito, intitulado **O crime da rua do Sapo**, de autoria de Gilberto de Alencar, é um texto literário, tipificado pelo autor, dentro do gênero narrativo, como novela, no qual são observados elementos estruturais que contribuem para o adensar e para o desenvolvimento da trama novelesca. Dentre estes elementos, o narrador da novela configura-se em terceira pessoa, como observador, não participando, portanto, das ações da história, como consta em:

[...] quando a ideá lhe veiu, isto é, quando a avareza lhe incutiu a ideá, o tio do policia coçou a cabeça. Se não coçou, experimentou pelo menos aquella perplexidade, ou hesitação, que faz coçar.

- A primeira ainda posso comprar, tenho **[Ilegível]** o dinheiro para isso. Mas a segunda, a terceira e as outras?

- Os alugueis, Barbosa... Pense nos alugueis, homem de Deus!

- Os alugueis?

- Está claro. Você accumula os alugueis da primeira e compra a segunda. Accumula os alugueis da primeira e da segunda e compra a terceira. Do meio para o fim da caminhada, o rytimo das operações ha de por força acelerar-se e você acabará comprando ou podendo comprar, ruas inteiras!

Salta à vista que avareza não falou em operações, nem em acelerar, nem tão pouco em rytimo, pois Manoel Pinto Barbosa não era só de muito pouca roupa, era tambem de pouquissima intuição ou nenhuma. (ALENCAR, 1947. p. 6. Manuscrito).

Explorando ainda mais o gênero narrativo, a fim de estabelecer uma melhor caracterização do termo novela; observa-se, em Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (2007), que esta terminologia é desenvolvida com proficiência, quando os estudiosos registram:

A novela é um gênero narrativo que, comungando com outros gêneros narrativos (p. ex., o romance, o conto ou a epopeia) das propriedades da narrativa, reclama específicas características distintivas. Originalmente, a novela parece ter-se remetido a um papel de instrumento de diversão e entretenimento, pelo relato de aventuras e comportamentos heróicos (REIS; LOPES, 2007, p. 303).

Complementando a compreensão do vocábulo novela, Massaud Moisés (2013), também traz uma contribuição bem teorizada do tema em:

Do prisma da estrutura, a novela apresenta um quadro típico, a começar da ação essencialmente multívoca, polivalente, ostenta pluralidade dramática. Constitui-se de uma série de unidades ou células dramáticas encadeadas, com início meio e fim. De onde parecer uma feira de contos enlaçados. Todavia,

cada unidade não é autônoma: a sua fisionomia própria resulta de participar de um conjunto, de tal forma que, separada dela, não tem, as mais das vezes, razão de ser. Ou, ao menos, quando destacada, perde algo do seu significado, e acaba comprometendo a progressão em que se inscreve.

À pluralidade dramática segue-se outra característica distintiva da novela: a sucessividade rigorosa. As células dramáticas dispõem-se linearmente, uma após a outra. Entretanto, não se trata de sucessividade rigorosa, visto que as células não formam compartimentos estanques: o ficcionista não esgota o conteúdo de uma unidade antes de passar à seguinte; deixa no geral uma semente de conflito, que virá a construir o(s) episódio(s) subsequentes(s). Assim, nas novelas de cavalaria, observa-se o entrelaçamento sistemático e complexo das “aventuras”: os cavaleiros, por morte ou temporário afastamento, cedem lugar a outros, que protagonizam as suas “aventuras”, sendo, por sua vez, substituído por terceiros, e assim por diante. A novela forma-se, portanto, da agregação de unidades dramáticas permanentemente abertas (MOISÉS, 2013, p. 331-332, grifo do autor).

Gilberto de Alencar, enquanto escritor novelístico, dispõe e arranja muito bem ao longo da trama esta sucessividade, este entrelaçar de aventuras, e ainda, constrói um certo ar de mistério que envolve a trama, como se denota em:

As duas aproximaram-se do barracão de Barbosa, o mau cheiro aumentou muito, ambas taparam o nariz com a ponta do avental.

- E ahi dentro, d. Ritinha! O negocio é ahi dentro...

- Parece mesmo. Há dois dias que não vejo “seu” Barbosa, a porta vive fechada... Que será?

Appareceram logo outros vizinhos, formou-se um grupo com uma porção de crianças no meio e o Paulo já querendo trepar no telhado de zinco, para espiar pelas frestas (ALENCAR, 1947, p. 25. Manuscrito).

Não é objetivo desta pesquisa empreender uma análise sob o viés da teoria da Nova Crítica, entretanto, foi importante, a título de melhor compreensão da construção do texto, ressaltar o tempo, o espaço, caracterizar algumas personagens como elementos significativos que se apresentam no processo de elaboração da edição *Princeps* e *Diplomática*, este, sim, objetivo desta pesquisa.

Para refletir sobre esta abordagem, retomamos Reis e Lopes (2007), ao afirmar que numa primeira análise, uma narrativa pode apresentar-se no tempo matemático, cronológico, ou seja, evidenciam-se acontecimentos susceptíveis de serem datados com maior ou menor rigor. Esse tempo é determinado pelo narrador que indica as marcas temporais de sua história, mencionando os dias da semana, meses e estações. Esse tempo está tipificado como tempo cronológico. Em outros gêneros narrativos, como memórias, estabelece-se uma relação com a experiência humana do tempo, onde podem acontecer metamorfoses, sucessões de tempo decorrido, denominado

como tempo psicológico. Em **O crime da rua do Sapo** o tempo ajusta-se como psicológico, a saber,

Queriam mas que estivesse millionario duas vezes, outras que quatro. Isto leva a crer, razoavelmente, que na realidade só estivesse tres, o que não parece pouco, pois ao tempo vigorava o velho mil réis, o qual, se não valia este mundo e o outro, valia bem dez vezes o cruzeiro com que então nem se sonhava e hoje rola por ahi as bateladas e nada vale. Fique-se nos tres mil contos e não se ficará mal (ALENCAR, 1947, p. 5. Manuscrito).

É, ainda, em Reis e Lopes (2007), que a pesquisa busca definir a importância do espaço em uma narrativa que, conforme esses teóricos, é uma das mais importantes categorias do gênero prosa.

O espaço abrange, em primeira instância, os componentes físicos que servem como cenários para o desenrolar da ação, para o movimento das personagens, para os cenários geográficos, os interiores, as decorações, os objetos, dentre outros (REIS; LOPES, 2007). Portanto, pode-se inferir que o espaço na narrativa é o lugar onde as personagens circulam, e, na novela em foco, o espaço é caracterizado pela cidade mineira de Juiz de Fora, confirmando a importância que esse elemento alcança na trama. Esse espaço urbano proporciona ao narrador instituir um recorte cultural, visual e histórico dos costumes juizforanos, em meados do século XX, como foi registrado em:

Comia Barbosa pelos cafés, ora num ora noutro, às vezes salame com pão, outras vezes pasteis gordurosos, raramente uma mãe benta, ou duas. Aos domingos dava-se ao luxo, que lhe parecia desculpavel, de uma garrafa de cerveja barbante, de mil e duzentos, que levava uma hora de relógio a beber. Mas enquanto bebia, o remorso da despesa tornava a bebida mais amarga do que já era.

Acabava a garrafa, deixava meio tropego o café e ia para o barracão, dormir. No ultimo dia de cada mez, com o maço de recibos sellados e assignados no bolso, começava a visitar os inquilinos, para receber os alugueis. Nisso levava uma semana mais ou menos e só no fim é que ia depositar no banco o dinheiro, para não estar depositando todos os dias, o que, além do mais, dava muita despesa de sello. Era certo assim, nos começos de mez, haver sempre sommas importantes no barracão, guardadas no fundo de uma canastra de couro, aos pés do catre.

Andava Manoel Barbosa ultimamente namorando um palacete da avenida Rio Branco que esperava comprar por pouco mais de cem contos ou talvez por pouco menos. Esperava muito que fôsse por pouco menos (ALENCAR, 1947, p.9. Manuscrito).

A representatividade da expressão do real no ficcional é estabelecida pela criação das personagens num texto. Segundo Moisés (2013), a expressão vocabular personagem, designa, no interior da prosa literária (conto, novela e romance), os seres fictícios construídos à imagem e semelhança dos seres humanos, sendo que estes são

peças reais e aqueles são peças imaginárias; os primeiros habitam o mundo que nos cerca, o real, os outros movem-se no espaço arquitetado pela fantasia, ou seja, imaginação do autor. Por isso, conjectura-se que o espaço literário, pode-se caracterizar como um “lugar” de devaneios para o autor, onde emoções são extravasadas, sendo, por vezes, a ironia social revelada na elaboração dos protagonistas como no caso de **O crime da rua do Sapo**. Na novela em foco, não é diferente esse processo de criação das personagens, a arte representa a vida, os costumes, as crenças e valores de uma sociedade da metade século XX como ilustra o fragmento:

Houve o sobrinho por signal que era agente da Segurança Publica em S. Paulo e se chamava Coutinho. Por extenso, Antonio de Oliveira Coutinho, talvez Antonio Coutinho de Oliveira, não faz diferença ou faz pouca. Sujeito forte, esse Coutinho, corpulento, ahi pelos trinta annos, a rigor trinta e quatro, cara mesmo de policia, cara gorda, sempre muito bem escanhoadada e luzidia. Luzidios tambem eram os cabellos, cuidadosamente penteados para traz, sem risca. Gravata vermelha sobre o peito vasto, lenço ora verde, ora azul, pendente do bolso de cima do paletó. E um largo correão de fivela apertando o ventre boleado. O resto imagina-se não é preciso descrever. As calças, por exemplo, todos hão de suppô-l-as amplas e quasi tão largas nos pés quanto no cós, cobrindo mais de dois terços dos pesados sapatões de sola dupla. Suposição verdadeira (ALENCAR, 1947, p.1. Manuscrito).

Na construção dos protagonistas, identifica-se um discurso do narrador, que, de acordo com Reis e Lopes (2007), é uma forma, dentre outras, de representação dos pensamentos das personagens: trata-se do discurso indireto livre, que é um discurso híbrido, no qual a voz da personagem invade a estrutura formal do discurso do narrador, como se ambos falassem em acordo, fazendo surgir uma voz dual. Na novela em estudo, há na presença do discurso indireto livre – esta mesclagem de falas, ora do narrador, ora das personagens. Esse entrelaçar de vozes é um recurso muito sutil e bem estruturado do qual o autor se apropria, a fim de que essa ferramenta promova leveza literária e possibilite, ao narrador, pinceladas satíricas, bem ao estilo gilbertiano, como em:

[...] - Pois vá pagar o hotel e trate de embarcar. Toda vez que vem, é isso, e dinheiro de num bolso para fora. Aquella minha irmã estava doida quando se casou. Deus a tenha em bom logar, mas estava doida! E quem paga sou eu! Coutinho, na ultima viagem, logo depois da gripe, achou o tio muito acabado, com uma cara bem ruim.
- É capaz de morrer a qualquer hora. Se fez testamento para mim é que não deixou nada. Terá feito mesmo testamento?

O receio de testamento não o largava, tirava-lhe de noite o sono e de dia muitas vezes o imobilizava a mesa de um café calado, horas e horas, ruminando coisas.

- O pão duro está ruim, não vae muito longe não.

Como invariavelmente fazia, deu uma chegada ao Forum, conversou com varios conhecidos, sondou um, sondou outro e não teve noticia de testamento nenhum por ali, só se fôra feito em casa, muito às ocultas, mas não, com certeza que não, pois sempre se haveria de saber... Não teve noticias do testamento, teve apenas noticia do palacete, cuja compra seria por aquelles dias, e deixou mais tranquillo o casarão da rua Halfeld.

- Que o velho anda ruim anda. E se não fez testamento... (ALENCAR, 1947, p. 17. Manuscrito).

No desenrolar de uma história, há a presença do enredo, que consiste nos acontecimentos de uma narrativa. E, segundo Massaud Moisés (2013), a compreensão do vocábulo enredo é algo meio incerto, muitas vezes emprega-se num sentido próximo a intriga, história, assunto, argumento, trama, e possui significativa relevância no estudo da prosa ficcional, como em contos e novelas. Este termo deve ser compreendido como a representação das totalidades das causas e efeitos que se organizam no curso da narrativa. Por isso, é que um bom escritor desperta a curiosidade do leitor logo nas primeiras linhas da história, tornando a estrutura da trama sedutora para o leitor, tanto que, muitas vezes, esse que lê esquece que está diante de uma narrativa ficcional, tamanho é o envolvimento com o texto. Isso se configura como talento na construção do enredo. Gilberto de Alencar incita o leitor, trazendo-o para o texto, logo nas páginas iniciais,

Barbosa não escondia a desestima, parecia mesmo fazer questão de mostrar-a bem mostrada, porém Coutinho era o contrario. Se no fundo aborrecia o tio muito mais do que o tio desqueria, não dava disso demonstração alguma, nem franca, nem discreta. Quando se quer herdar, e o agente da Segurança Publica queria isso mais que tudo, a regra é desgostar, mas não deixar que o desgosto se torne conhecido e de qualquer forma possa prejudicar a herança ou mesmo, frustal-a. Não vale a pena que certos desgostos, andem correndo as ruas (ALENCAR, 1947, p.4. Manuscrito).

Assim, uma das possibilidades de compreensão de uma obra consiste em elaborar um discurso bem estruturado, coeso que possua relações de linguagem e contextualização em todo o processo da escrita, a fim de que o leitor compreenda a trama, a história narrada. Diante desta perspectiva, a novela de Gilberto de Alencar – **O crime da rua do Sapo** capta a atenção do leitor do início ao fim, por contar que naquele tempo, o que vigorava era moeda de mil réis, década de 1940 – alvorecer do século XX.

Na mencionada época, Juiz de Fora era uma cidade mineira que despontava e tornava-se referência em muitas áreas: na arte, na indústria, na literatura e na política. Respiravam-se nela, os ares da contemporaneidade. E é nessa *urbe* moderna que se passa a trama das personagens da novela.

Manoel Pinto Barbosa era um viúvo, juiz-forano, um homem ranzinza e avaro ao extremo, de aproximadamente sessenta anos. Conforme setor de registro de imóveis da prefeitura municipal, era considerado o maior proprietário de imóveis da cidade de Juiz de Fora à época, já que era proprietário de ruas e quarteirões inteiros.

Barbosa era viúvo e seus pensamentos em relação ao matrimônio eram por demais estranhos: dizia que casamento era um trambolho, discurso esse que ganhava ressonância em seu sobrinho Antonio de Oliveira Coutinho, agente da polícia na cidade de São Paulo. Sujeito forte, beirando os trinta e quatro anos, face gorda, barba bem cuidada, muito esmero ao vestir-se, usando gravata vermelha, lenço no bolso pendente do paletó, calças largas, cinto de fivela apertando o ventre. Para o sobrinho, casar resumia-se em perder os prazeres da solteirice.

Em família, sempre existem aqueles que não se entendem, não se estimam e convivem movidos por aparência social, mas muitas vezes, nem essa regra de etiqueta social é capaz de promover o convívio pacífico entre parentes. Assim, era a relação entre tio e sobrinho, superficial, desgostosa, tanto mais para o tio do que para o sobrinho; pois sempre há algum interesse dos mais novos em relação aos mais velhos em família. E este interesse pungente de Coutinho em relação ao tio fizera com que o sobrinho ocultasse a real desestima em relação ao tio.

Manoel Pinto Barbosa era, por demais, sovina tanto que a partir dos quarenta anos de idade começa a marcha para o enriquecimento. Compra casas à revelia e, para isso, impôs-se a privações inúmeras: alimentar, de aparência física, de moradia e, até mesmo de higiene pessoal, a fim de, aos sessenta anos, ter comprado quarteirões inteiros do centro da cidade de Juiz de Fora.

Barbosa morava em uma antiga pensão na Rua Espírito Santo, mas, devido ao plano de enriquecimento, economizar era sua obsessão. Na verdade, tornou-se quase um miserável! E, ao adquirir uma casa na Rua do Sapo, onde aos fundos havia um barracão, mudou-se logo para lá, alegando que o dinheiro empenhado para o pagamento mensal da pensão, iria ser investido na compra de prédios e casas, e assim fez. Comia Barbosa, pelos bares da cidade, não almoçava, alimentava-se de pastéis gordurosos, pão com salame, e muito raramente uma mãe benta. O único luxo que se

permitia era uma cerveja da marca Barbante, aos domingos, que era saboreada devagar e, após desfrutar da bebida, era tomado pelo arrependimento, devido à despesa do valor da bebida, tornando a cerveja muito mais amarga.

Os hábitos de Barbosa eram metódicos e, ao findar de cada mês, passava pessoalmente de casa em casa, para receber o aluguel que seria depositado no banco, entretanto, antes desta ação, o mesmo era guardado em uma canastra de couro aos pés da cama.

Houve um fato que interessa registrar: Barbosa enamorou-se de um palacete situado na Avenida Rio Branco e tanto foi o encantamento que cortou dois pastéis diários e a cerveja domingueira, a fim de economizar e comprar o palacete. E comprou! Homem determinado, esse tal de Manoel Pinto Barbosa! Quando punha uma coisa na cabeça, ninguém lhe tirava o foco, ou dissolvia-lhe a crença, ele somente fazia o que queria.

Barbosa era de poucos amigos, ou quase nenhum, porém, aos fundos do terreno da Rua do Sapo, havia não somente um barracão, mas, sim, dois. No primeiro, ele morava, e no segundo, mantinha negócio de locação para D. Ritinha morar com um filho de nove anos, chamado Paulo. Se ela era separada, mãe solteira ou coisa semelhante, ninguém teve informação, o que todos sabiam é que ela era uma excelente lavadeira, uma mulher cheia de vitalidade, honrada, com enorme alegria de viver e era uma formidável vizinha. Possuía verdadeira adoração pelo seu único filho - Paulo, por quem trabalhava e vivia. Faz-se digno de nota que Paulo andava sempre muito bem arrumado, limpo, até mais que muitos ricos da cidade. Ritinha era exatamente o contrário de Barbosa, trabalhava pelo filho e não fazia nenhuma questão de empenhar seu dinheiro em usufruto do mesmo.

Assim como Barbosa, que aos domingos tinha o hábito da cerveja, um prazer meio amargo, Ritinha tinha verdadeiro deleite de ir, após o almoço, juntamente com Paulo, passear pelos morros, nos arredores da cidade que, à época, eram desprovidos de casas e cheios de vegetação e beleza. Mãe e filho adoravam deitar-se à grama e ver o tempo passar devagar pelas nuvens, sentir o cheiro do mato, olhar ao longe o curso do Paraíba todo majestoso. Esses passeios domingueiros traziam ainda mais vitalidade para D. Ritinha. Ao findar da tarde, eles vinham quase rolando morro abaixo, encharcados de alegria, coisa que pelas bandas da cidade já pouco existia. Como as mães são especiais, ela intercalava os passeios no campo, com idas ao cinema para

agradar o filho, mas era o campo que amava. O contato com o mato, com a terra, renovava-lhe sempre.

D. Ritinha possuía um bom coração, pois, sempre que possível, ofertava a Barbosa frutas, bolos, biscoitos, sucos, mesmo sabendo que o homem era rico, tinha pena do unha de fome, pois ele estava sozinho todo o tempo.

Provavelmente, as supressões alimentares enfraqueceram o organismo do velho, pois Barbosa contraiu uma gripe forte, que nem mesmo a medicação mais adequada o fez levantar antes de quatro dias. D. Ritinha tratou-o com melão de São Caetano e caldo de galinha, a fim de fortificar o pobre homem. E esse ato de gentileza, amoleceu o coração endurecido de Barbosa, tanto que, após a convalescência, percorreu as lojas dos sírios, à Rua Marechal Deodoro, com o propósito de comprar roupas e sapatos novos para Paulo e comprou.

Paralelo a estes acontecimentos, chegou em Juiz de Fora o sobrinho Coutinho. Veio visitar o tio, que, cheio de desgosto, queria que o sobrinho se fosse logo da cidade,

- Não me faz falta alguma!
- Onde minha irmã estava com a cabeça em casar, em ter filhos?
- Agora esse trambolho ainda me extorque, alegando não ter dinheiro para pagar o hotel e nem para retornar a São Paulo!
- E eu quem tenho que pagar! (ALENCAR, 1947. p. 17. Manuscrito).

Enquanto Barbosa resmungava esses pensamentos, Coutinho, por sua vez, pensava na herança e chegava mesmo a perguntar-se se o tio fizera testamento. Barbosa abominava a possibilidade de morrer e não pensava em registrar tal documento. Não o fizera e nem o iria fazer. Coutinho não tirava da mente a possibilidade de herdar todo o patrimônio do tio e, da última vez em que esteve em Juiz de Fora, percebeu que o mesmo havia enfraquecido bastante. Esta constatação permitiu que Coutinho carregasse consigo a esperança de morte repentina de Barbosa, só não sabia de que maneira. Quem sabe a debilidade física seria a causa da morte?

Pela profissão, agente de polícia da cidade de São Paulo, Coutinho tinha acesso a várias ocorrências policiais, como roubos, assassinatos, desordens públicas, entre outros delitos. Um episódio ocorrido na Vila Mariana – São Paulo, do qual Coutinho fez parte da equipe policial, trouxe-lhe uma ideia genial: poderia articular a mesma situação do caso da Vila Mariana: assalto seguido de morte de uma moradora (a causa da morte foi devido ao susto diante de um assalto - a vítima era cardíaca e, ao perceber o roubo, teve uma síncope fulminante), assim, também, pensou em proceder em relação ao tio.

O sobrinho planejou forjar um assalto, com o intuito de o tio morrer de susto, já que o mesmo estava enfraquecido pela gripe forte.

Planejou tudo, travou relações com um especialista em abrir cofres, que atendia pelo apelido de Perdigão ou Boca Torta. Como tudo entre agentes da segurança pública começa e termina em conversas boêmias, o caso de Barbosa fora tratado, entre cervejas e cigarros num café à Rua Brigadeiro Tobias na cidade de São Paulo. Para a execução do plano, Coutinho exigia:

- Susto hein Perdigão, quero somente um bom susto!
- Você é especialista em abrir cofres, entrar sem deixar rastros, vestígios. Assim fará lá em Juiz de Fora, na rua do Sapo, no barracão do meu tio...
- Nada de violências, você entendeu? (ALENCAR, 1947. p. 22/23. Manuscrito).

O plano não terminou como o esperado. Por complicações na ação, o que matou Barbosa não foi susto, foi um murro no peito mesmo, em cima do coração, desferido pelo bandido contratado.

Para a polícia, a causa da morte foi colapso, para Coutinho foi susto, para Perdigão foi violência – murro certo. Aqui segue a real versão: em noite alta, Perdigão entrara facilmente no barracão de Barbosa. O especialista em cofres já havia retirado o dinheiro dos aluguéis de dentro da canastra de couro, enquanto Barbosa dormia só que, não se sabe por qual motivo, Manoel Pinto Barbosa despertou. Naquele instante, Boca Torta colocava o dinheiro no bolso da jaqueta, e percebendo, Barbosa, o ladrão, intentou erguer-se e gritar, quando, rapidamente, com uma precisão tremenda, Boca Torta desferiu-lhe um golpe de morte no meio do peito. Manoel Pinto Barbosa não emitiu nenhum som, ficou estirado na cama, sem respirar, morte imediata. Boca Torta, percebendo o ocorrido, saiu do barracão pelo telhado, sem deixar vestígios de sua passagem. Enfim, a morte chegou para Barbosa!

Era domingo, o crime aconteceu na noite de quinta-feira, portanto, fazia três dias que o tio de Coutinho estava morto dentro do barracão e já em estado avançado de decomposição, exalando um mau cheiro pela circunvizinhança. Os vizinhos começaram a dar falta de Barbosa, até que D. Ritinha e mais uma vizinha – D. Zilda foram ao barracão e, à medida que se aproximavam do local, o mau cheiro aumentava, até que identificaram que o odor fétido provinha da casa de Barbosa e como notícia ruim espalha rápido, em poucos minutos, em pleno domingo a Rua do Sapo ficou apinhada de gente, vizinhos e curiosos.

A polícia foi acionada, os policiais entraram arrombando a porta do barracão e constataram, mesmo, que Barbosa estava morto há mais ou menos três dias, pelo estado avançado de decomposição. A polícia registrou o óbito por colapso, o sobrinho foi avisado, e o episódio foi compreendido em três versões interessantes: para o sobrinho a morte foi causada pelo susto, para Perdigão/ Boca Torta, foi o murro e para polícia foi um colapso. Caso encerrado, o enterro seguiu sem acompanhantes, pois Barbosa não fizera amigos. O féretro foi levado ao cemitério por dois cavalos magros, arreados numa carroça; o caixão ia passando pelas ruas e quarteirões que pertenciam a Barbosa, deixando um rastro fétido pelo ar.

Daí a alguns dias, chegou a Juiz de Fora o sobrinho – Coutinho, a fim de assumir o lugar e os negócios do tio. O mandante do assassinato de Barbosa herdou toda a fortuna e, para isso, agiu sem a menor consciência de culpa. Já chegou esbanjando a fortuna, mesmo antes de pôr as mãos no dinheiro. Solicitou o melhor quarto do Hotel Renascença, assim como o melhor prato, o mais caro vinho e a melhor sobremesa do mesmo, como se estivesse comemorando vitória sobre a desgraça alheia, só que o alheio era o tio.

O sobrinho esbanjou o dinheiro do tio, com mulheres, roupas, viagens, charutos e muito mais, e, como diz a canção popular, “dinheiro na mão é vendaval, dinheiro na mão é solidão” (VIOLA, 1975), vertiginosamente, a fortuna feita, desfez-se na mão do sobrinho.

Coutinho contratou advogados para darem andamento ao processo de aquisição dos bens e elaboração do inventário do tio e, para que a fortuna fosse repassada legalmente para a administração total do herdeiro. Após os trâmites legais, os advogados comunicaram a Coutinho que ele possuía plenos poderes sobre a fortuna do tio, que casas e quarteirões inteiros estavam sob seu gerenciamento, assim como, o valor em espécies depositado no banco da cidade.

O sobrinho não pensou duas vezes: se as casas e os prédios pertenciam-lhe, queria era gastar o dinheiro; por isso, colocou a primeira casa à venda e daí por diante, fora uma sucessão de casas sendo vendidas a preço abaixo do mercado. Coutinho era o contrário do tio, não tinha nenhum amor ou apego ao dinheiro, queria sobressair-se na sociedade juiz-forana e paulistana como alguém rico e elegante.

Manoel Pinto Barbosa tinha muito amor ao dinheiro e aos bens imóveis que conquistara com tanto sacrifício e privações. Dentre eles, dois eram as meninas de

seus olhos: o palacete da Avenida Rio Branco, aquele mesmo que o fizera abdicar-se da cerveja domingueira, e um sobrado na Rua Halfeld.

Pelos hábitos perdulários de Coutinho, o disse-que-disse na cidade fora enorme: o sobrinho esbanjava fortuna do tio e o dinheiro escorria pelas mãos do mesmo, como se fosse areia. Foi, então, que dois homens espertalhões foram procurar Coutinho, a fim de extorquir-lhe dinheiro, devido a sua imperícia ao administrar a fortuna. Sugeriram, incentivaram o novo rico a comprar um grande terreno pelas bandas da Rua São Mateus, a fim de começar um loteamento de casas-bairro, ao qual daria o nome de Jardim Paulista, porém, o sobrinho não tinha o valor do terreno depositado no banco da cidade, recurso esse que o obrigou a pôr à venda o palacete da Avenida Rio Branco. O magnífico palacete foi vendido às pressas, por um valor abaixo do mercado imobiliário, fato que gerou na cidade uma grande comoção. Os comentários foram os mais diversos, desde caçoamento do sobrinho e do tio, até o comentário de que Barbosa estava revirando no túmulo no momento em que o sobrinho estava no fórum da cidade, passando a escritura do palacete para o novo proprietário.

E, se o intuito fora ganhar dinheiro fácil com a criação do novo bairro Jardim Paulista, os dois homens não intentaram sucesso. Na verdade, todos perderam. Coutinho, como não tinha aptidão para os negócios, enjoava rapidamente de tudo: vendeu mais casas e foi viajar para o interior de Minas Gerais e depois para o Rio de Janeiro, deixando os negócios do Jardim Paulista sob a responsabilidade dos dois espertalhões – o topógrafo e o corretor de seguros.

Quando o sobrinho retornou a cidade de Juiz de Fora, nada havia sido alterado. O bairro Jardim Paulista não fora adiante, e Coutinho perdeu dinheiro, pois investiu em algo do qual não teve retorno: perdeu o Palacete da Avenida Rio Branco, e acabou vendendo o terreno por menos da metade do preço para um construtor especializado que contratara para lotear o bairro novo.

Na ânsia de vender, o sobrinho não poupou nem mesmo o barracão da Rua do Sapo, vendeu-o também, e o atual proprietário ainda ajustou o aluguel de D. Ritinha, alegando que as coisas estavam cada vez mais difíceis na cidade de Juiz de Fora.

A essa altura, Coutinho já estava quase pobre novamente, restavam pouquíssimas casas e quase nenhuma no centro da cidade. Perdulário é o adjetivo que o caracterizava; só que vida boa e vida sem medos para aqueles que são assim, passa rápido, e passou mesmo.

Num dia, chegou à cidade o especialista em abrir cofres e, também em acertar murros certos – Boca Torta, a fim de extorquir a fortuna, e mais dinheiro de Coutinho, nem que, para isso usasse de chantagens. O herdeiro recebeu Boca Torta a contragosto, em seu quarto no hotel, visivelmente irritado. Não se sabe se pela presença de Perdigão ou pela eminente falência financeira, ou as duas coisas.

A questão é que Perdigão queria, a todo custo, as casas que não havia mais. Chegou, mesmo, a ameaçar Coutinho, dizendo ir à polícia e contar a verdade sobre a morte de Manoel Pinto Barbosa, porém desistiu devido à perspicácia de Coutinho, que, pelo menos para isso, teve tino. Perdigão não tinha nenhuma prova de que o sobrinho o contratara para matar o tio, nenhum papel assinado. Seria a palavra de um ladrão contra a declaração do sobrinho influente e rico na cidade de Juiz de Fora, foi então que o bandido percebeu a inutilidade da intenção, indo embora naquele mesmo dia, para nunca mais voltar, e ainda recebeu de Coutinho alguns poucos dinheiros.

Naquela mesma tarde, parecia que Coutinho estava insano, pois escandalizou a Rua Halfeld, ao desfilar de cachimbo à boca, com um pijama de alto valor monetário, de linho e carmesim pela rua. As extravagâncias continuaram até a última casa ser vendida e a fortuna arruinada. Vender casas é o que importava ao sobrinho e esta última venda tinha uma representação significativa para os protagonistas: Barbosa – defunto – segundo o narrador, porque era a última propriedade, a menina dos seus olhos, e Coutinho, porque perdeu, naquela noite, em jogatina da roleta russa, o último imóvel - o sobrado da Rua Halfeld.

Dinheiro na mão é vendaval (VIOLA, 1975) para um sonhador, ambicioso e imperito. Assim como o vento, Coutinho veio e passou pela cidade de Juiz de Fora, deixando seu rastro de ruínas, morte e extravagâncias.

3.1 A EDIÇÃO DE MANUSCRITOS: UMA TEORIA, VÁRIOS CRITÉRIOS

Ao procurar conhecer e interpretar os segredos da “caixa-preta”, a genética faz muito mais que promover um novo ponto de vista crítico sobre a obra: ela grava e designa uma mutação histórica na noção mesma de obra artística.

Pierre-Marc Biasi (grifo do autor).

Na oportunidade de levar a pesquisa a uma análise pelo viés da Crítica genética, a fim de promover as edições documentais da novela **O crime da rua do Sapo**, é necessário buscar entender o termo edição genética e é por meio dos estudos de Louis

Hay que se localiza a fonte para uma possível explicação para esta terminologia nova, mas que já está inserida em muitos dicionários atuais como: “No léxico contemporâneo, o termo *edição genética* aparece como um neologismo de fresca data; e em nossas idéias sobre a edição, o projeto de publicar o nascimento de um texto fala de uma ambição bastante recente” (HAY, 2007, p.341).

Na compreensão da palavra edição, segundo a crítica textual, pode-se entender como a cópia de textos feita a partir de uma mesma composição tipográfica, incluindo todas as tiragens resultantes dessa cópia. Como esta pesquisa propõe elaborar uma edição *Princeps* e Diplomática da novela inédita **O crime da rua do Sapo**, de Gilberto de Alencar, é necessário trazer os conhecimentos de alguns teóricos a fim de elucidar o conceito destes tipos de edição que poderão contribuir e sedimentar a parte da pesquisa no que tange à elaboração de edições.

Dentre muitos estudiosos, César Nardelli Cambraia esclarece o conceito de edição *Princeps*: “Tem-se uma edição *princeps*/príncipe, quando se publica um texto pela primeira vez” (CAMBRAIA, 2005, p. 88) e de edição diplomática em: “Neste tipo de edição, faz-se uma transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo, tais como sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular, etc” (CAMBRAIA, 2005, p. 93).

Na mesma direção, posiciona-se Louis Hay sobre a edição diplomática:

A reprodução do manuscrito acompanha-se, geralmente, de uma transcrição dita “diplomática”, transposição literal do texto em caracteres de imprensa que esposa, tanto quanto a tipografia o permite, a disposição especial e as características gráficas (rasuras, acréscimos, etc.) do original (HAY, 2007, p. 347).

Diante do exposto, a perspectiva de elaborar uma edição *princeps* e diplomática da novela inédita de Gilberto de Alencar pode alterar o campo das edições tradicionais deste escritor mineiro, pois o leitor comumente tem acesso ao livro, ao texto publicado, a partir da impressão tipográfica, mas o manuscrito, esse permanece nas mãos dos especialistas. Assim, as duas edições proporcionarão ao leitor conhecimento sobre a intimidade da escrita, da ortografia e, o mais importante, ter acesso ao processo de criação do escritor. A ortografia vigente e mantida sem atualização,⁶ pode ser verificada no fragmento:

⁶A manutenção da ortografia, vigente ao ano de 1947, deveu-se, também, ao interesse da pesquisa em preservar a memória linguística do manuscrito em questão.

Dahi a nada o carro puxado por dois cavallos magros parou na rua, em frente à casa, o cocheiro entrou no terreiro com o ajudante, os dois mulatos juntaram-se a elles e os quattos levaram Barbosa dentro do caixão já fechado cuja passagem ia deixando no ar o cheiro terrível (ALENCAR, 1947. p. 27. Manuscrito).

Por vez, pode-se considerar que o manuscrito autógrafo é um dos principais meios de preservação sociocultural de um povo. É por intermédio dele que se pode ter acesso a grande quantidade de informações sobre povos, gravadas em diversos suportes; o texto viabiliza o resgate de um passado, por vezes esquecido, possibilitando que o pesquisador mude a linha cronológica do tempo, fazendo do passado o presente que se lê. As afirmações de dois estudiosos ratificam esta importância cultural, conforme consta no artigo do pesquisador Marcos Antonio de Moraes (COLI, 2000 apud MORAES, 2009): “Privar o leitor do texto em estado original é um empobrecimento”. Ainda sustenta o pesquisador (MORAES, 2009) que as particularidades linguísticas de uma obra ou texto devem ser preservadas, para que o projeto estético do escritor não fique oculto.

Ao realizar a investigação e a recolha de material no Acervo Alencar, não foi localizada uma outra cópia da novela, seja autógrafa, ou datiloscrita ou cópia tipográfica, o que possibilita inferir que o manuscrito é o próprio rascunho e, ao mesmo tempo, a única versão para ser editada.

Assim sendo, a realização da edição *Princeps* justifica-se, pois contribuirá para ampliar a fortuna crítica do autor e brindará o leitor com uma novela num estilo ímpar, verdadeira representante da escrita mineira, como afirma Paulino de Oliveira:

Gilberto, como sabemos, além de ter sido um dos intelectuais que mais se realçaram nas letras mineiras em todos os tempos, foi o homem mais espirituoso que conheci. Não para contar anedotas, como Aristarco Pais Leme, mas para colocar em letra de forma qualquer fato que merecesse um comentário jocoso.

Tinha sal, e às vezes pimenta, tudo quanto ele escrevia nesse gênero. Daí o sucesso que se poderia prever para a sua revista, se chegasse a escrevê-la e encontrasse quem a representasse (OLIVEIRA, 2001. Não paginado).

E este estilo peculiar de leveza irônica verifica-se na trama novelesca em:

Na rua do Sapo havia gente às janellas, mas nas ruas seguintes até chegar ao cemiterio, nas ruas onde os quarteirões inteiros pertenciam a Manoel Pinto Barbosa, ninguem via, ninguem reparou, só um ou outro transeunte tirava automaticamente o chapeó que enterro de indigente merece tambem respeito (ALENCAR, 1947, p.28. Manuscrito).

A Crítica genética, portanto, proporciona uma elaboração de conceitos significativos, porque trabalha com a estrutura primária do documento, revelando um certo estado inacabado do texto. Além disso, engloba métodos, técnicas, teorias que permitem uma exploração científica segura, descortinando facetas inexploradas que, muitas vezes, ultrapassam os limites literários; e pela ótica genética é possível realizar o movimento transdisciplinar, reunindo as teorias multidisciplinares que irão, gradativamente, decifrar os códigos, rasuras, acréscimos, que são riquezas genéticas que levam a imaterialidade documental. É Louis Hay uns dos autores que afirma sobre esse estado inacabado do texto: “Enquanto o texto fornece somente a parte escritural e codificada da mensagem, o manuscrito aí acrescenta uma informação não escritural, não codificada, gráfica e espacial, que abarca todas as funções do signo” (HAY, 2007, p. 347).

E, em **O crime da rua do Sapo**, esses limites literários e a decodificação de códigos são identificados, conforme:

Manoel Pinto Barbosa chegou millionario à casa dos sessenta, o que, com os chapéos, os ternos e as botinas, sem falar nas privações de cama e mesa, que virão a seu tempo, a ninguem pode **[Ilegível]**⁷.

Queriam mas que estivesse millionario duas vezes, outras que quatro. Isto leva a crer, razoavelmente, que na realidade só estivesse tres, o que não parece pouco, pois ao tempo vigorava o velho mil réis, o qual, se não valia este mundo e o outro, valia bem dez vezes o cruzeiro com que então nem se sonhava e hoje rola por ahi as bateladas e nada vale. Fique-se nos tres mil contos e não se ficará mal (ALENCAR, 1947. p. 5. Manuscrito).

Elaborar uma pesquisa fundamentada na Crítica genética, que abrange, dentre muitos outros, um viés de reconstituição do texto a partir do próprio texto, conduzindo-o para o desvelar, o interpretar os códigos, método este que consiste em estabelecer vários critérios numa sequência de processos, é função árdua, porém, fascinante para os geneticistas.

Essa exploração oferece acesso ao documento original, que carrega em si algo de selvagem, pois o pesquisador depara-se, muitas vezes, com frases finalizadas em reticências, rasuras por cima de palavras e, principalmente, no que consiste a nomes próprios. Por meio da análise crítica, o geneticista pode levantar hipóteses, diante de uma rasura, de que um nome fora trocado, uma ou mais vezes. E mais, pelo olhar

⁷ A rasura silenciosa será registrada por meio da palavra **[ILEGÍVEL]**, em caixa alta, negrito e entre colchetes, ação adotada com um dos critérios na transcrição do autógrafo em estado de prototexto.

criterioso do pesquisador, o texto pode revelar a impressão de ter sido escrito de uma só vez, e posteriormente, o autor vem fazendo retificações etapa a etapa à proporção que a leitura parcial do texto vai acontecendo, essas são algumas possibilidades que um manuscrito autógrafo pode fornecer. Nas reflexões de Biasi (2010), há o registro muito bem embasado sobre a questão do processo de criação ser peculiar a cada autor:

Os escritores, que usam estruturação redacional trabalham sobre um único manuscrito que se enriquece, à medida que se desenvolve a redação, com incessantes ajustes e retrocessos: quanto mais a redação avança para o final, mais ela se desenvolve em extensão e arrependimentos. Quando chega ao fim de seu trabalho, o escritor dispõe de fato de uma versão quase definitiva da obra, mas sob a forma de um manuscrito muitas vezes cheio de correções maciças contendo, por exemplo, trechos intercalados, indicações de reorganização estrutural, acréscimos marginais, indicações de transferências ou permutações (BIASI, 2010, p.47).

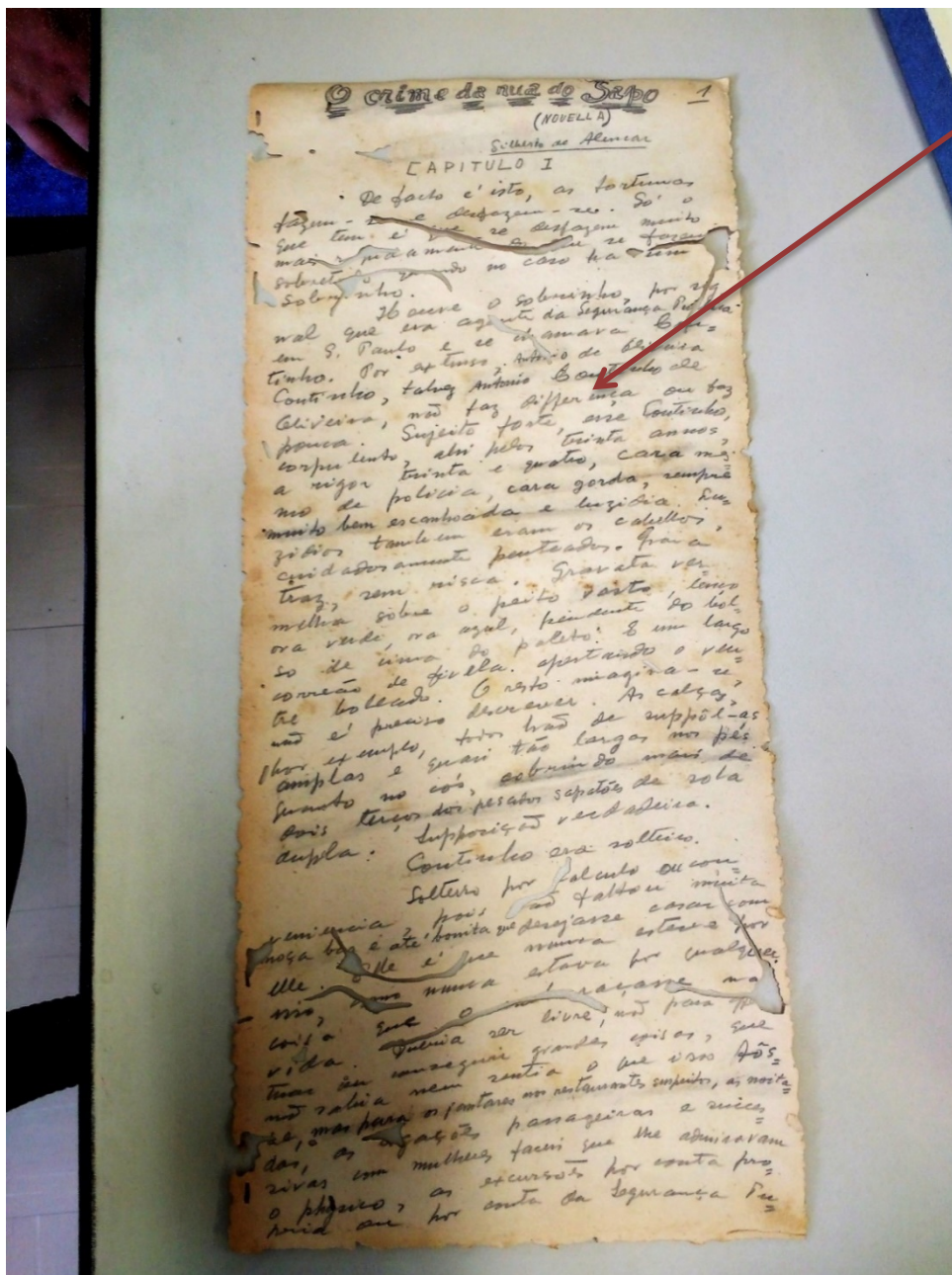
Explorando o manuscrito de Gilberto de Alencar, **O crime da rua do Sapo**, constata-se que o autor utilizou alguns critérios mencionados por Biasi (2010), como anotações de acréscimos, não nas marginais, mas nas entrelinhas e, utilizou, algumas vezes, rasuras para substituições de palavras (ANEXO A) e (ANEXO B).

Assim, pode-se asseverar que as edições *Princeps* e Diplomática, nesta dissertação, promoverão a divulgação do texto para realização de estudo por diversas áreas, posteriormente, pois a Crítica genética vincula-se ao mundo das pesquisas. Entretanto, para produzir o efeito pluridisciplinar, é fundamental que o pesquisador estabeleça os critérios para as edições que forem elaboradas para comporem o *corpus* genético do manuscrito. E faz-se, ainda, indispensável inferir que cada edição exige normas específicas, conquanto, requerem ser, também, explicadas ao leitor imperito. Cesar Nardelli Cambraia (2005) fundamenta este processo de normas ou critérios:

Considerando que cada tipo de edição atende a uma finalidade, não se pode dizer simplesmente que um dado conjunto de normas pode e deve ser aplicado em qualquer caso: normas para uma edição diplomática são muito distintas das para uma edição interpretativa. Por outro lado, não é desejável que, para um mesmo tipo de edição, se utilize um conjunto de normas ao se editar um texto mas outro conjunto diferente para outro texto: é de esperar que um dado tipo de edição seja realizado seguindo-se as mesmas normas. (CAMBRAIA, 2005, p. 109).

Como bem colocado por Cambraia, a metodologia de edições demanda especificidade, cuidado e clareza, portanto, os critérios estabelecidos para as duas edições que compõem esta pesquisa seguem elucidados a seguir:

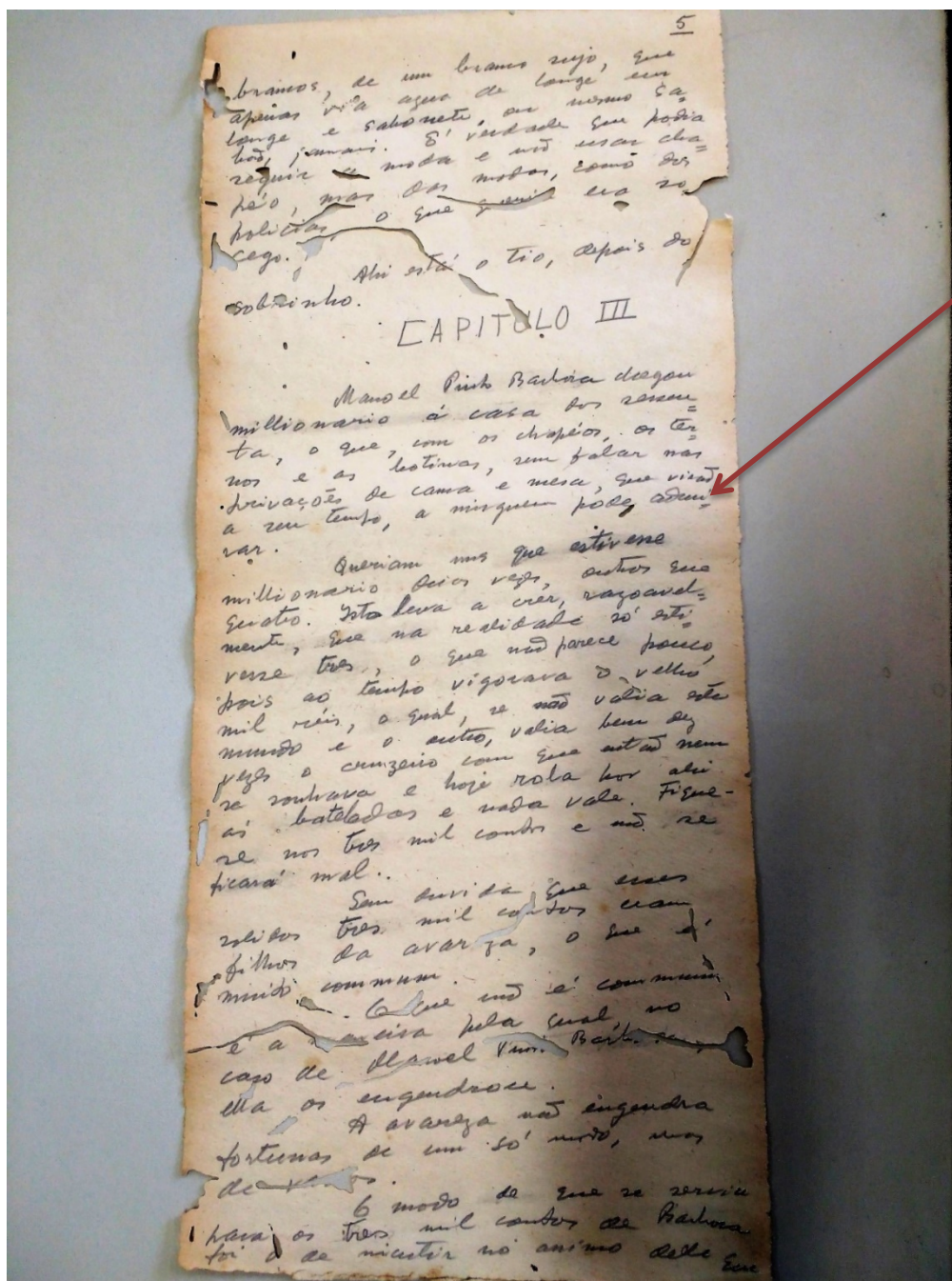
1. foi a novela transcrita na íntegra.
2. foi elaborada a descrição física do dossiê genético, informando o estado de conservação dos documentos:
3. não foi atualizada, na transcrição dos *fólios*, as novas regras de acentuação e ortografia, a fim de valorizar a memória linguística a exemplo:



ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.1. Manuscrito.

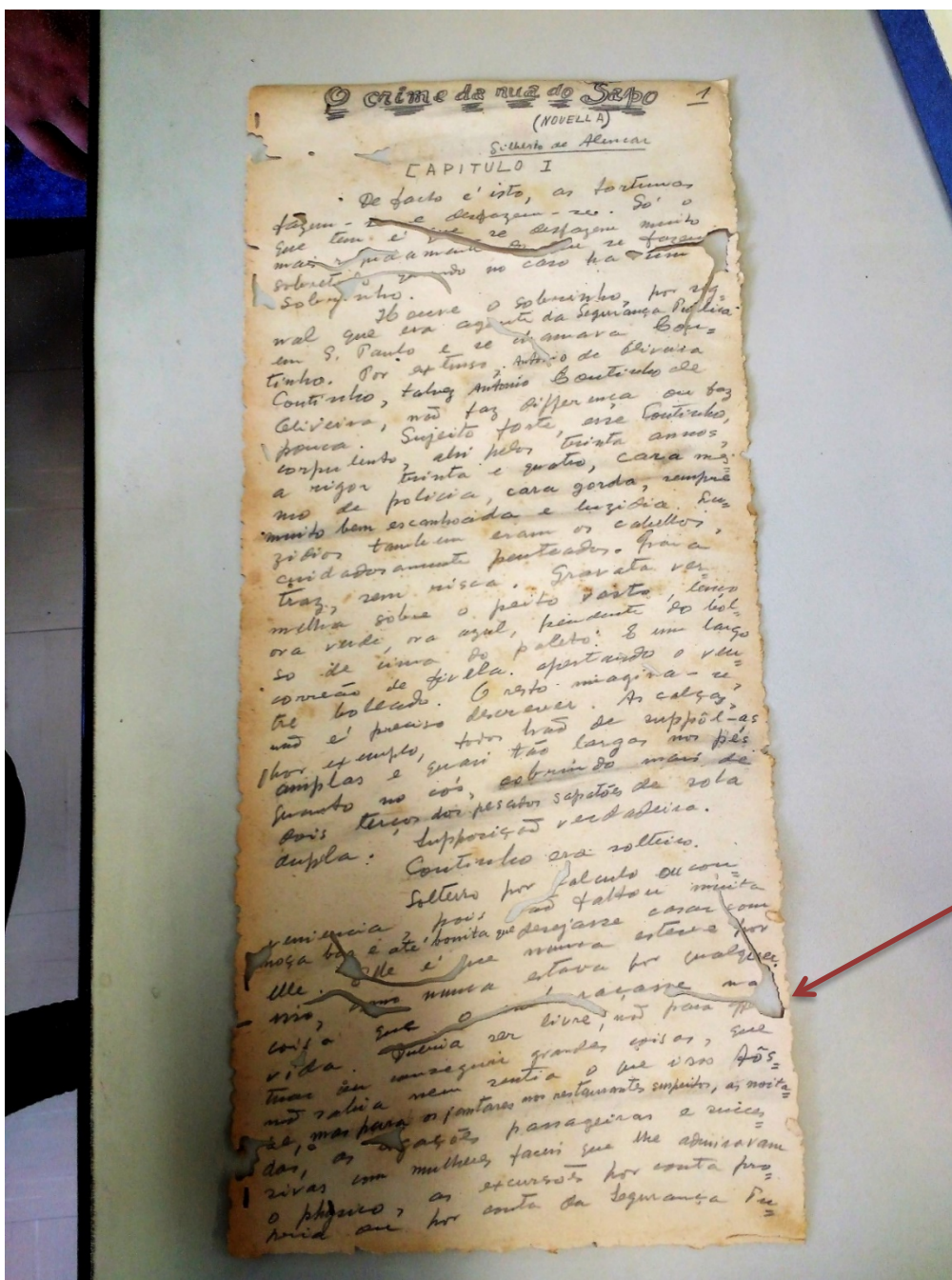
4. foi respeitada a pontuação original:

5. foram registradas com o sinal [**Ilegível**], em negrito, todas as transcrições de elementos indecifráveis, conforme ilustração:



ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.5. Manuscrito.

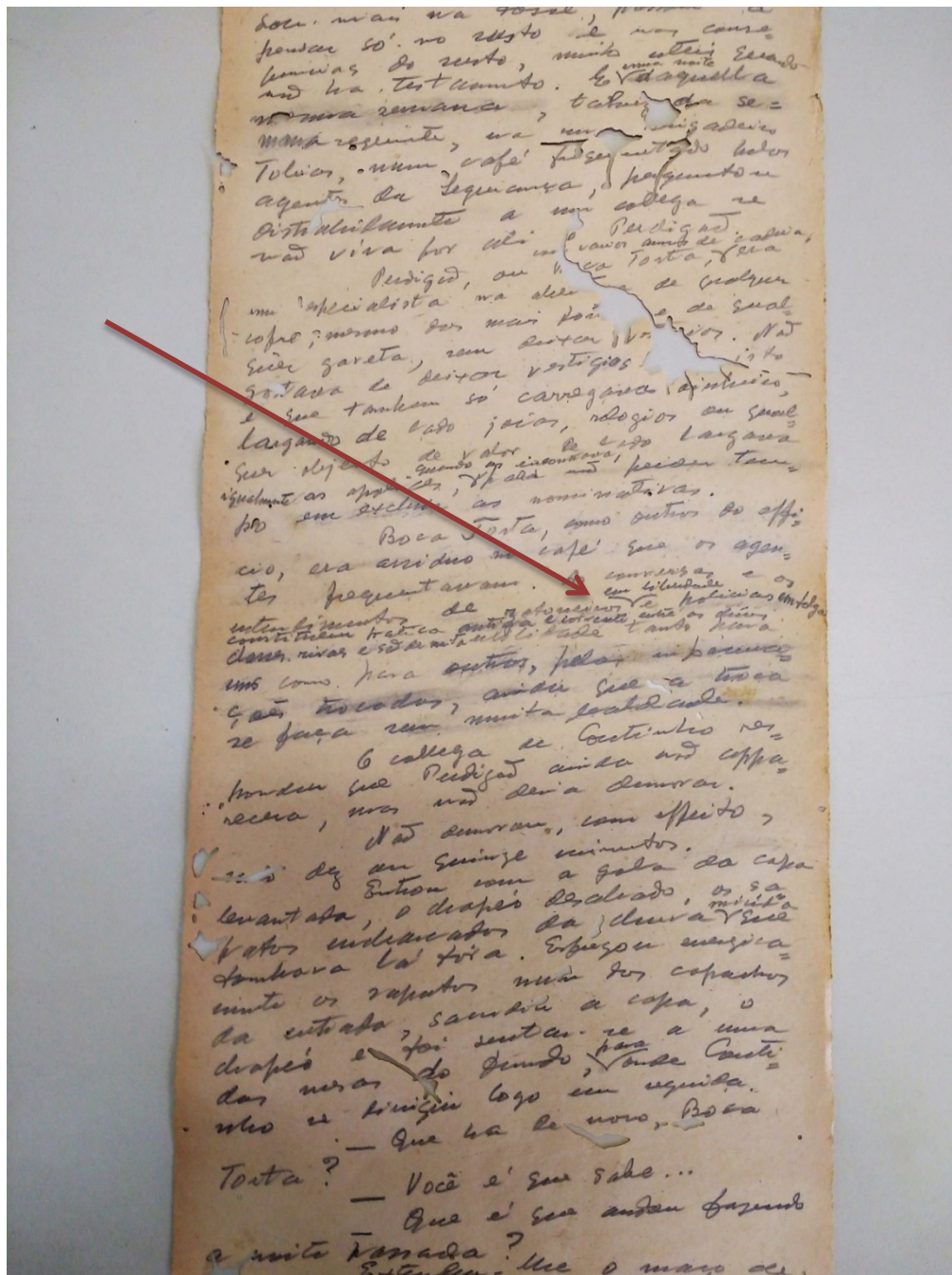
6. foram registradas com o sinal {**Rasura silenciosa**} em negrito, todas as transcrições indecifráveis pela intervenção de insetos de papel. Exemplo:



ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.1. Manuscrito.

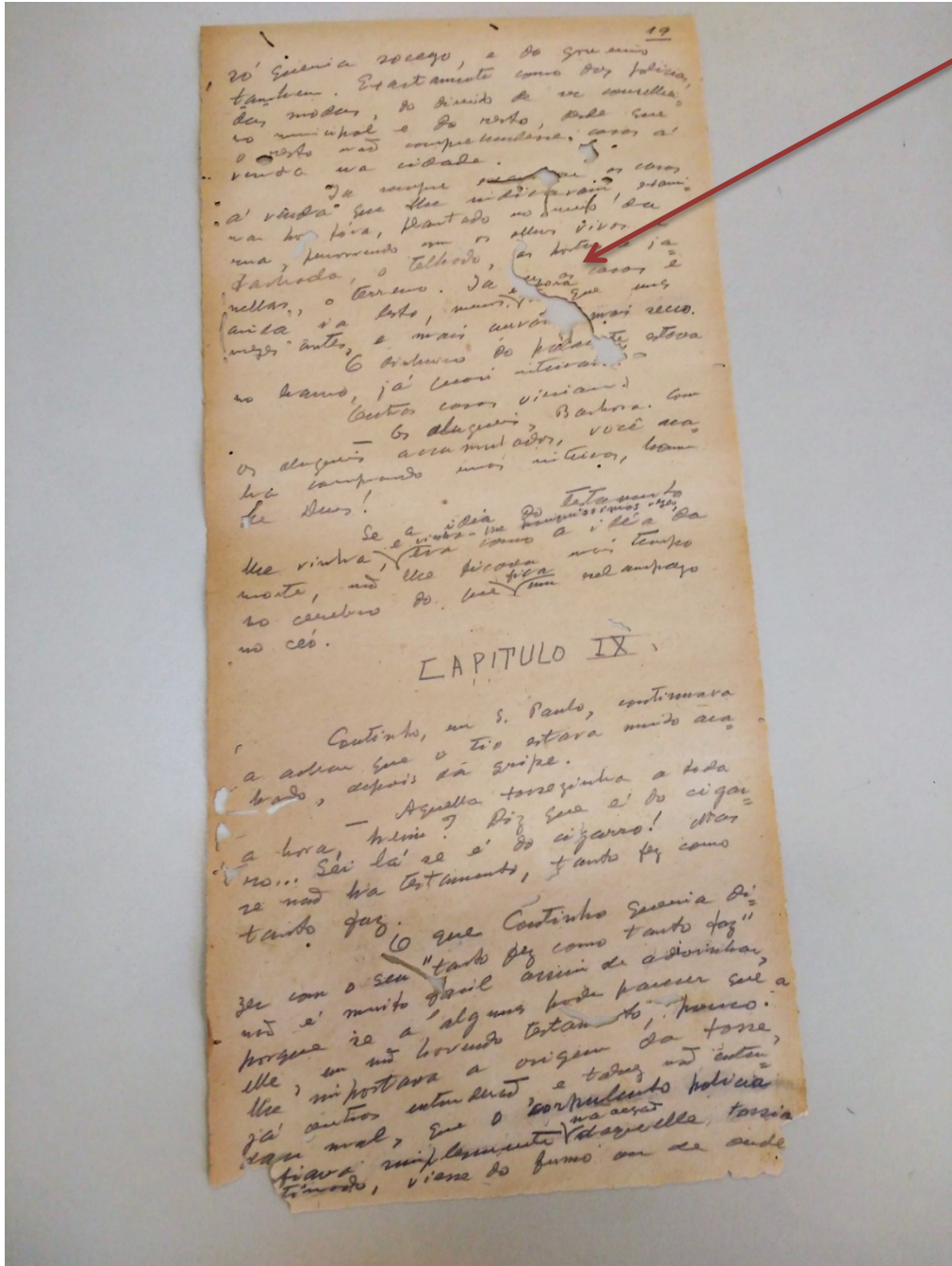
8. foram registradas em cor **verde** e negrito as rasuras em acréscimo registradas

ao lado esquerdo do símbolo ✓ . Exemplo:



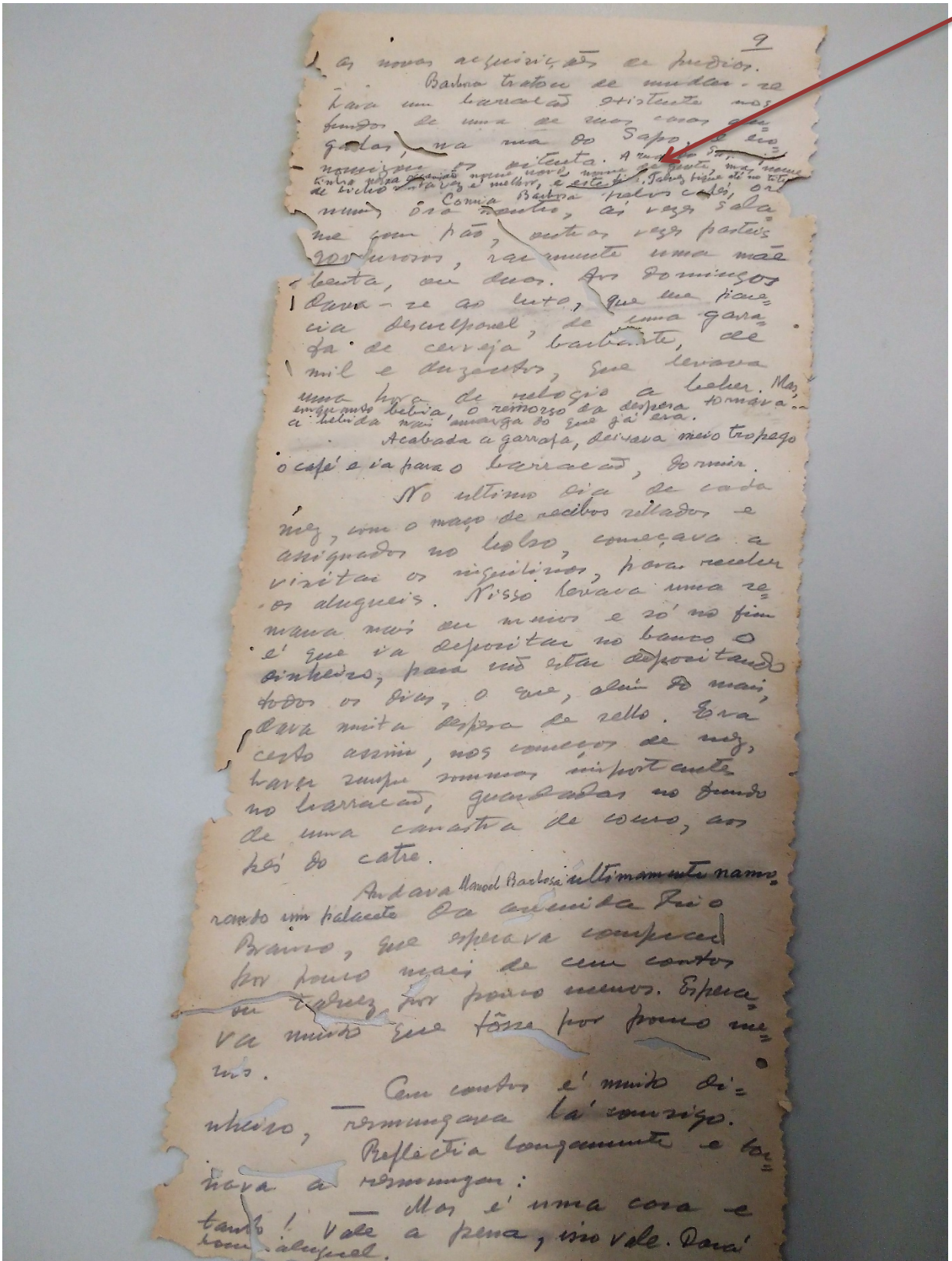
ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.21. Manuscrito.

- 9. foi registrada com o símbolo ✓ **{Rasura silenciosa}** por acréscimo, em negrito na cor verde, uma única transcrição indecifrável oriunda da intervenção de insetos de papel. Exemplo:



ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.19. Manuscrito.

10. foram registrados e sublinhados em negrito, palavras e fragmentos acrescentados nas entrelinhas sem o sinal ✓ .



ALENCAR, Gilberto. O crime da rua do Sapo. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.9. Manuscrito.

3.2 A EDIÇÃO: UM CERTO ESTADO INACABADO DO TEXTO

Esta subseção tem a finalidade de registrar a transcrição na íntegra do manuscrito, elaborando assim, a edição Diplomática, conforme já mencionado anteriormente. Objetiva-se também, expor o processo de criação do autor e, para tal, é importante esclarecer o que na Crítica genética denomina-se rasura que pode configurar-se como o conjunto de substituições sem rabisar uma primeira opção de palavra, ou rabisando a primeira opção de palavra, acréscimos, supressões, o que compreende-se este certo estado inacabado do texto.

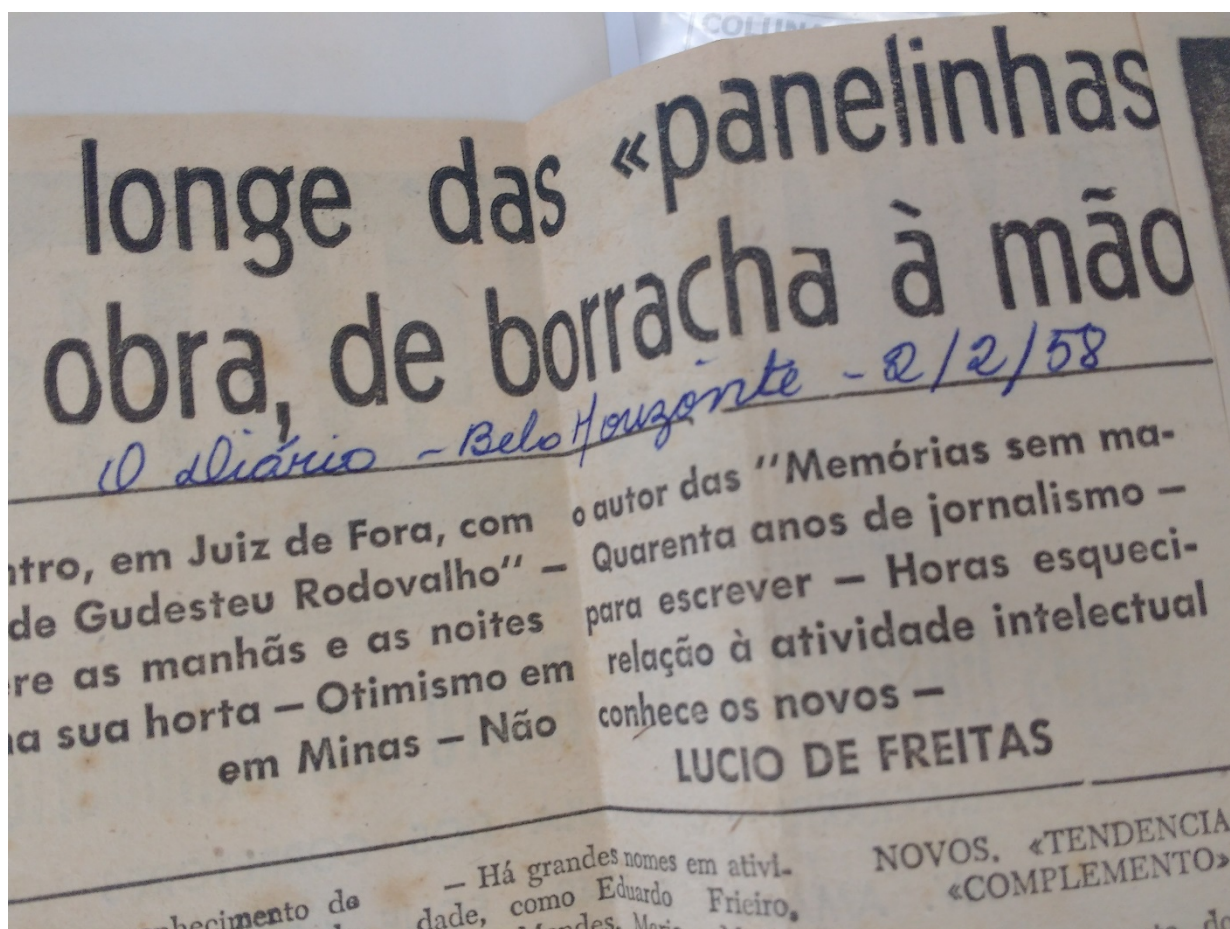
O aporte de compreensão de rasuras é a proposta teórica de Grésillion (2007), ao afirmar:

Mas decifrar é também ler “as palavras sob palavras”, adivinhar sob o traço de rasura o significante suprimido, saber buscar seu substituto no espaço ao redor: ao lado, acima, abaixo, na margem; seguir linguetas de inserção ou outros sinais de remissão.

Classificar é, portanto, não somente restituir os folhetos em sua ordem genética, mas também estabelecer a cronologia relativa dos elementos no interior de cada página de escritura.

De maneira global, é possível dizer que se trata de traduzir vestígios gráfico-espaciais em indícios genético-temporais. Mas essa é uma tarefa complexa e é preciso saber, no melhor sentido do termo, utilizando todos os meios possíveis, explorar todos os dados do escrito, sejam eles grafemáticos, lexicais, sintáticos, semânticos, enunciativos, textuais, quer recorram a saberes enciclopédicos e bibliográficos ou ainda, a processos cognitivos. Na maior parte do tempo, o leitor de manuscritos deve ativar simultaneamente o conjunto dessas possíveis referências se quiser ter uma chance de descobrir redes de relações nas quais, de início, só existem formas cristalizadas em desordem (GRÉSILLION, 2007, p. 160, grifo da autora).

E a pesquisa registra a própria voz do escritor esclarecendo, de certa maneira, sobre parte da forma do seu processo de criação. Numa entrevista concedida ao **Jornal Diário da Tarde** da cidade de Belo Horizonte, datado de 02/02/1958, para o qual Gilberto de Alencar foi entrevistado por Lucio de Freitas, dentre várias perguntas que envolve o processo de criação do autor; um dos questionamentos foi de que maneira o escritor escrevia - datiloscrito ou autógrafo, no que foi respondido pelo literato imediatamente – redigia a lápis, com borracha ao lado, pois consertava muito sua escrita, como nota-se abaixo:



Entrevista concedida ao Jornal **Dário da Tarde** de Belo Horizonte, em 02/02/1958. Este documento encontra-se alocado no acervo Alencar no Museu de Arte Murilo Mendes na cidade de Juiz de Fora.

is «Diário Mer-
da Tarde», de
de escreve cro-
antém uma ses-
Em Belo Ho-
cronica men-
gina da revis-

esse — ter uma
no jornalismo,
de saúde não

S

encar tem já
dos: «Cidade
ancolia» (im-
Preto); «MI-
' (romance),
mio «Cidade
», em 1953;
alicia de Gu-
(romance),
agir e já em

operação já
ce — «O Es-
zambuja» —
r para a Li-
ainda pronto
ncluido há
pretende, po-
a vida, pois
de combate,
orrecimentos

EMORIAS»

ublicadas, a
i maior su-
as sem Ma-
odovalho»

dido no Rio, durante
zena.

GABINETE DE TRABALHO

Quando acabamos de tomar o café, que nos foi servido na sala, levou-nos o romancista ao seu gabinete de trabalho, para no-lo mostrar.

— Aqui escrevo, disse ele, com alegre inflexão na voz, como se exprimisse que naquele recanto passava as horas mais agradáveis de sua vida.

Era uma sala pequena e entulhada de livros. Sobre a mesa, o original de «O Escriba Julião de Azambuja», que devia seguir naqueles dias para o Rio.

Curioso, o reporter indagou do autor de «Misael e Maria Rita» que hora preferia para escrever.

— Prefiro as manhãs e as noites. Há mais sossego.

E riu:

— Gosto de escrever nas horas de silêncio, apesar de ter militado no jornalismo durante mais de quarenta anos...

— E escreve à máquina, diretamente?

— Não. Escrevo a lapis, com borracha ao lado. Conserto muito os meus escritos.

Chegando à janela, que dava para o quintal, chamou-nos:

— A minha horta.

Admiramos-lhe a limpeza e o capricho. O escritor a tratava deveras com carinho.

ATIVIDADE INTELLECTUAL

Araujo, Milton
da Mata Machado
Camilo de Oliveira Torres,
ma Andrade, Emilio
João Dornas... Ah, são t
Paremos por aqui. Não
citar todos: encheríamos
jornal...

E acrescentou:

— A Academia Mineira d
tras nunca teve em tão
atividade, como agora.

Entrevista concedida ao Jornal **Dário da Tarde** de Belo Horizonte, em 02/02/1958.
Este documento encontra-se alocado no acervo Alencar no Museu de Arte Murilo
Mendes na cidade de Juiz de Fora.

Diante destes registros citados, por amostragem, dentre as rasuras existentes no manuscrito, a pesquisa faz a análise de uma rasura pelo caráter único dentro do documento autógrafa: a construção da personagem de Paulo - que é filho da lavadeira Rita, menino de nove anos – que morava aos fundos do terreno da Rua do Sapo, num barracão – inquilino de Manoel Pinto Barbosa. Na elaboração deste protagonista, percebem-se rasuras de substituição que aparecem desde a página 11 – primeira vez que o nome Paulo surge, em sequência as rasuras continuam até a página 25. Após a página 25, o nome Paulo segue sem rasuras como pode-se notar:

11

...isso. Bem poucos foram os que tenta-
 ram engraxar com ella e salu-
 ram - se mal, o que lhe valeu
 o respeito dos vizinhos, que todavia
 tratavam por dona.

— D. Rita, a g...
 como vai?
 — Que tempo, hein, d. Rita?
 — Com esta chuva a semana
 se passa com a roupa da
 semana!

— D. Rita, o Paulo
 ja' vem da aula?
 Paulo era o filho, que
 frequentava o grupo escolar
 no turno da manha, e
 para poder fazer de tarde os
 mandados, e ja' estava no ter-
 ceiro anno.

— Ta' pagando e ja' no terceiro
 anno, hein, d. Rita? Menos intello?
 Sente!
 Rita responde que sim era
 burro sim, mas muito lavado.
 Apesar de bobalote, Paulo andava
 sempre muito limpo e bem arrumado,
 que um filho de Santa Rita e ta'
 mais, pois a mãe, como tacha, e que
 fazer, sempre tinha tempo de limpar o
 le' d'elles em cima o bico intello, e
 ta' se divertia de gastar para o
 trabalho.

Tempo, d. Rita, e' que faltava para
 nada, nunca se via uma coisa acionada, até
 facia-se em os minutos e as horas pas-
 sava-se em luctuamente para, ela de vez
 para os outros. Passava para quatro ou
 cinco familias, trouxa e outros que vinham
 ai seguntos e voltavam ao sabido, e
 ganhava, estingua os proprios intellos e os
 de Paulo e apinhava os vizinhos, assim.
 Deuza e' um apelido de serviço, sempre
 muito pertencoso, tratava os companheiros
 com a de fogo, trazia o barbaço boni-
 ficando de tal variedade e arrumando, tudo
 visto muito, cantando, melando da
 vida, e' a grande de sacral, para
 que os vizinhos de um volta. Quando batia a porta
 da casa, ou quando a passava a ferro quente...

ALENCAR, Gilberto. O crime da rua do Sapo. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.11. Manuscrito.

25

do Corneio nem morava mais na
cidade, tinha sido removido para
Bello Horizonte, e foi uma das
vizinhas que percebeu.

— D. Pitócha, me desias
de coisa podre! A senhora não
está sentindo? Há de ter alguma
carniça ali perto. Será gato
Essa noção?

Pitá Lavalência chegou o
ajuntamento em alguma preparação na
cozinha, chegou até a porta.

— Está um pouco ruim
membr. d. Maria. Porquê? ^{lembrou de}
noite, que senti. Já não
6 gatos de d. Pitócha não
ela, porque fizesse comte de uma do
momento saltava elle de cima do
banco da Barbara e atravessava
o terreno com uma flecha, todo
agrupado.

Não era o gato, era Bar-
bara, dentro do banquinho, atravessado
na cama e de a noite de quinta
para sexta.

As duas aproximaram-se
do banquinho de Barbara, o seu
deu apontou muito, e as
taparam o nariz com a ponta
do acetal.

— 3' de dentro, d. Pitócha! 6
negro e ali dentro...

— Parece mesmo. Há dois
dias que não vejo "sen" Barbara,
a porta vive fechada... Que será?

Apresentam logo outros vi-
zinhos, formou-se um grupo com
uma fogueira e começaram no meio e
o Paulo já encendo fogueira no telhado de
zinhos, para espantar os gatos.

— Não, meus, desde dali
já depressa!

— Não parece e nota disse:
— Sexta, o melhor é cha-
mar a policia, os vizos "sen" Barbara

ALENCAR, Gilberto. O crime da rua do Sapo. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.25. Manuscrito.

que foram seis mulatros de Lisboa ²⁷
 traze para botar nelle o corpo
 de Manoel Pêro Barboza, assim chamado
 como setora, e Rita Lavadeira
 traxera de casa um Crucifixo e
 mais umas flores. Espalhara as flores
 por sobre o cadaver e depois com
 um lenço a cobria e depois
 colocou o morto arrodado. Collocou em
 taes mãos a coleceira e sobre
 elle o Crucifixo, e fechou por duas
 velas de cera, das pequeras.

— E' só por ^{uma} hora, mas
 não podia ficar ^{sem} ella e não
 me aguento. Que elle tem a sua
 chuintad...
 — Si, de Rita e... ^{Chis}
 tudo não vive agarrado ^{para}
^{distra}. E' agua? Que e' que elle
 vai leva para ^{este} ^{mundo}
 solomido e que ^{ya} ^{está} ^a ^{espera}.
 Rita Lavadeira ^{de} ^{seu} ^{estado} ^{de}
 Rita Barboza.

— Contado! Não era
 tanto assim. Pouco antes de morrer
 sem que elle pedisse nada, e os sete bizui
 abençoeira, e ^{com} ^{um} ^{unido} ^{uma}
 para o Paulo. Ela nunca had lido
 por ali, mas era só elle...

— Então fazendo com for
 Loucas. Com certeza. Depois da
 gripe elle estava doente. Trazia
 umifo.

— Pois e'. Tanta fortuna
 e morrer assim, sem ninguem
 ver, sem ninguem ^{ver}. A duzenta
 e' que ^{nada} ^{ella} ^{uma} ^{coisa},
 allouca ^{entra}...

— Qual! Não diz nada
 demais não. A gente fazia apidar
 mas não ^{lára} ^{entra}, ^{que} ^{não}
 mundo ^{não} ^{sabe}.

Depois da morte o cavro
 partido por seis cavallos saíam
 parou na rua, em frente a
 casa, o codexis ^{na} ^{terra}
 com o ajudante, os seis mulatros.
 Juntaram-se a elles e os quatro
 levaram Barboza dentro do caixão já
 fechado.

cuja paragem ia
 para ^{no} ^{ar} ^o ^{cheio} ^{terro}
 vel. Traz os quatro ^{cozinhos} ^{re}
 soleram ^{acompanh}, a ^{carro}

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo
 Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.27. Manuscrito.

o que permite inferir a hipótese de que o autor escreveu este texto devagar, não registrando na criação uma forma exaustiva de produzir, e, sim, uma escrita lacunar conforme Grésillion (2007), registra:

Os dossiês genéticos apresentam grandes diferenças entre si, tanto quantitativas quanto qualitativas, devidas às diversas práticas dos escritores (uns escrevem “na cabeça”, outros precisam ver tudo no papel; uns têm uma escritura regular e legível, outros, uma escritura impulsiva e difícil de ser decifrada etc.), aos tipos de texto (dossiê de um romance, diferenças à parte, é mais espesso que o de um poema lírico) e à transmissão (exaustiva ou lacunária) dos documentos. Um geneticista iniciante, naturalmente tem interesse em começar por um dossiê de tamanho modesto: ele aprenderá com mais facilidade a sistematicidade do tratamento e dos raciocínios (GRÉSILLION, 2007, p. 155).

Por fim, pode-se afirmar que na rasura sobre a palavra apresentada encontra-se um discurso real, permitindo aferir que não está presente somente a intencionalidade do autor, mas também observa-se a marca de um escritor comprometido, cativo nas tessituras da escritura, envolto num vai e vem constante, o que possibilita ao pesquisador identificar um redescobrimento documental por meio da análise da rasura, no que pode-se sempre questionar o que foi feito; isto consiste este certo estado inacabado do texto que é apresentado a seguir.

1⁸O crime da rua do Sapo

(NOVELLA)

Gilberto de Alencar

CAPITULO I

De fato é isto, as fortunas fazem-se e desfazem-se. Só o que tem é que se desfazem muito mais rapidamente do que se fazem sobretudo quando no caso há um sobrinho.

Houve o sobrinho por signal que era agente da Segurança Publica em S. Paulo e se chamava Coutinho. Por extenso, Antonio de Oliveira Coutinho, talvez Antonio Coutinho de Oliveira, não faz diferença ou faz pouca. Sujeito forte, esse Coutinho, corpulento, ahi pelos trinta annos, a rigor trinta e quatro, cara mesmo de policia, cara gorda, sempre muito bem escanhoadada e luzidia. Luzidios tambem eram os cabellos, cuidadosamente penteados para traz, sem risca. Gravata vermelha sobre o peito vasto, lenço ora verde, ora azul, pendente do bolso de cima do paletó. E um largo correão de fivela apertando o ventre boleado. O resto imagina-se não é preciso descrever. As calças, por exemplo, todos hão de suppô-l-as amplas e quasi tão largas nos pés quanto no cós, cobrindo mais de dois terços dos pesados sapatões de sola dupla. Supposição verdadeira.

Coutinho era solteiro.

Solteiro por **calculo** ou conveniência, pois não faltou muita moça boa e até bonita que desejasse casar com elle. Elle é que nunca estava por isso, como nunca estava por qualquer coisa que o **embaraçasse** na vida. Queria ser livre, não para **{Rasura silenciosa}** ou conseguir grandes coisas, que não sabia nem sentia o que isso fôsse, mas para os jantares nos restaurantes suspeitos, as noitadas, as ligações passageiras e successivas com mulheres faceis que lhe admiravam o physico, as excursões por conta propria ou por conta da Segurança Publi

⁸ Esta paginação registrada no canto superior à esquerda da folha, obedece às regras de elaboração de uma edição Diplomática cuja paginação no manuscrito encontra-se no canto superior direito. A novela foi transcrita conforme o manuscrito, inclusive com o registro das mudanças de páginas.

2

ca e o mais que a profissão proporcionava. Inclua-se nesse mais a entrada franca nos theatros, cinemas e cassinos, estes principalmente.

Casamento é um espeto.

Ao que um collega qualquer observava:

- Deixe estar que, com uma dona cheia da nota, não é lá muito mau.
- Posso ficar ainda muito bem na vida sem isso...
- Só se fôr loteria ou herança.

Era herança, apenas Coutinho não se abria, desconversava, por achar que em certos negocios o melhor é falar pouco ou não falar nada.

Mas era herança.

CAPITULO II

Sobrinho presuppõe tio.

Pois houve tambem o tio e aqui vae elle.

Não era Coutinho, era Barbosa, Manoel Pinto Barbosa. Coutinho tinha sido o cunhado, pae do agente de policia.

Manoel Pinto Barbosa, de Juiz de Fora evidenciava de commum com o sobrinho de S. Paulo a pouca ou nenhuma inclinação para o casamento, a **prova** é que tendo **enviuvido** ainda moço e sem filhos, não quiz nem por nada renovar a experiencia, posto não lhe houvessem escasseado as oportunidades. A viuvos sacudidos, ainda mais sem filhos, as oportuniades

3

não minguem nunca, antes sobram sempre, que as mulheres dão a vida por supplantar uma rival, mesmo quando esta não pode mais defender-se, sobretudo quando não pode.

Barbosa dizia a miúde, quando calhava e até quando não calhava:

- Casamento é um trambolho.

Entre trambolho e espeto a differença é nenhuma, tirante a circumstancia de que espeto ainda não entrou para o dictionario com a significação do outro. Mas entrará qualquer dia. Enquanto não entra, consigne-se que o sobrinho de S. Paulo e o tio de

Juiz de Fora tinham do casamento a mesma opinião ou o mesmo receio. Fica melhor o mesmo receio, porque era muito mais isto do que aquilo. Apenas os motivos do medo eram diversos, temendo o sobrinho perder os seus prazeres e temendo o tio não poder continuar amontoando a sua fortuna.

Se tinham de commum a nenhuma propensão para a vida de familia, de commum não tinham mais nada.

Não se estimavam e Barbosa não ocultava jamais a desestima.

- “Seu” Manoel, como vae o seu sobrinho de S. Paulo?

- Sei lá... Aquillo é um sem geito. Não me fale nelle, que só de falar me aborrece.

Ainda por cima, policia!

- Por que não manda buscar o homem para a sua **companhia**. Podia ajudal-o ahi nos negocios...

- Você está mas é doido! Dos meus negocios trato eu sozinho e me dou muito bem. Era só o que fal

4

tava, mandar agora buscar o policia!

De policia quero socego.

Barbosa não escondia a desestima, parecia mesmo fazer questão de mostral-a bem mostrada, porém Coutinho era o contrario. Se no fundo aborrecia o tio muito mais do que o tio desqueria, não dava disso demonstração alguma, nem franca, nem discreta. Quando se quer herdar, e o agente da Segurança Publica queria isso mais que tudo, a regra é desgostar, mas não deixar que o desgosto se torne conhecido e de qualquer forma possa prejudicar a herança ou mesmo, frustal-a. Não vale a pena **que certos desgostos, andem correndo as ruas.**

Manoel Pinto Barbosa regulava pelos sessenta, sessenta e dois. Em todo o caso, menos de sessenta e cinco. Era baixo, magro, a valer e já andava curvado, posto que andasse ainda muito leestamente. Lestamente e não lepidamente de lepidido não tinha nada, que não falava assim pelos cotovelos e a cara era sempre de poucos amigos. Na cara, destacavam-se olhos pequenos e vivos, encovados, e o bigode grisalho, encardidos de cigarro. Destacavam-se tambem as orelhas, que eram grandes e acabanadas.

Teimava Barbosa em usar ainda botinas de plastico, que lhe duravam annos e annos, sem nunca serem engraxadas, desmentindo assim cabalmente o preconceito

dos fabricantes de graxa e de calçado, que anunciam não prescindir este do uso daquela, se quer ter duração. **O plastico é que aguentava menos tempo e se esgarçava.**

Tanto quanto as botinas se não mais, duravam-lhe os ternos de casimira. Embora os escolhesse sempre dos muito baratos e da pior qualidade, duravam até ficarem esverdeados fôsse qual fôsse a côr primitiva, salvo se já foi **verde, quando então, ficavam ruços.**

Chapéos de lebre, ou feltro, se adquiriu dois ou tres a vida toda, foi o **maximo**. Comprara o ultimo, de feltro quando ainda tinha pretos os cabellos que agora estavam inteiramente

5

brancos, de um branco sujo, que apenas via agua de longe em longe e sabonete ou mesmo sabão, jamais. É verdade que podia seguir a moda e não usar chapéu, mas das modas, como dos policiais o que queria era socego.

Ahi está o tio, depois do sobrinho.

CAPITULO III

Manoel Pinto Barbosa chegou millionario à casa dos sessenta, o que, com os chapéus, os ternos e as botinas, sem falar nas privações de cama e mesa, que virão a seu tempo, a ninguem pode **[ilegível]**.

Queriam mas que estivesse millionario duas vezes, outras que quatro. Isto leva a crer, razoavelmente, que na realidade só estivesse tres, o que não parece pouco, pois ao tempo vigorava o velho mil réis, o qual, se não valia este mundo e o outro, valia bem dez vezes o cruzeiro com que então nem se sonhava e hoje rola por ahi as bateladas e nada vale. Fique-se nos tres mil contos e não se ficará mal.

Sem duvida que esses solidos tres mil contos eram filhos da avareza, o que é muito commum.

O que não é commum é a **maneira** pela qual, no caso de Manoel Pinto Barbosa, ella os engendrou.

A avareza não engendra fortunas de um só modo, mas de **varios**.

O modo de que se serviu para os tres mil contos de Barbosa foi o de inculir no animo delle que

6

devia de comprar casa, hoje uma, amanhã outra, depois outra, com intervallos ora breves, ora longos, conforme os tempos, mas sem interrupção. Comprar, comprar sempre, pois o que não faltava em Juiz de Fora era casa para comprar. Ou para vender.

Quando a ideá lhe veiu, isto é, quando a avareza lhe inculiu a ideá, o tio do policia coçou a cabeça. Se não coçou, experimentou pelo menos aquella perplexidade, ou hesitação, que faz coçar.

- A primeira ainda posso comprar, tenho **[illegível]** o dinheiro para isso. Mas a segunda, a terceira e as outras?

- Os alugueis, Barbosa... Pense nos alugueis, homem de Deus!

- Os alugueis?

- Está claro. Você accumula os alugueis da primeira e compra a segunda. Accumula os alugueis da primeira e da segunda e compra a terceira. Do meio para o fim da caminhada, o rytimo das operações ha de por força acelerar-se e você acabará comprando ou podendo comprar, ruas inteiras!

Salta à vista que avareza não falou em operações, nem em acelerar, nem tão pouco em rytimo, pois Manoel Pinto Barbosa não era só de muito pouca roupa, era tambem de pouquissima **intuição** ou nenhuma. Falou a avareza outra linguagem, de **{Rasura silenciosa}** e prompta compreensão por parte do avarento.

Barbosa compreendeu muito bem, tinha então quarenta annos e havia uns cinco que enviudara.

Compreendeu bem e exe

7

cutou melhor.

Escolheu uma casa das muitas que havia à venda no centro da cidade, fechou logo negocio com o dono, foi ao banco e retirou o deposito por inteiro.

Por inteiro é um modo de dizer, porque enfim ainda ficaram alguns quebrados.

Morava Barbosa, por esse tempo, numa pensão barata da rua do Espirito Santo, onde tinha, por cento e vinte mil réis, as duas refeições diarias, um quarto com janella de frente e roupa lavada. Falou com a dona da pensão que havia comprado uma casa, que estava sem dinheiro e que precisava de economizar. A economia consistiu em

reduzir de um terço a despesa mensal, com a mudança para um quarto do fundo do corredor e a supressão do almoço e da roupa lavada.

O almoço foi substituído por uma ou duas médias no café ao lado, em regra uma, muito excepcionalmente duas, e a roupa deixou de lavar-se, tanto a do corpo como a da cama. A substituição inopinada do almoço pelas médias, ou pela média, não teve sequer apparentes, porque a magreza do homem era já antiga, mas a supressão da roupa lavada, ou da lavadeira logo se denunciou pelo forte mau cheiro que se escapava do quarto do fundo do corredor, sempre que o dono entrava ou sahia.

- Puxa! Que catinga!

Isso era dito a toda hora por “seu” Alipio, empregado dos correios e hospede da pensão, que usava uns ternos de brim muito poidos nas bainhas, mas sempre bem lavados e passados.

_ Catinga triste! Catinga dannada!

8

Dannada, dannada, isso era mesmo, tanto mais que o quarto não tinha janella, tinha só claraboia.

Dannada sim, mas economica.

CAPITULO IV

Ao fim de algum tempo, tal qual lhe sussurrara ao ouvido a avareza, Barbosa comprou a segunda casa com os alugueis accumulados da primeira e mais os juros do banco.

Da segunda para a terceira o intervallo foi menor, da terceira para a quarta menor ainda, da quarta em deante o ryttime tomou velocidade grande.

Precisamente como ao avarento segredava a avareza. Sem tirar nem pôr.

De sorte que, em vinte annos, dos quarenta aos sessenta, Manoel Pinto Barbosa conseguiu comprar não uma rua inteira, pois comprava em pontos differentes, mas varios quarteirões de varias ruas. Aos cincoenta já era tido, na Prefeitura, como o maior contribuinte do imposto sobre predios urbanos, o que lhe dava direito a ser um dos conselheiros municipais, direito de que abriu mão com a cara fechada. De certos direitos, exactamente como das policias e das modas, o que desejava era apenas socego.

Havia annos que o tio de Coutinho não morava mais na pensão da rua do Espirito Santo.

Custava-lhe muito o ter de desembolsar, todos os mezes, os oitenta mil réis da refeição unica e do quarto da claraboia.

Esses oitenta mil réis desinteiravam-lhe os alugueis, não deixavam de atrazar de algum modo

9

as novas aquisições de predios.

Barbosa tratou de mudar-se para um barracão existente nos fundos de uma de suas casas alugadas, na rua do Sapo, e economizou os oitenta. A rua do Sapo **tinha nessa ocasião nome novo, nome de gente, mas nome de bicho desta vez é melhor e este ficou. Talvez fique até no**{Rasura silenciosa}.

Comia Barbosa pelos cafés, ora num ora noutra, às vezes salame com pão, outras vezes pasteis gordurosos, raramente uma mãe benta, ou duas. Aos domingos dava-se ao luxo, que lhe parecia desculpavel, de uma garrafa de cerveja barbante, de mil e duzentos, que levava uma hora de relógio a beber. Mas **enquanto bebia, o remorso da despesa tornava a bebida mais amarga do que já era.**

Acabava a garrafa, deixava meio tropego o café e ia para o barracão, dormir.

No ultimo dia de cada mez, com o maço de recibos sellados e assignados no bolso, começava a visitar os inquilinos, para receber os alugueis. Nisso levava uma semana mais ou menos e só no fim é que ia depositar no banco o dinheiro, para não estar depositando todos os dias, o que, além do mais, dava muita despesa de sello. Era certo assim, nos começos de mez, haver sempre sommas importantes no barracão, guardadas no fundo de uma canastra de couro, aos pés do catre.

Andava Manoel Barbosa ultimamente namorando um palacete da avenida Rio Branco que esperava comprar por pouco mais de cem contos ou talvez por pouco menos. Esperava muito que fôsse por pouco menos.

- Cem contos é muito dinheiro, resmungava lá consigo.

Reflectia longamente e tornava a resmungar:

- Mas é uma casa e tanto! Vale a pena, isso vale. Dará bom aluguel.

Por achar que valia mesmo a pena, Barbosa resolveu, afim de que o deposito no banco attingisse mais depressa os cem contos necessarios, suprimir dois pasteis diarios e a cerveja barbante aos domingos.

Supressão, de resto, em que já vinha pensando havia mezes, por um certo motivo que fica para o capitulo seguinte.

CAPITULO V

O terreno dos fundos da casa da rua do Sapo era vasto e nelle não havia um barracão só, mas dois.

Morava no segundo, com um filho de nove annos, a Rita lavadeira, que pagava trinta mil reis de aluguel a Barbosa.

Quando Rita se installou no barracão com o filho, ninguem lhe perguntou se era casada, se viuva, se separada do marido, nem quem era o pae do menino. Ella tambem não disse. Mas se tinha, como possivelmente teria, algum desgosto relacionado com a circumstancia de ser forçada a viver sozinha com a criança e de trabalhar sem descanso pelo sustento proprio e mais o desta, era coisa que não transparecia. Alegre como só ella. No tanque do quintal ensaboando e batendo a roupa, ou dentro do barracão, fazendo o almoço ou o jantar, cantava o dia inteiro, feito o canario cabeça de fogo na gaiola pendurado à janella. Mais até do que canario, que este às vezes silenciava e ella muito raramente.

Rita era morena, e bonita, cheia de corpo, braços roliços, não teria mais de trinta annos, muito séria, sem dar nunca a menor confiança a homem nenhum, nem pobre, nem

11

rico. Bem poucos foram os que tentaram engraçar com ella, e sahiram-se mal, o que lhe valeu o respeito dos vizinhos, que todos a tratavam por dona.

- D. Ritinha, a senhora como vae?

- Que tempo heim, d. Ritinha? Com esta chuva senhora vae penar com a roupa da semana!

- D. Ritinha, o Paulo já veiu da aula?

Paulo era o filho, que frequentava a grupo escolar no turno da manhã, para poder fazer de tarde os mandados, e já estava no terceiro anno.

- Tão pequeno e já no terceiro anno, heim, d. Ritinha? Menino inteligente!

Rita respondia que não era burro não, mas muito levado.

Apesar de turbulento, Paulo andava sempre muito limpo e bem arrumado, que nem filho de gente rica e até mais, pois a mãe, com tanto o que fazer, sempre tinha tempo de cuidar d'elle, de olho em cima o dia inteiro, e não se importava de gastar para vestil-o direito.

Tempo, aliás, não lhe faltava para nada, nunca se vira uma coisa assim, até parecia que os minutos e as horas passavam mais lentamente para ella do que para os outros. Lavava para quatro ou cinco familias, trouxas enormes que vinham às segundas e voltavam aos sabbados, cozinhava, costurava os proprios vestidos e os ternos de Paulo, ajudava os vizinhos numa doença ou num aperto de serviço sempre muito prestimosa, tratava do canario cabeça de fogo, trazia o barracão brilhando de tão varrido e arrumado, tudo isso rindo cantarolando, **enchendo** de alegria **aquelle** fundo de quintal, franqueava as familias de em volta. Quando batia a roupa no tanque, ou quando a passava a ferro junto

12

a porta, numa tabua sobre dois tamboretos então é que cantava mesmo, desafiando o canario que as vezes parava para descansar e ella não.

- D. Ritinha, por que é que a senhora é tão alegre assim?

Interrompia o trabalho, extendia ✓ **para os lados** os bellos braços roliços, cheios de sabão, e ia dizendo, enquanto a agua lhe gotejava da ponta dos dedos:

- Sei não. Acho que é saúde. Graças a Deus, saúde aqui é que não falta. **Saúde** dá alegria à gente...

Era saúde sim.

Aos domingos, se fazia bom tempo, Rita sahia mais o menino, depois do ajantarado, para passear fora da cidade, pelas varzeas e pelos morros, matar saudades das arvores, dos corregos de aguas murmurantes, do vento solto pelas alturas, do cheiro bom do matto, saudades ✓ **mysteriosas** que não sabia de onde lhe surgiam, mas lhe estavam no sangue e decerto vinham de longe, de remotos avós lavradores, amigos da terra que dá trabalho, mas tambem dá contentamento. Caminhava de preferencia ao longo da linha da Leopoldina, por onde os trens só passavam de raro em raro, e afastava-se do rio barrento que ia ficando em baixo, até perdel-o de vista,

nas voltas que a estrada fazia subir. Já no alto, deixava a linha, mettia-se pelos campos à esquerda, até chegar a um planalto de onde se descortinava ao longe um trecho da cidade. O Paraybuna deslisava preguiçoso por sob uma ponte cinzenta de cimento armado, trens da Central ora subiam, ora desciam, com o seu ruído diminuindo na distancia, apitos surdos e uma fumacinha na chaminé da locomotiva, os bondes pareciam caixas de phosphoros, grandes nuvens brancas, por sobre as montanhas ao norte, transformavam figuras

13

extranhas, que mudavam de instante em instante.

- Mamãe, olha lá, parece um elephante!

Parecia mesmo, **porem agora** já era um velho de **enorme** nariz aquilino e longas barbas esparramadas, depois uma cabeça monstruosa de gigante, com sobrececho carregado, depois só **o azul levissimo e limpo**.

Rita sentava-se no chão, comia com o filho as sobras do ajantarado e depois, enquanto Paulo batia as redondezas, perseguindo passarinhos que voavam de moita em moita, tratava de deitar-se ao cumprido, o rosto para cima os olhos semi-cerrados por causa do sol, um braço arqueado por sobre a cabeça, e ali ficava muito tempo, respirando o ar leve perfumado, ouvindo o ruído secco dos insetos nos tufos de capim e o rumorejar do vento nos caminhos. Ao escurecer voltava para a cidade, apostando corrida com o filho pelo morro abaixo e carregando braçadas de flores do matto e de ramos verdes para enfeitar o barracão. Trazia terra nos cabellos, no vestido, nos sapatos, o rosto afogueado porejava suor, o cheiro bom dos campos exhalava-se à sua passagem. E então é que toda ella mais ainda que do que nos outros dias, extravasava saúde e alegria, como se o contacto com a terra lhe houvesse transferido seiva nova e forte.

Um domingo ou outro ia ao cinema, para contentar o filho, mas era o campo que a attrahia irresistivelmente, com essa extranha força que vinha de longe, que vinha certamente dos remotos avós lavradores.

- Como a senhora chegou cançada, d. Ritinha! Cuidado com alguma doença... Doença vem de repente.

- Que nada! O ruim é a gente ficar enterrada toda a vida dentro de casa, já chega a semana inteira ahi no tanque.

A saúde de Rita lavadeira não tinha uma valvula só por onde se expandir, mas diversas. Se a alegria era a primeira dellas, a segunda era a bondade, a bondade ✓ **exuberante** que a levava a ser util a toda a gente, sem pedir recompensa nenhuma, e até sem nunca pensar nisso ou se pensava não era por ella, mas pelo filho.

- Este mundo dá tanta volta! O meu Paulo mais tarde pode precisar e ha de achar...

Vendo Barbosa tão sozinho, tão desprovido de tudo, apesar de tão rico, achou que devia de amenizar aquella vida, attenuar aquella solidão. E uma vez ia arrumar-lhe a cama, outra varrer-lhe o commodo, outra buscar uma peça de roupa precisada de lavar **ou remendar, quasi sempre as duas coisas**. E tambem **[Ilégivel] [Ilégivel]** dor de cabeça ou de dentes.

- D. Ritinha, deixe para lá esse unhas de fome, que não merece! O diabo do homem tem casa que não acaba mais e mora em barracão, tem dinheiro no banco e passa necessidade. A senhora não seja boba de estar tratando d'elle. Aposto que esse pão duro não lhe perdôa os trinta mil reis do aluguel...

- Nem eu quero, d. Maria. O que tenho é pena do homem, coitado! Cada um tem lá seu genio...

Quando fazia café e Barbosa estava no barracão, levava-lhe uma grande chicara fumegante.

- Coado agora, "seu" Barbosa. Veja se está bom de assucar.

Barbosa bebia, estava muito bom de assucar, sim senhora.

Tambem ella levava biscoitos, uma fatia de bolo, uma ou outra fructa.

- Gosto muito de fructa, sempre que posso estou comprando. O senhor que parece que não gosta, nunca vejo o senhor comer.

Barbosa comia os biscoitos, o pedaço de bôlo, a fructa.

Gostava bastante de fructa, laranja principalmente ou banana prata, quem é que não gostava?

Assim, pois, a ideá de supprimir a cerveja barbante aos domingos e dois pasteis diarios se não viesse pelo palacete a comprar, viria pelos presentes diarios da lavadeira. Veio por uma e **por** outra coisa, mais qual dela usufrísse mais principalmente para a supressão seria difficil dizel-o. Há distinções ou conclusões, a

que só elle pode chegar depois de analiyes demoradas e que por fim de contas pagam a pena. Paga muito mais a pena suprimir pasteis e cerveja, quando da supressão resultam, ou podem resultar, palacetes na avenida Rio Branco.

CAPITULO VI

Tambem, às vezes, resultam gripes.

Se houve ou não qualquer relação entre a supressão dos pasteis mais a cerveja e a gripe de Barbosa, é coisa discutível, mas o facto é que Barbosa logo depois, foi para a cama com uma gripe forte, febre de trinta e nove e tres decimos.

- Uma gripe mesmo daquelas, disse a lavadeira...

Rita não se contentou, entretanto como o faz tanta gente quando se trata de gripes alheias, em medir a gripe de Barbosa. Tratou della com chá de melão de S. Caetano, com cobertores grossos por cima do magro corpo tiritante, com botija de agua fervente nos pés.

Qualquer um arribaria logo com o tratamento, Barbosa demorou mais um pouco, mas arribou no fim de tres ou quatro dias e Rita depois de levar-lhe um caldo de frango, e dentro do caldo uma aza que de tão cozida se desprendia ao toque da colher, lhe foi dizendo:

- O senhor agora já está melhor, já está prompto para outra, por isso **quê**

16

não volto mais, que tenho muito que fazer. No grupo, estão pedindo um uniforme novo para o Paulo, para uma festa que vae haver e preciso de ganhar o dinheiro. São dannados para inventar festas lá no grupo!

Manoel Pinto Barbosa, já havia bebido o caldo, comido a aza **tenra**.

- Por que é que a caixa não dá? Tem caixa escolar no grupo...

- Que isso? Meu filho não precisa de esmola da caixa, tem sua mãe que pode trabalhar, graças a Deus.

Rita sahiu, Barbosa deu uns passos por ali, depois foi deitar-se ainda fraco.

No dia seguinte sahiu cedo, correu tudo quanto foi loja de syrio na rua Marechal Deodoro afim de ver onde é que era mais barato e comprou um metro de zuarte azul, para as calças, e metro e meio de morim para a blusa do uniforme. Tambem comprou, mas foi um custo para comprar, os sapatos de lona branca.

- "Seu" Barbosa, o senhor fez muito mal! Para que isso? Eu já estava com o dinheiro guardado para comprar.

- Mas eu quero dar o uniforme ao menino, d. Ritinha. Se eu não quisesse dar, não dava...

A lavadeira aceitou e o tio de Coutinho voltou de novo à rua, em busca de uns alugueis meio atrasados.

CAPITULO VII

Por falar em Coutinho, viera o agente da Segurança Pública, aquelle anno duas ou tres vezes a Juiz de Fora, visitar Barbosa e ver se este andava por estima mais accessivel.

- Às vezes, a voz do sangue, heim?

Mas Manoel, a cada visita, parecia mais áspero e mais aggressivo, a prompto de perguntar ao sobrinho que tanta viagem era aquella e se a policia, em S. Paulo, não tinha **mais**

17

o que fazer. E aos pedidos de dinheiro emprestado retrucava que não fazia emprestimos nem a quem pagava, quanto mais a quem não pagava, o que não impedia que acabasse dando a Coutinho uns cincoenta ou sessenta mil réis.

Quando este dizia que não se ia embora por não ter com o que saldar a conta do hotel.

- Pois vá pagar o hotel e trate de embarcar. Toda vez que vem, é isso, e dinheiro de num bolso para fora. Aquella minha irmã estava doida quando se casou. Deus a tenha em bom lugar, mas estava doida! E quem paga sou eu!

Coutinho, na ultima viagem, logo depois da gripe, achou o tio muito acabado, com uma cara bem ruim.

- É capaz de morrer a qualquer hora. Se fez testamento para mim é que não deixou nada. Terá feito mesmo testamento?

O receio de testamento não o largava, tirava-lhe de noite o sonno e de dia muitas vezes o immobilizava a mesa de um café calado, horas e horas, ruminando coisas.

- O pão duro está ruim, não vae muito longe não.

Como invariavelmente fazia, deu uma chegada ao Forum, conversou com varios conhecidos, sondou um, sondou outro e não teve noticia de testamento nenhum por ali, só se fôra feito em casa, muito às ocultas, mas não, com certeza que não, pois sempre se haveria de saber... Não teve noticias do testamento, teve apenas noticia do palacete, cuja compra seria por aquelles dias, e deixou mais tranquillo o casarão da rua Halfeld.

- Que o velho anda ruim anda. E se não fez testamento...

18

CAPITULO VIII

Barbosa podia pensar em tudo na vida, menos em testamento. Talvez idéa lhe surgisse no cerebro uma que outra vez, como costuma surgir a da morte. Elle, porém, fazia com a idéa do testamento o que todo mundo faz com a idéa da morte, enxotava-a na mesma hora, não lhe dava atenção nem sequer por um instante ou uma fração de instante.

Sabia que, sem testamento, herdaria Coutinho ou herdaria o governo, e não queria, absolutamente não queria que fôsse nem este nem aquelle o herdeiro. Este menos que aquelle ou aquelle menos do que este? Não poderia decidir como tambem não poderia resolver quem tivesse de ser afinal o beneficiado. O beneficiado deveria de ser elle, sempre elle, elle que comprara as casas e ia comprar o palacete. Pois haveria agora de ter comprado e de estar comprando para os outros? Que outros? Os outros que cuidassem da propria vida, elle estava mas era tratando da sua... E por fim de contas a questão não seria saber a quem deixar, a questão seria muito mais não deixar.

Comprara as casas, compraria outras ainda, as casas eram delle.

Não fugia jamais disso e nem lhe passava pela mente que a propriedade pudesse ter qualquer limite, mesmo no tempo.

Testamento! Quem é que lhe deixara nada, algum dia, em testamento?

Bem que alguns advogados já lhe haviam, falado no caso, dizendo-lhe do perigo de ficar tudo para o governo, mas de advogados, um **bando** de gente que vive farejando as **coisas** alheias para tirar proveito,

só queria socego, e do governo também. Exactamente como dos policiaes, das modas, do direito de ser conselheiro municipal e do resto, desde que o resto não **compreendesse** casas à venda na cidade.

la sempre **examinar** as casas à venda que lhe indicavam, examinava por fora, plantado no meio da rua, percorrendo com os olhos vivos a fachada, o telhado, as portas e janellas, o terreno. la **{Rasura silenciosa}** as casas e ainda ia lesto, menos **{Rasura silenciosa}** que uns mezes antes, e mais **andava** mais secco.

O dinheiro do palacete estava no banco, já quasi **inteiramente**.

Outras casas viriam.

- Os alugueis, Barbosa. Com os alugueis accumulados, você acaba comprando ruas inteiras, homem de Deus!

Se a idéa do testamento lhe vinha, ✓ **e vinha-lhe pouquissimas vezes**, era como a idéa da morte, não lhe ficava mais tempo no cerebro do que ✓ **fica** um relampago no céu.

CAPITULO IX

Coutinho, em S. Paulo, continuava a achar que o tio estava muito acabado, depois da gripe.

- Aquella tossezinha a toda a hora, heim? Diz que é do cigarro... Sei lá se é do cigarro! Mas se não ha testamento, tanto fez como tanto faz.

O que Coutinho queria dizer com o seu “tanto fez como tanto faz” não é muito facil assim de adivinhar, porque se a alguns pode parecer que a elle, em não havendo testamento, pouco lhe importava a origem da tosse, já outros entenderão e talvez não entendam mal, que o corpulento policia **confiava** simplesmente ✓ **na acção** daquelle tossir **continuado**, viesse do fumo ou de onde

fôsse, visto que o fumo, em muitos casos, no caso por exemplo de Barbosa, também possui os seus prestimos. A alma de um agente da Segurança Publica por certo que tem alysserces insondaveis, como qualquer outra, e o “tanto fez como tanto faz”, se presta facilmente a controversias.

Coutinho confiava na tosse, mas deixou de pensar nella, para pensar em coisa muito diferente, depois de uma deligencia em que tomou parte na Villa Marianna umas tres ou **quatro** semanas após sua ultima viagem [sic] a Juiz de Fora. Ladrões arrombadores haviam assaltado um palacete da Villa Marianna, carregado joias no valor de muitos contos e deixado a dona das joias morta na cama, de onde não chegara a levantar-se durante o assalto. O medico legista, conduzido ao palacete de manhã cedo, com o delegado e a turma de agentes, concluiu que o roubo não tinha sido seguido de assassinato, que a mulher não fôra sequer tocada pelos assaltantes e que a morte se devia apenas ao susto.

- Cardiaca...

Na volta para a delegacia, no automovel, Coutinho conversou com o Doutor, conhecido velho.

- Então, Doutor, o susto...

- Pois então? Susto costuma tambem matar. Se eu fôsse contar os casos que conheço...

- Os cardíacos heim?

Quasi sempre os cardíacos, mas não precisa. Gente velha ou muito **alquebrada** ... Depois de uma doença **[illegível]** uma gripe forte...

21

Coutinho, desde ahi, não pensou mais na tosse, passou a pensar só no susto e nas consequencias do susto, muito uteis quando não ha testamento. E **uma noite** daquela **mesma** semana, talvez da semana seguinte, na rua Brigadeiro Tobias, num café frequentado pelos agentes da Segurança, perguntou **distrahidamente** a seu colega se não vira por ali o Perdigão.

Perdigão, ou **com varios anos de cadeia** , Boca Torta, era um especialista na abertura de qualquer cofre, mesmo dos mais **{Rasura silenciosa}** e de qualquer gaveta, sem deixar vestigios. Não gostava de deixar vestígios **por** isto é que tambem só carregava dinheiro, deixando de lado joias, relógios ou qualquer objeto de valor. De lado largava igualmente as apolices, **quando as encontrava**, para não perder tempo em excluir as nominativas.

Boca Torta, como outros do officio, era assiduo no café que os agentes frequentavam. As conversas e os entendimentos de ratoneiros ✓ **em liberdade**

e policiais em folga **constituem pratica antiga e corrente entre as duas classes** rivais e são de muita utilidade tanto para essas como para outras, pelas informações trocadas, ainda que a troca se faça sem muita lealdade.

O colega de Coutinho respondeu que Perdigão ainda não aparecera, mas não devia demorar.

Não demorou, com efeito, uns dez ou quinze minutos.

Entrou com gola da capa levantada, o chapéu **[Ilegível]**, os sapatos encharcados da chuva ✓ **miúda** que tombava lá fora. Esfregou energicamente os sapatos num dos capachos da entrada, sacudiu a capa, o chapéu e foi sentar-se uma das mesas do fundo, ✓ **para** onde Coutinho se dirigiu logo em seguida.

- Que ha de novo Boca Torta?

- Você é que sabe...

Que é que andou fazendo a noite passada?

- Estendeu-lhe o maço de

22

cigarros, Perdigão tirou um e accendeu no isqueiro de mola.

- Se tivesse trabalhado, você já sabhia, não me estava perguntando. A noite passada fui cedinho para casa, dormi como não sei o quê e hoje levantei tarde.

- As coisas não **andam** ✓ **lá** muito boas para vocês em **{Rasura silenciosa}**

Boca Torta, os jornaes não param de gritar e o policiamento não está nada canja ✓ **o pessoal das joias de Villa Marianna foi seguro mesmo dia**. Por que não sae uns tempos, para tomar ares? De vez em quando é bom dar o fora. Ainda mais você, que acaba de tirar tres vezes **[Ilegível]**.

- Esta **mais** é **querendo** saber se pretendo viajar e **para onde** vou.

Não vou viajar não. Por **aqui mesmo** me arranjo. Na Villa Marianna vocês **{Rasura silenciosa}[Ilegível]** porque foi joia. **Se fosse dinheiro {Rasura silenciosa}**.

Atirou a ponta do cigarro para o chão coberto de serragem, accendeu outro do seu proprio maço e olhou para o policia, esperando o resto.

O policia pediu cerveja, encheu os dois copos e disse para Perdigão, baixando a voz:

- Estou falando serio, Boca Torta. Você deve sahir. Uma viagem a Minas, uns dois ou tres mezes...

- Gosto pouco de Belo Horizonte.

- E Juiz de Fora?

- Nunca fui.

- Nunca foi o quê?

- Nunca, já disse. Será bom aquillo por lá?

- É minha terra, Boca Torta. Bom toda a vida. Sei de um golpe que, se você quizesse, não falhava...

Veio a segunda garrafa de cerveja, a terceira.

No fim da quinta garrafa, Perdigão perguntou:

- Rua do Sapo?

- Rua do Sapo, um barracão nos fundos.

- Se você não está mentindo **posso** ir ver. Barracão é sopa e canastra tambem.

Mas que interesse você tem nisso? Se **{Rasura silenciosa}**

23

algum fale logo. Se a coisa der para dividir....

Não é raro o intercambio de **terem fugas** nas duas classes, ladrões que se transformam em agentes e agentes que se fazem ladrões, por isso Perdigão tomava aquella liberdade.

- Mas não, Coutinho não tinha nenhum interesse, não queria dividir coisa alguma, exigia apenas que não houvesse violencia, fôsse qual fôsse.

- Só o susto.

- O quê?

- Nada, não disse nada.

- Você falou em susto. Que susto é esse agora?

- Susto nada. Falei que não quero violencia. **Se** o velho resistir ou puzer a boca no mundo, você cae fora. **Isso que** quero. Susto? Você **{Rasura silenciosa}** ouviu falar em susto?

Passava de meia noite quando os dois deixaram o café, ganhando a rua. Bocca⁹ Torta pegou um onnibus que deslisava maciamente por sobre o asfalto molhado e

⁹ Foram localizadas e respeitadas as variantes do registro boca, bocca.

Coutinho seguia pelo passeio, debaixo da chuva fina. Comprou um jornal da tarde na esquina, dobrou-o, meteu-o no bolso da capa.

Só o susto, violencia não...

A diferença que elle estabelecia entre esta e aquella podia ser grande, podia ser pequena, mas não adeanta medil-a. Basta saber que existia e que era sufficiente para justificar a preferencia pelo susto. Basta isso. Mesmo porque não seria difficil mostrar que existem seguramente, mesmo na alma de um policia, preferencias baseadas em diferenças ainda mais **[Ilegível]** do que essa.

Susto é uma coisa e violencia é outra. Se susto e violencia fôsem coisas identicas, Coutinho não dormiria aquella noite, e a verdade é que dormiu. Dormiu antes de haver lido sequer trinta linhas do jornal da tarde ou vinte.

CAPITULO X

Não foi susto, foi murro no peito mesmo em cima do coração.

Perdigão já havia **retirado**

24

da canastra de couro o dinheiro dos alugueis, já havia mesmo enfiado o dinheiro no bolso e fechado cuidadosamente a canastra, quando Barbosa accordou.

O luar, coando-se pela folhagem do abacateiro que dominava o barracão e infiltrando-se pelas frestas deste, punha clarões movediços na penumbra do commodo. Um dos clarões oscilava por sobre o rosto magro de Barbosa, soerguido no catre.

- Violencia não. Nada de violencia...

Nada de violência **{Rasura silenciosa}** era **conforme**. Sabia, por ouvir **falar** que as prisões em Minas não tinham nem a metade do conforto existente nas de S. Paulo.

✓ **E das de S. Paulo elle não gostava nem isto**. As **juntas** do catre estalaram, Barbosa ia erguer-se de todo, já abria a boca para gritar, quando o sôco partiu certo, seguido de dois ruídos cavos, o da pancada brutal no peito e o do corpo **cahindo** atravessado sobre o colchão. Nada de violencia, era se pudesse.

Perdigão ficou de pé, junto à canastra, olhando o corpo **inmovel** de Barbosa, por cima do qual o clarão balouçava lentamente.

Barbosa ✓ **atravessado no colchão, a cabeça apoiada na parede, o queixo fincado no peito**, não se movia. Perdigão, chegando-se ao catre, percebeu que também não respirava. Esperou mais um pouco, fechou a porta por dentro e saiu pelo telhado de zinco, arredando uma das folhas, que depois repôs no lugar.

Nada de violência, era conforme...

CAPITULO XI

Se “seu” Alipio da pensão da rua do Espirito Santo passasse **{Rasura silenciosa}** dias depois, naquele domingo de manhã, pelos fundos da casa da rua do Sapo, haveria de dar logo pelo mau cheiro. Mas “seu” Alipio

25

do Correio nem morava mais na cidade, tinha sido removido para Bello Horizonte, e foi uma das vizinhas que percebeu.

- D. Ritinha, que cheiro de coisa pôdre! A senhora não esta sentindo? Ha de ter alguma carniça ahi perto. Sera o gato que morreu?

Rita lavadeira largou o ajantarado que andava preparando na cozinha, chegou até à porta.

- Está um cheiro ruim mesmo d. Maria. Desde hontem de noite que senti. Que **será?**

O gato ✓ **da casa** de d. **Zilda não era**. Porque precisamente naquele momento saltava elle de cima do barracão de Barbosa e o terreiro como uma flecha, todo arrepiado.

Não era o gato, era Barbosa, dentro do barracão, atravessado na cama desde a noite de quinta para sexta.

As duas aproximaram-se do barracão de Barbosa, o mau cheiro aumentou muito, ambas taparam o nariz com a ponta do avental.

- E ahi dentro, d. Ritinha! O negocio é ahi dentro...

- Parece mesmo. Há dois dias que não vejo “seu” Barbosa, a porta vive fechada... Que será?

Appareceram logo outros vizinhos, formou-se um grupo com uma porção de crianças no meio e o Paulo já querendo trepar no telhado de zinco, para espiar pelas frestas.

Rita gritou:


- Desce, menino, desce dahi já depressa!

Paulo desceu e Rita disse:

- Gente, o melhor e chamar a policia, as vezes “seu” Barbosa está morto ahi dentro!

A policia veio, arrombou a porta, o delegado entrou com o lenço no nariz, acompanhado de dois soldados de um investigador. Barbosa **estava**

26

morto, na mesma posição em que Perdigão o largara, a cabeça apoiada na parede do fundo, os pés para fora do colchão, o queixo fincado no peito e a barba  **muito** crescida. Da bocca meio aberta escorria uma agua escura, com geito de sangue. Ninguém aguentava o mau cheiro.

É coisa corrente **{Rasura silenciosa}** a morte muita desculpa, mas o que parece é que ainda tem mais causa que desculpa, se é que não a mesma coisa desculpa e causa. Para Coutinho a causa foi susto, para Perdigão foi sôco e para a policia foi colapso. Prevaleceu **inmediatamente** opinião da policia, como prevaleceu a ordem por ella ditada, de **fazer-se o enterro** dentro de duas horas **porque** estava decompondo demais.

CAPITULO XII

No fundo da casa da rua do Sapo foi grande o rebuliço, vindo muita gente das outras ruas, **pois ainda por cima era domingo.**

- O enterro deve ser de primeira classe. O homem deixa dinheiro para isso.

- Não sei porque de primeira! Se o pão duro era dono da cidade quasi toda e morava nesse barracão para que agora enterro de luxo?

- Vamos ver se elle leva alguma casa para o cemiterio...

- Morreu de fome, para não gastar. Onde já se viu viver de media com pão de tostão a vida inteira?

- O sobrinho d'elle é que podia resolver sobre o enterro.

- O sobrinho está em S. Paulo, não dá tempo. É agente da policia, agora herda tudo e dá o fora. – Não sei se é elle ou se é o governo. Diz ahi que é o governo.

O homem da empresa funeraria tambem achava que o herdeiro seria o governo e declarou que só podia fornecer caixão de terceira...

- Não vê que depois é um trabalho dannado para ✓ **a gente** receber, tem o **inventario**, tem requerimento, tem sello e **não sei** mais o quê... Vae um caixão de terceira e olhe lá!

O caixão de terceira chegou

27

surgiram dois mulatos de boa vontade para botar nelle o corpo de Manoel Pinto Barbosa, assim mesmo como estava, e Rita lavadeira trouxe de casa um crucifixo e mais umas flores. Espalhou as flores por sobre o cadaver, limpou com um lenço a boca sanguinolenta, desdobrou depois o lenço **por** sobre o rosto arroxeadado. Collocou um tamborete a cabeceira e sobre elle o crucifixo, ladeado por duas velas de cera, das pequenas.

- É só por uma hora, mas não podia ficar ✓ **assim** sem **ela** e sem ninguem. Que elle tambem era christão...

- Sei lá d. Ritinha. Christao não vive agarrado desse **geito** ao dinheiro. E agora? Que é que elle vae levar para o outro mundo? **O sobrinho é que vae gosar com a herança.**

Rita lavadeira defendia Barbosa.

- Coitado! No era tanto assim. Pouco antes de morrer, sem que eu lhe pedisse nada, que até fiquei aborrecida, comprou um uniforme para o Paulo. Há muito pão duro por ahi, não era só elle...

- Estão dizendo que foi coração.

- Com certeza. Depois da gripe elle andava abatido. Tossia muito.

- Pois é. Tanta fortuna e morrer assim, sem ninguem ver, sem ninguem **tratar**. A senhora é que ainda olhava uma coisa, olhava outra.

- Qual! Não fiz nada demais não. A gente precisa ajudar uma mão lava outra, que este mundo ninguem sabe.

Dahi a nada o carro puxado por dois cavallos magros parou na rua, em frente à casa, o cocheiro entrou no terreiro com o ajudante, os dois mulatos juntaram-se a elles e os quatro levaram Barbosa dentro do caixão já **fechado** cuja passagem ia **deixando** no ar o cheiro terrível. Tres ou quatro vizinhos resolveram acompanhar, a **lavadeira**

28

foi até ao portão, enxugando os olhos vermelhos com a ponta do avental.

Seguiu o enterro, ao passo **[Ilegível]** dos cavallos velhos. Na rua do Sapo havia gente às janellas, mas nas ruas seguintes até chegar ao cemiterio, nas ruas onde os quarteirões **inteiros** pertenciam a Manoel Pinto Barbosa, ninguem via, ninguem reparou, só um ou outro transeunte tirava automaticamente o chapeó que enterro de indigente merece tambem respeito. Os inquilinos de Barbosa, aquella hora deviam de estar almoçando. **Quem não** almocou foi a lavadeira que nem ✓ **sequer** acabou de preparar o ajantarado, deu qualquer coisa ao filho para comer e disse que não iria mais dar o passeio combinado para os lados do morro de S. Bernardo. Ficaria para outro domingo.

Rita começou a arrumar os dois quartos do barracão, que **[Ilegível]** como casa de gente arranjada. Dinheiro que lhe sobrava era sempre para comprar uma coisa, comprar outra.

- A senhora gasta muito, d. Ritinha. Deve economizar, olhe o dia de amanhã.

- Gasto muito não. Gasto só o que ganho. Guardar para quê, se daqui ninguem leva nada? Para o anno talvez tenha mesmo que economizar, preciso botar o Paulo no Gynnasio. Gynnasio é caro, mas já arranjei com um freguez meu, que é professor no Granbery, para pagar só a metade.

Rita arrumou os dois quartos, mudou um objeto de logar, espannou outro, pendurou no cabide a capa azul de Paulo que estava em cima **da** cama d'elle e ia ligar o radio, no canto da mesa de passar roupa, quando ✓ **de repente** se lembrou de que Barbosa devia de estar sendo mettido na cova naquella hora. E então não ligou o radio, mandou o filho brincar na rua por perto e ficou ahi, **[Ilegível]** sem sahir **para** a **conversaço**

com as vizinhas. Mas de tarde já estava rindo, já estava cantando junto com o canario cabeça de fogo, em cuja, gaiola puzera uma folha de alface, já estava conversando um, com outro.

- Assim como **prometi**, sou capaz de levar **[Rasura silenciosa]** o Paulo no cinema. O passeio no morro de S. Bernardo fica para o domingo que vem! Esta semana agora vou ter serviço que Deus te livre!

O canario **parara** de cantar e Rita, sem sentir ligou o radio. Ligou para uma estação que tivesse musica, **porque** novella não gostava, tinha até raiva.

CAPITULO XIII

Aqui vae o capitulo treze e com elle um **piparote** na superstição. Este capitulo treze é o capitulo da felicidade de Coutinho ou mais propriamente dos desenfreados prazeres de Coutinho. É possível, ou mesmo provavel, que taes prazeres se prologuem até ao capitulo quatorze, mas no treze é que attingem o maximno e este máximo será o **piparote**. Dirá a superstição para defender-se ou para sophismar, que o capitulo foi **escolhido**[**llegível**], mas não foi. O **piparote** veio por acaso e é desta forma, não de outra qualquer, que mais gosta de vir.

O agente da Segurança Publica chegou a Juiz de Fora dahia quatro ou cinco dias, só o tempo de ser avisado, e tomou a melhor accomodação do Hotel Renascença, onde logo recebeu a visita pressunçosa de uma porção de advogados, que haviam tido vento de sua vinda. Coutinho escolheu na mesma hora tres, para que tudo corresse mais rapidamente, mas por proposta que lhe soprou ao ouvido um dos escolhidos, tem **como de uma** dannosa diluição de honorarios, entre tanta gente encarregada do inventario, acabou por contratar dois, muito **embora** o proponente **tivesse suggerido**

30

um apenas, que seria elle. O policia tirou a média e jantou com os dois no Renascença.

Pedi o melhor vinho da casa e ouviu dos advogados a affirmação ✓ **cabal** de que não fora encontrado nenhum testamento e **de** que o governo, ao contrario do que affirmaram invidiuos mal informados não herdaria nada teria somente os impostos e **sellos** da sua cessão, o que não parecia pouco. O herdeiro unico e legitimo era

Coutinho mesmo. Coutinho pediu a melhor sobremesa do Renascença e recommendou que tudo corresse então a **toque** de caixa.

Correu a **toque** de caixa, sim.

Dentro de uma **semana**, o **dinheiro** que Barbosa, **depositou** no banco foi posto à disposição de Coutinho. Não era muito, mas deu para comprar um automovel caro, de boa marca, e para mandar fazer tres ternos de casimira ingleza na primeira alfaiataria da cidade, sobrando ainda para o cassino e para os restaurantes noturnos, com mulheres e amigos de ocasião.

Com o intuito ✓ **apenas** de mostrar aos collegas e aos conhecidos de S. Paulo que estava rico, pois não tinha outro motivo para a viagem [sic], foi de automovel até lá e na volta amassou e **[ilegível]**o carro, ainda rebrilhante, contra um poste da estrada.

Ao regressar, os dois advogados lhe deram uns papeis que devia assignar e declararam que na semana seguinte tudo estaria terminado.

- Se quizer vender alguma casa, já pode.

Coutinho vendeu logo tres, pagou aos advogados com o **producto** de uma, sem achar caro o trabalho, com o producto da segunda comprou outro automovel de preço e guardou o producto da terceira.

Mas não guardou por muito tempo.

No passeio a S. Paulo estivera com uma cantora de radio,

31

pela qual andava embeijado havia tempos, embora não o olhasse ella com bons olhos ou por isso mesmo, e parecera-lhe que a dona, com a noticia da herança, se mostrara menos esquiva. Mandou vir a cantora. A cantora veiu, ficou quinze dias e **comeu** o producto da terceira casa. Para dizer as coisas com mais exactidão, não comeu só. Comeu e vestiu, porque quando o policia já **enfastiado**, a **mandou** de volta, o certo é que levou **muito** mais roupa, e **{Rasura silenciosa}** do **{Rasura silenciosa}** a que trouxera.

Como estivesse tudo, a essa altura, perfeitamente desembaraçado Coutinho vendeu o resto de um quarteirão da rua de santa Rita, por onde começara. No mesmo dia dessa operação, que foi muito commentada no Forum por motivo do preço baixo por que se fizera, atirou o automovel de encontro a um muro no Alto dos Passos, derrubou o muro e quebrou o braço de um homem que ia passando. Deu tres contos

pelo braço, para que não se falasse mais nisso, deu dois pelo muro e comprou o terceiro carro, que não queria agora, nem ficava direito, usar carros amassados e com retoque na pintura.

Se chegou a comprar o quarto carro?

Não, não chegou, porque tendo ido no terceiro a Petropolis, de noite, rolou com elle por um barranco, à beira do rio, e viu, que disse ter visto, a morte de muito perto, visão que lhe tirou o gosto pelos automoveis. Não tinha nenhum amor ao dinheiro, mas tinha muito à vida, ao contrario do tio. Sempre fôra a antittese do tio, salvo na idyosincracia

32

pela vida de familia, que se para um era espeto, como se sabe, para o outro era trambolho. **Estendeu a idyosincracia ao automovel** e não comprou mais nenhum.

- Agora, quando precisar de carro, tem muito ahi na praça.

Foi mesmo quando **saltava** de um carro de praça, na porta do Hotel Renascença, que dois senhores ✓ **uma tarde** se abeirava de Coutinho, dizendo-lhe que desejavam muito falar-lhe, para um negocio de importância.

- Entrem. Vão jantar comigo. Vão sim! Com certeza ainda não jantaram. Jantando a gente conversa melhor.

Deu cinquenta **mil reis** no “chauffeur”; recusou com um gesto ✓ **distraido** o trôco, tal como via fazer em S. Paulo aos sujeitos ricos que chegavam de carro ao cassino, e entrou, empurrando os outros pelo **ombro**.

- Vamos jantar!

Pegara-lhe a mania de convidar todo mundo para jantar, esse meio de estadear grandeza e generosidade, jantaram, pois, muito bem, e o negocio de importância foi explicado.

Tratava-se de um grande terreno em pasto, para as bandas do bairro de S. Matheus, e que Coutinho devia adquirir, arruar, retalhar em lotes para vender a prazo. A cidade carecia extender-se, já não havia mais espaço para construções no centro, e o senhor Coutinho, homem de recursos e de iniciativa, com toda a certeza não se recusaria a prestar semelhante serviço à sua terra. Um dos visitantes era topographo e já havia levantado a planta do terreno, o outro era corretor e garantia a venda de todos os lotes em pouco tempo, com muito lucro.

- Com a pratica que tenho...

Gostou Coutinho de que o houvessem chamado homem de recursos e de iniciativa, gostou ainda mais da oportunidade oferecida para gastar dinheiro á larga e declarou muito antes da sobremesa:

- Topo a proposta. Procurem- me amanhã cedo para agente ir ver o terreno. Juiz de Fora precisa

33

mesmo ir para deante. Em S. Paulo todos os dias estão construindo bairros novos...

- Foram no dia seguinte ver o terreno, pelo qual o dono pedia tresentos contos, sabendo muito bem que não valia cinquenta, e Coutinho, **animado** pelas observações dos dois senhores, fechou o negocio.

- Vae ficar um bairro bom e bonito. São doze ruas, duas praças com jardim e trezentos e oitenta e cinco lotes, disse o topographo, desdobrando a planta.

O corretor accrescentou:

- Posso vender os lotes **menores** a quinze contos, os piores a dez. **Pelo systema de prestações vae depressa. Faça a conta para ver...**

Coutinho fez a conta e viu que seriam quatro mil e tantos contos, o que o levou a dar a escriptura do palacete da avenida Rio Branco, o mesmo pelo qual Barbosa sacrificara a cerveja domingueira, a um pretendente que o vinha trazendo de olho. Pretendentes não faltavam, antes **[Ilegível]**, para todas as casas que o policia desejasse passar adeante, por ter corrido a noticia de que elle as passava habitualmente por qualquer preço, contando que fôsse a dinheiro de contado. E dinheiro de contado por igual jamais falta, antes **[Ilegível]** sempre, para certos negocios.

No dia da escriptura do palacete muita gente affirmou que Barbosa estremeceu no fundo da cova. Se de fato estremeceram os ossos de Barbosa, a assignatura de Coutinho, no livro do tabelião nada teve de tremida, foi até muito firme.

Os commentarios enchiam o Forum do seu zum-zum, do Forum passaram para a rua Halfeld e desta para toda a cidade.

- Já vendeu mais de metade!

- Não dou mais dois mezes.

34

E tudo estará torrado, sem ficar uma só...


- Boa ocasião de aproveitar, para quem tem dinheiro.

- Está ahi no que deu o pao-durismo do tio. Sujeito burro! Quando se diz que na pataca do avarento o diabo tem tresentos e vinte não é à tãa.

Coutinho abriu escriptorio na rua Halfeld para vender os lotes, botou annuncio de pagina inteira nos jornaes e escolheu para o novo bairro o nome de Villa Paulista, ao que o corretor obtemperou ser muito mais moderno Jardim do que Villa, pelo que ficou sendo Jardim Paulista. E como estivesse um tanto fatigado com toda aquella historia de lotes, de prestações, de plantas e de gente que o procurava a toda hora resolveu ir fazer uma estação de aguas em S. Lourenço, deixando o corretor encarregado de tocar para frente o negocio. Em S. Lourenço esbanjou uma casa ou casa e meia. Esbanjou duas com um pulo que de S. Lourenço deu ao Rio.

Voltou, passado um mez, e verificou que o corretor não tocara o negocio ou tocava muito pouco. Só dez ou doze lotes vendidos, a prestações de cincoenta mil réis por mez, algumas dellas ainda não pagas, e nem uma só construção iniciada.

A hora que começarem a construir, a coisa vae. O senhor podia mandar fazer umas tres ou quatro casas baratas na rua A ou na rua B, como chamariz. E aumentar a propaganda.

Coutinho vendeu um sobrado da rua Halfeld, botou  **novos** annuncios e contratou seis casa do mesmo typo com um construtor especializado. Mas o Jardim Paulista não

35

ia, o terreno era de muito morro, o bonde ficava longe, não havia agua, nem luz, não havia nada que attrahisse compradores, nem os annuncios, nem as construções iniciadas.

O corretor desanimou, o topographo tambem.

- Está parecendo que tem caveira de burro...

O construtor especializado achou por sua vez que era mesmo caveira de burro, mas acrescentou que em todo o caso, já que estava mettido de certo modo naquillo, se o senhor Coutinho quizesse...

- Quizesse o quê?

- É uma offerta... Se o senhor quisesse por tudo trinta contos... Tem formiga como o diabo naquelle terreno! Nunca vi tanta. Se o senhor quizesse trinta e cinco, à vista...

Acceitou Coutinho os trinta e cinco à vista e foi dar um segundo passeio a S. Paulo. Se foi atraz da mesma cantora de radio, ou de uma outra, não se soube. Mas houve cantora, porque mesmo de lá vendeu elle mais duas casas da rua da Imperatriz, por meio de procuração a um dos advogados do inventario, o mesmo que lhe segredara não serem precisos tres para o serviço, ✓ até nem dois. A cantora não dormiu, deu rapidamente conta das duas casas, fora os trinta e cinco contos do Jardim Paulista porque o sobrinho de Barbosa regressou ao fim de vinte e um dias exactos.

Na tarde mesma do regresso vendeu a casa da rua do Sapo e o comprador, allegando que a vida estava encarecendo cada vez mais em Juiz de Fora, **aumentou** o aluguel do barracão de Rita lavadeira de trinta mil réis para

36

quarenta e cinco.

- É por ser para a senhora d. Ritinha. Olhe que, para outra pessoa qualquer, não deixava por menos de sessenta. Ha muita falta de casa na cidade...

Rita concordou, pagaria os quarenta e cinco, havia mesmo muita falta de casa.

- Desaforo do homem, d. Ritinha! Como é que **aumenta** assim dessa maneira, sem dar prazo, nem nada? Tambem o diabo do governo não olha para estas coisas!

- Ora, d. Zilda! Isso é assim mesmo, não adeanta a gente ficar nervosa. Eu não fico nervosa à tôa, que não quero agora perder minha saúde. A gente trabalha mais e paga. Gosto muito disto aqui e nunca pensei em mudança.

O canario cabeça de fogo estava silencioso, saltitando de um poleiro para outro, sem parar. Rita ensaiou um começo de canto e elle partiu num gorgueio longo, interminavel, enchendo de alegria os fundos da casa da rua do Sapo.

- Pois é, d. Zilda. Neste domingo agora estou com um passeio marcado lá para os lados da Bomba de Fogo. Se a senhora quizer ir...

Não, d. Zilda não queria, estava ✓ era nervosa ✓ e preocupada com o **aumento** do aluguel, não fôssem tambem **aumentar** o della!

- Tambem este diabo deste governo que não olha nada.

O canario cessara enfim de cantar.

Rita foi para o tanque de roupa, mas antes ligou o radio, para ouvir musica enquanto lavava.

- Deste mundo nada se leva, d. Zilda!

37

CAPITULO XIV

Se a cantora de radio de S. Paulo não dormiu, Perdigão custou muito a acordar e quasi que não chegava a tempo, porque ao desembarcar em Juiz de Fora já não existia nem mais um quarteirão, apenas casas esparsas em duas tres ruas. Casas esparsas e nenhuma dellas no centro.

- Você por aqui?

- Pois então? Quem é vivo sempre aparece!

Coutinho recebeu Boca Torta de pé atrás, com hostilidade igual à Barbosa, antigamente, por ocasião das visitas do sobrinho, senão mais. Andava agora de muito mau humor e o prazer da dissipação, que tanto o deleitava, já não era mais prazer propriamente, mas uma espécie de raiva ou furor. Dera-lhe a raiva de esbanjar depressa, de esbanjar o mais rapidamente possível, sem maiores contemplações.

- Ainda accabo torrando o resto de uma vezada!

Ao ver Boca Torta, percebeu logo que o especialista em cofres fortes tinha vindo em busca de dinheiro e collocou-se na defensiva, disposto a negar. Por que disposto a negar, se não conhecia maior delicia do que a de atirar pela janella quarteirões inteiros? Naturalmente porque a surda rivalidade entre o policia e o ladrão sopitava nelle o gosto de desbaratar ou então porque, se o avarento não cede nunca, já o perdulario tem, ✓ **ou costuma ter**, os seus momentos de fraqueza. Por isto ou por aquillo, estava bem resolvido a não dar sequer um vintem. Mas deu dez contos.

- Que é que eu vim fazer? Você, se não fôsse tão ingrato, devia saber melhor do que eu!

38

Perdigão disse ✓ **isto** com voz macia, quasi untuosa, e assentou-se familiarmente na cama de Coutinho, pois a entrevista era no quarto deste, que certos negocios, na opinião tanto de um como de outro, não se tratavam em salão de hotel, sempre muito cheio de gente.

- Se quer dinheiro, fique sabendo que não tenho.

- Mas ainda tem casas, amigo Coutinho. Ainda tem, que eu sei. Você foi ingrato, não me avisou a tempo, quase que chego tarde, heim? Nunca vi ingratidão assim! Se não fôsse o murro...

Coutinho, que ia responder com quatro pedras na mão, não respondeu nem com duas, nem com uma.

- Murro? Que historia é essa ✓ **agora** de murro?

- Susto, homem! Se não fôsse o susto... Eu falei em susto, não falei em sôco. Você é que anda com sôco ahina cabeça.

Como naquela noite, **velha** de quatro ou cinco mezes, da rua Brigadeiro Tobias, no fundo do café, entrou ✓ **Coutinho** de fazer novamente distinção entre susto e violencia, ou entre susto e murro, e decerto mergulharia em profundas cogitações a respeito se não fôra primeiro, a presença de Bocca Torta a espera de uma solução que nada tinha de metaphysica e se não fôra, depois a perfeita inutilidade de qualquer conclusão a que pudesse chegar.

- Agora, Coutinho, é tarde e não adeanta nada. De que serve, agora, a diferença? Agora, tanto fez como tanto faz...

Ouvia a voz interior que lhe

39

dizia isto ✓ **com** mellifluidade, acreditou imediatamente nella e passou adeante.

- Olha ahi, Bocca Torta, vou lhe dar os dez contos, mas fique sabendo que não é por medo não. Dou porque quero. E fique tambem sabendo que é a primeira e a ultima vez. É bobagem voltar aqui outra vez, porque posso perder a cabeça e dizer à policia como é que a coisa **foi**.

- Ser você disser, não me custa dizer ✓ **tambem** o nome de quem me indicou o negocio, ora esta!

- É? Você tem alguma testemunha ou algum documento meu? E onde é que você já viu ladrão da sua especie enrolar policia como eu? Dou-lhe os dez contos e você mette logo a cara!

Perdigão metteu logo a cara, que para fazel-o tinha nada menos de tres motivos bastante ponderaveis. O primeiro era que não possuia com effeito, nem testemunha,

nem documento, o segundo era que a policia poderia muito facilmente enjeitar o colapso para perfilhar o murro, e o terceiro, enfim, era que os quarteirões já estavam mesmo acabados e muito bem acabados. Este ultimo, a seu ver, tinha mais força persuasiva do que os outros dois reunidos.

Coutinho desfez-se da anti-penultima casa, deu os dez contos a Perdigão e Perdigão deixou Juiz de Fora com a intenção firme, e decerto judiciosa, de não mais voltar.

- Fui burro, isso fui mesmo. Se viesse quando ainda havia quarteirões...

Como se via, o sobrinho do fallecido Barbosa não chegou a ser propriamente embaçado pelo arrombador de cofres, mas deu-lhe na telha, por

40

isto ou por aquillo, ter sido realmente derrotado pelo outro, com o que mais se lhe aggravou a furia, ou a volupia, do esbanjamento e agora por meios extravagantes.

Não contente de ✓ já ser procurado todos os dias que Deus dava por portadores ou portadoras de listas para tudo quanto havia, ou houvesse, listas que assignava regiamente fogando logo, não contente com isso, entrou uma tarde na Charutaria Campos, na rua Halfeld, onde era costume ficarem as **[ilegível]** à disposição dos **[ilegível]** espontaneos ou eventuaes, e perguntou se não tinham por acaso alguma naquelle momento.

- Temos ahi uma para as missões no Amazonas, um facão dos índios.

- Pois ponham lá um conto de réis. Ponham logo dois!

Assignou, pagou os dois contos e foi olhar no mostruario uns cachimbos inglezes, acondicionados em estojos de camurça. O caixeiro disse que eram quatrocentos e trinta mil réis cada um.

- Mas o senhor só fuma charutos, com certeza não vae querer...

- Embrulhe meia duzia delles, tres destes pretos e tres ali daquelles côr de castanha.

Nessa mesma tarde scandalizou a rua Halfeld, de cachimbo na boca e vestido de pyjama, um pyjama de seda carmezim, de alto preço, como nunca se vira igual no Hotel Renascença ou noutra qualquer da cidade. Não estava todo de pyjama, para dizer a verdade. O paletó é que era do pyjama, as calças não, as calças

41

eram de um **honesto** e fino linho branco. Mas o paletó estava largamente aberto no peito **hirsuto** e isto, com o carmezim violeta, é que scandalizou a rua.

Está passando **{Rasura silenciosa}**

- A policia deveria ver isso...

A policia não viu nada e Coutinho, com estas e outras extravagancias, que deixaram um **{Rasura silenciosa}** mais teve que vender a penultima casa.

A ultima, um sobrado na rua Halfeld, é que era a menina dos olhos de Barbosa, não se falando no palacete, a ultima, depois de uma noitada com mulheres e champanha, quem della deu cabo foi a roleta, já de madrugada. Não precisamente a roleta, mas a teimosia de Coutinho em não abandonar o 27 pleno ✓ **durante** duas horas seguidas. O 27 pleno mostrou-se mais teimoso do que elle e não deu. Mesmo porque o banqueiro, desde o começo, não queria que desse.

CAPITULO XV

Pois é assim, as fortunas fazem-se e desfazem-se. Se algumas vezes se fazem rapidamente, a regra jamais foi essa. A regra é desfazerem-se bem mais depressa do que se fazem, sobretudo quando ha um sobrinho.

Houve o sobrinho e corre que lá está de novo em S. Paulo, como agente da Segurança Publica. O que não consta é que, mordido pelo enfado, lhe deserte as fileiras um dia destes e passe ✓ **com armas e bagagens** ao campo adverso. Mas nem tudo consta.

#Setembro de 1947

Gilberto de Alencar

4 CONCLUSÃO

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade

O que ficaram são apontamentos de uma pesquisa enriquecedora em que todas as propostas elencadas foram alcançadas. Importa registrar o entusiasmo da pesquisadora em defrontar-se com o universo da Crítica genética, essa teoria que abarca um manancial ilimitado de possibilidades de se ler um texto.

O privilégio de tomar contato com os possíveis baús de memórias que a franquia em museus de literatura possibilita; o contentamento de revirar os papéis amarelados pelo tempo que carregam os cheiros da memória, que guardam segredos, emoções, que conduzem lembranças que podem tornar-se histórias, tudo isso, juntamente com a possibilidade de identificar as entrelinhas do processo de criação, de captar o que ninguém viu ainda; partindo da rasura, que é um total fetiche para todo o geneticista, que instiga a imaginação a pensar o que impeliu o autor elaborar novas versões de um mesmo texto. O ato de tomar em mãos o manuscrito e percorrer parte do caminho que o autor trilhou, acompanhando suas dúvidas, observando o registro de acréscimos de palavras, períodos e parágrafos, proporcionou à pesquisadora o deleite de acompanhar parte do processo de criação da novela.

O abrir e fechar do baú da produção de Gilberto de Alencar onde estavam guardados os registros de **O crime da rua do Sapo** representou para a pesquisadora um reencontro com a memória individual gilbertiana e coletiva juiz-forana enquanto representação de uma das histórias que formam o manancial de preservação da vida da cidade de Juiz de Fora com seus aspectos e ações.

A pesquisa elencou a importância das ruas para as cidades, neste contexto, houve a necessidade de buscar, investigar em obras, plataformas digitais, menções que revelavam perfis de uma rua da cidade, a Rua do Sapo.

A princípio, a pesquisadora enfrentou certa dificuldade para tal recolha de dados, que pudessem subsidiar a proposta de investigação e elaboração das edições *Princeps* e Diplomática mas à medida que as etapas foram avançando, foi-se delineando o trabalho criterioso de captação de referências sobre a Rua do Sapo.

E houve expedição exploratória no acervo do escritor, assim como em jornais e demais meios literários; a fim de estabelecer vestígios de possíveis inferências com a

realidade, de relações, mesmo sabendo que se tratava de uma narrativa ficcional, e este estabelecimento é outorgado ao geneticista que aos poucos vai (re)descobrimo, interpretando as lacunas, as rasuras que estavam escondidas ou cristalizadas no documento.

Assinala-se ainda que a elaboração da edição Diplomática exigiu da pesquisadora muitas visitas ao MAMM – Museu de Arte Murilo Mendes – a fim de transcrever a novela na íntegra, conferir várias vezes a transcrição e adaptar-se à caligrafia de Gilberto de Alencar.

Importa registrar que a acessibilidade ao acervo do escritor mineiro foi prontamente franqueada pela instituição museológica, o que facilitou o desenvolvimento do trabalho; e posteriormente, a aquisição da autorização das fotocópias dos *fólios* da novela inédita.

Estas facilidades permitiram que fluísse mais a atividade cuidadosa, repetida diariamente por vários meses, de debruçar sobre a escrita, a fim de decifrar, decodificar, copiar, deletar, copiar novamente o texto novelístico, a fim de descomplicar a dúvida de grafia, assegurando maior fidedignidade à transcrição.

Rumando para a finalização do trabalho, surgiu a necessidade de recolha de material que contribuísse para a elaboração de um perfil diferenciado de Gilberto de Alencar, para isso, a pesquisadora retorna ao MAMM – e percorrendo com a ajuda da funcionária do setor, os arquivos do escritor, foi encontrado material suficiente que enriqueceria esta proposta. E este acontecimento só foi possível porque alguém seja familiares ou terceiros dispuseram-se a arquivar, e posteriormente alocar no MAMM, as memórias de Gilberto de Alencar. Percebe-se com isso a relevância de casas museus que guardam as memórias culturais da humanidade. E todo esse trajeto, proporcionou à pesquisadora a sensação de obter em mãos o próprio tempo, pois a narrativa traz o passado para o momento presente: o da leitura.

Outro fato é de que a pesquisa se configura como uma forma de preservação da memória social, individual/coletiva, encerrando-se como um instrumento de recolha cultural, pois promoveu um resgate histórico que permitiu um acesso ao passado, trazendo dele, recortes tão expressivos que ajudam a compreender o momento presente em sociedade.

Portanto, após as considerações, acredita-se que a pesquisa é muito relevante para o meio acadêmico, pois pode promover reflexões e discussões que contribuirão para o referencial de análises literárias, para repensar a consciência coletiva em relação

à importância das raízes culturais para a preservação da história. E mesmo que os manuscritos deixem de existir pela ação do tempo, a pesquisa inserida em plataforma digital, nos arquivos da instituição museológica, garantirá uma outra condição de guarda e durabilidade que representará o existir de uma voz, caracterizando-se como marcas de uma época que podem permanecer além do tempo real.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.1. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.4. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.5. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.6. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.7. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.9. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.10. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.11. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.16. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.17. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.19. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.20. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.21. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.22. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.23. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.24. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.25. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.26. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.27. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.28. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.31. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.32. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.35. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.36. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. [Entrevista cedida a] Lucio de Freitas em o **Jornal Diário da Tarde**. Belo Horizonte, datado de 02/02/1958.

ARAÚJO, Cássia Aparecida Braz. **Gilberto de Alencar: faces de um intelectual**. Orientadora: Ivete Lara Camargos Walty; Coorientadora: Moema Rodrigues Brandao Mendes. 2018, 245 f. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS), Belo Horizonte, 2018.

ARAÚJO, Cássia Aparecida Braz. **Do intertexto literário, ao diálogo interdisciplinar entre Cidade do sonho e a melancolia, de Gilberto de Alencar, Boca de chafariz, de Rui Mourão, e a História de Ouro Preto**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandao Mendes. 2013, 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Juiz de Fora, 2010.

ARAÚJO, Luciana Kuchenbecker. O que é literatura? **Mundo Educação**, 2018. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/o-que-literatura.htm>. Acesso em 31 out. 2018.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Escrita de si. Escrita da História. Revista Estudos Históricos da Fundação Getúlio Vargas. v. 11, n. 21 de 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em 08 de julho de 2019.

BIASI, Pierre-Marc. **A genética dos textos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

BRAYNER, Sônia. TEXTO DE APRESENTAÇÃO. **Carlos Drummond de Andrade** – Coleção Fortuna Crítica 1. Direção Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMBRAIA, César, Nardeli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO Antonio. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul, 2015.

CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. A preservação Documental no Brasil. Notas para uma reflexão histórica. **Acervo**. Rio de Janeiro: v.23, nº 2, p.31-46, julh/dez. 2010.

Disponível em
<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/24>
Acesso em: 06 de julho de 2019.

CID, Wilson. **À margem do Paraibuna**. Juiz de Fora: Templo, 2018.

CID, Wilson. A rua do Sapo [Entrevista cedida a] Andréa Ferreira Carvalho Falconi. Residência do entrevistado, Juiz de Fora, 14 out. 2019.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionários de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**. Uma impressão Freudiana. Tradução, Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2001.

DIAS, Reginaldo Benedito. **A história além das placas**: os nomes de ruas de Maringá e Memória histórica. **História & Ensino**. Londrina, v. 6, p. 103-120, out. 2000.

Disponível: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12393>.
Acesso: 30 de julho de 2019.

FALCONI, A. F. C.; MENDES, M. R. B. Armazéns de lembranças: Baú de ossos, de Pedro Nava. **Analecta**, v. 3, p. p. 234-247, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. Trad. Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Nova Veja Ltda, 2000.

FRANCISQUINI, Gina Mara Ribeiro Quintão. **Registros intencionais**: diários de Gilberto de Alencar, revelações de um pensador. Orientadora: Moema Rodrigues Brandao Mendes. 2017, 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Juiz de Fora, 2017.

GUEDES, Gerson. **Juiz de Fora – vide urbe**, Juiz de Fora, 2012.

GOMES, Renato Cordeiro. A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema **Ipotesi**: revista de estudos literários, Juiz de Fora, v. 3, n. 2 - p. 19 a 30, Jul./Dez., 1999.

Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19219> Acesso em 23 de maio de 2019.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de crítica genética, ler os manuscritos modernos**. UFRGS, Porto Alegre/2007.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. *In: A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

HAY, Louis. **A literatura dos escritores**. Questões de crítica genética. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

HAY, Louis. A literatura sai dos arquivos. *In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.)*. **Arquivos literários**. Tradução. Renato de Mello. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

LESSA, Jair. **Juiz de Fora e seus pioneiros** – do caminho novo à proclamação. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora e Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, 1985.

MACIEL, Leila Rose Márie Batista da Silveira. **Ficção, história e imaginário em Tal dia é o batizado** (o romance de Tiradentes), de Gilberto de Alencar. Orientadora: Melania Silva De Aguiar. 2013, 212 f. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS), Belo Horizonte, 2013.

MENDES, Moema Rodrigues, Brandão. **Arqueologia da criação na construção do romance Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, de Gilberto de Alencar. Orientadora: Marlene Gomes Mendes. 2010, 253 f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

MENDES; QUINTÃO. Nas trilhas de Gilberto de Alencar. **CES Revista**. Juiz de Fora |v.1 n. 1 jan./jul. 2017.

MORAES, Antonio, Marcos. **Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade**: históricos e alguns pressupostos. UNESP-FCLAS – CEDAP, v.4, n.2, p.123-124, jun. 2009.

MOISÉS. Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.

OLIVEIRA, Paulino de. **Crônicas**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2001.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos**: memórias. Rio de Janeiro. Sabiá, 1973.

NAVA, Pedro. **Balão cativo**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1974.

NOLASCO, Barbara Barros Gonçalves Pereira. **Mário Matos e Gilberto de Alencar: memórias literárias e as missivas**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2017, 164 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Juiz de Fora, 2017.

OLIVEIRA, Paulino de. **Crônicas**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2001.

QUINTANA, Mário. **O mapa**.

Disponível em:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/quinta1.html>.

Acesso em: 10 mar. 2019.

REIS, Barbosa, Cláudia. Museus de literatura: construindo circuitos. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 18, n. 31, p. 78-88, jan/jul/ 2017.

Disponível em:

<http://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/1174/841>

Acesso em 07 de julho de 2019.

REIS, Carlos; LOPES, M. Cristina Ana. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Almedina, 2007.

RIO, João. **A alma encantadora da rua**.

Disponível em:

<http://biblio.com.br/conteudo/PauloBarreto/malmaencantadora.htm>.

Acesso em: 03 mar. 2019.

ROSESTOLATO, Marcia. **Renato Vianna e Gilberto de Alencar: a correspondência entre o sonho e a melancolia**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2015, 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Juiz de Fora, 2015.

SOUZA, Maria Cláudia Helena de. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho, de Gilberto de Alencar, e o Ateneu, de Raul Pompéia – leitura em movimento: incursões intertextuais e arquivo pessoal**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2013, 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Juiz de Fora, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VIOLA, Paulinho da. SAMBA. **Pecado Capital**. São Paulo: Som Livre, 1975. 1 CD.

WALTY, Ivete Lara Camargos; **A rua da literatura e a literatura da rua**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

WALTY, Ivete Lara Camargos; CURY, Maria, Zilda, Ferreira. **Intelectuais e vida pública**: migrações e mediações. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

ANEXO(S)

um vulto mais, que tudo. não se
 fazer. No grupo estão pedindo um
 uniforme novo para o Paulo, para uma
 festa que vai haver, e preciso de
 ganhar o dinheiro. São documentos para
 encontrar para lá no grupo!
 Alencar tinha Paulina, já havia
 bebido o caldo, comido a foga terna.
 — Por que se vai a casa
 não dá? Tem com a moler no
 grupo...
 — Que é isso? Não dá
 uma pecunia de escola da coisa,
 tem sua mãe que mora em Tullia,
 Urac, quer a Deus.
 um homem por ali, depois foi
 deitar-se, aí da graça.
 No dia seguinte, sábado
 cedo, quando tudo acabou foi loja de
 syrio na rua Alameda Dandara aqui de
 lá onde o que era um pequeno
 da compra um metro de tecido azul,
 era os calças, o preto e meio de
 mesmo para a blusa de um metro. Tem
 bom tecido, mas foi um certo para
 comprar, os sapatos de fona branca.
 — "Seu" Paulina, o senhor
 fez muito mal! Para me isto? Eu
 já estava com o dinheiro guardado
 da compra.
 — Mas eu quero dar o
 dinheiro ao menino, é, Paulina. Se
 eu não quiser dar, não dá...
 A Paulina não aceitava e
 o tio de Cotrimbo voltou de novo
 a casa, em busca de um dinheiro mais
 antigos.

CAPITULO VII

Por falar em Cotrimbo, vicia
 o agente da segurança pública, aquele
 ano, deu-se três vezes a Jesus de
 Fona, visitou Paulina, e se este estava
 por dentro mais acessível.
 — An' visto, a vez do sangue,
 heim?
 Mas Paulina, a cada visita,
 ficava mais esperta e mais agressiva,
 a ponto de perguntar ao salmeiro,
 que tanta visita era aquela e se
 a polícia, em S. Paulo, não tinha ido

ANEXO A - ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.16. Manuscrito.

